

MESTRADO  
EM PORTUGUÊS  
LÍNGUA SEGUNDA /  
LÍNGUA ESTRANGEIRA

**O uso do infinitivo flexionado por alunos hispanofalantes de português  
língua estrangeira de nível B1. Um estudo de caso**

**Leonardo Banacloche Giner**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA À  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM  
MESTRADO EM PORTUGUÊS LÍNGUA SEGUNDA / LÍNGUA  
ESTRANGEIRA**

**2016**

**Leonardo Banacloche Giner**

**O uso do infinitivo flexionado por alunos hispanofalantes de português  
língua estrangeira de nível B1. Um estudo de caso**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Estudos em Português Língua Segunda /  
Língua Estrangeira, orientado pela Professora Doutora Isabel Margarida Duarte  
e coorientado pelo Professor Doutor Rogelio Ponce de León

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2016

# O uso do infinitivo flexionado por alunos hispanofalantes de português língua estrangeira de nível B1. Um estudo de caso

Leonardo Banacloche Giner

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Estudos em Português Língua Segunda /  
Língua Estrangeira, orientado pela Professora Doutora Isabel Margarida Duarte  
e coorientado pelo Professor Doutor Rogelio Ponce de Leon

## Membros do Júri

Professora Doutora Isabel Margarida Duarte  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Maria de Fátima da Costa Outeirinho  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Dr.<sup>a</sup> Marta Pazos Anido  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores

*O uso do infinitivo flexionado por alunos hispanofalantes de português língua estrangeira de nível B1.  
Um estudo de caso*

*à D. Vitória e  
ao Vicente.*

## Sumário

|                                                                                                                     |      |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Agradecimentos.....                                                                                                 | v    |
| Resumo.....                                                                                                         | vi   |
| Abstract.....                                                                                                       | vii  |
| Resumen.....                                                                                                        | viii |
| Resum.....                                                                                                          | ix   |
| Índice de tabelas.....                                                                                              | x    |
| Índice de quadros.....                                                                                              | xii  |
| Índice de gráficos.....                                                                                             | xii  |
| Lista de abreviaturas.....                                                                                          | xiii |
| Introdução.....                                                                                                     | 1    |
| Capítulo 1 - O infinitivo flexionado português <i>versus</i> o infinitivo espanhol.....                             | 4    |
| 1.1. O infinitivo flexionado português.....                                                                         | 4    |
| 1.1.1. A questão do nome.....                                                                                       | 5    |
| 1.1.2. A questão do emprego.....                                                                                    | 8    |
| 1.2. O infinitivo espanhol.....                                                                                     | 11   |
| 1.3. O infinitivo flexionado português <i>versus</i> o infinitivo "pessoal" espanhol.....                           | 16   |
| Capítulo 2 - Enfoques metodológicos no ensino de línguas e a gramática como problema.....                           | 20   |
| 2.1. O papel da gramática no ensino de línguas.....                                                                 | 20   |
| 2.2. Aquisição e aprendizagem.....                                                                                  | 22   |
| 2.3. A interlíngua.....                                                                                             | 24   |
| 2.4. O tratamento do erro.....                                                                                      | 25   |
| 2.5. A transferência e a interferência.....                                                                         | 27   |
| 2.6. A didática das línguas.....                                                                                    | 28   |
| 2.7. Conclusão: a Gramática Pedagógica.....                                                                         | 30   |
| Capítulo 3 - O ensino-aprendizagem de português na <i>escuela oficial de idiomas</i> : o infinitivo flexionado..... | 32   |
| 3.1. Enquadramento do ensino de português na <i>Escuela Oficial de Idiomas</i> .....                                | 32   |
| 3.2. O infinitivo flexionado no manual <i>Português XXI</i> .....                                                   | 34   |
| 3.3. Caracterização do público-alvo.....                                                                            | 39   |

|                                                                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 3.4. Levantamento dos resultados.....                                                                              | 40 |
| Capítulo 4 - Apresentação e interpretação dos resultados.....                                                      | 43 |
| 4.1. Os resultados por exercício.....                                                                              | 43 |
| 4.1.1. O primeiro exercício (ficha 1).....                                                                         | 43 |
| 4.1.2. O segundo exercício (ficha 2).....                                                                          | 44 |
| 4.1.3. O terceiro exercício (ficha 3).....                                                                         | 45 |
| 4.1.4. O quarto exercício (ficha 4).....                                                                           | 46 |
| 4.2. Os resultados por aluno.....                                                                                  | 47 |
| 4.3. Análise das ocorrências incorretas.....                                                                       | 50 |
| 4.3.1. Substituição do infinitivo flexionado por formas verbais do conjuntivo.....                                 | 50 |
| a) Substituição de infinitivo flexionado por presente do conjuntivo.....                                           | 51 |
| b) Substituição de infinitivo flexionado por imperfeito do conjuntivo.....                                         | 54 |
| 4.3.2. Substituição de infinitivo flexionado por formas verbais do indicativo.....                                 | 57 |
| a) Substituição de infinitivo flexionado por presente do indicativo.....                                           | 57 |
| b) Substituição de infinitivo flexionado por pretérito perfeito simples.....                                       | 59 |
| c) Substituição de infinitivo flexionado por pretérito imperfeito do indicativo.....                               | 61 |
| d) Substituição de infinitivo flexionado por futuro imperfeito do indicativo.....                                  | 62 |
| 4.3.3. Substituição de infinitivo flexionado por infinitivo flexionado incorreto ou infinitivo não flexionado..... | 64 |
| 4.3.4 Espaços sem resposta.....                                                                                    | 67 |
| 4.4. Conclusão.....                                                                                                | 68 |
| 4.4.1. De um ponto de vista global.....                                                                            | 70 |
| 4.4.2. De um ponto de vista individual.....                                                                        | 71 |
| Capítulo 5 – Conclusão.....                                                                                        | 74 |
| 5.1. Possível explicação das causas dos erros realizados.....                                                      | 74 |
| 5.1.1. O manual de <i>Português XXI</i> como fonte do problema.....                                                | 74 |
| 5.1.2. As fichas de exercícios para a recolha de dados entendidas como <i>Work in Progress</i> .....               | 77 |
| 5.1.3. Hipótese do <i>Input</i> de Krashen.....                                                                    | 79 |

|                                                  |     |
|--------------------------------------------------|-----|
| 5.1.4. A Interlíngua de Selinker.....            | 79  |
| 5.1.5. O tratamento do erro de Corder.....       | 80  |
| 5.1.6. A transferência e a interferência.....    | 81  |
| 5.1.7. A didática das línguas segundo Ellis..... | 82  |
| 5.2. Possíveis soluções.....                     | 83  |
| Bibliografia.....                                | 86  |
| Anexos.....                                      | 90  |
| Anexo A.....                                     | 91  |
| Anexo B.....                                     | 95  |
| Anexo C.....                                     | 108 |

## **Agradecimentos**

Este trabalho teve um nascimento difícil e um desenvolvimento cheio de desafios até chegar ao texto que aqui se apresenta. Por isso, nunca é de mais – nem de menos – ficar agradecido com todas as pessoas que, direta ou indiretamente, participaram no progresso do trabalho e na consecução com êxito deste relatório.

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Isabel Margarida Duarte ter aceitado o meu pedido para ser a orientadora da minha dissertação. Nunca uma palavra, *orientadora*, aplicada a uma pessoa, esteve tão cheia de verdade e carregada de sentido: sem o seu apoio do princípio até ao fim, este trabalho não teria sido possível. Talvez, para muitos dos que estejam a ler estas palavras, lhes pareçam uma evidência, mas não é tal coisa quando esse apoio foi sempre incondicional e respeitoso para com o texto que se segue nas próximas páginas (e para comigo, teria de acrescentar), enriquecido com palavras de ânimo, paciência, incentivo, razão, ciência, enfim, sabedoria.

Em segundo lugar, agradeço ao Professor Doutor Rogelio Ponce de León que tenha sido o coorientador deste relatório. O professor Rogelio soube ver aquilo que, por circunstâncias culturais, poderia ter ficado longe da perspetiva portuguesa, o que foi requisito para enquadrar ambas as sensibilidades, a lusa e a espanhola, e fazer com que este trabalho fosse uma associação entre duas culturas e duas formas de ver um fenómeno linguístico tão próximo, mas também tão afastado como é o do infinitivo flexionado, para tentar chegar a um ponto em comum que tivesse proveito para os dois lados da raia.

Em terceiro lugar, fico agradecido à turma de B1 de Português do ano letivo 2014 – 2015: aos alunos que quiseram participar neste trabalho e, por diferentes circunstâncias, não puderam e, aos doze alunos que participaram: Carina, Carlos, David, Elvira, Esperanza, Lucía, Luís, Natalia, Pablo, Rosalía, Sara e Xaro. Sem a sua generosidade, cooperação e desempenho no momento de participarem neste relatório e ao longo do seu desenrolar, este trabalho tão-pouco faria sentido: sem eles não existiria esta dissertação tal qual é presentemente.

Finalmente, *last but not least*, à *Escuela Oficial de Idiomas* de Castellón de la Plana, por me permitir que pudesse realizar este trabalho sem obstáculos nem inconvenientes.

## **Resumo**

O presente trabalho tem como objeto tentar compreender o porquê das dificuldades que sentem os alunos espanhóis de português de nível B1 segundo o QECR numa *Escuela Oficial de Idiomas*, - enquadrado legal e pedagogicamente no sistema público espanhol de ensino de idiomas e, como tal, regulamentado por lei -, quando enfrentam o uso do infinitivo flexionado e que estratégias utilizam na sua aquisição e assimilação, a existirem tais estratégias, e que consequências derivam delas, se as houver.

Para isso, fez-se um trabalho de recolha de dados em que se verificou o desempenho de uma amostra de doze alunos voluntários de uma turma inserida no nível referido sobre o uso que fizeram do infinitivo flexionado em diferentes contextos com o intuito de obter resultados, sistematizá-los, avaliá-los e, a partir da sua análise, concluir que dificuldades apresentaram e como as solucionar de um ponto de vista didático.

Relacionado com isto decorrerá uma dupla via de análise teórica: por um lado, um estudo linguístico comparativo entre o infinitivo flexionado português e o infinitivo espanhol, no sentido de encontrar semelhanças entre a capacidade flexiva do primeiro e a possível pessoalidade do segundo. Com esta aproximação entre ambos, tentar-se-á encontrar um ponto de união e de partida que possa coadjuvar à compreensão da peculiaridade do infinitivo português por parte dos alunos hispanofalantes.

Por outro lado, aproximar-nos-emos aos enfoques metodológicos da didática das línguas que, de uma maneira ou outra, refletiram e tentaram concluir modelos de ação para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem de idiomas na segunda metade do século XX com o intuito de encontrar neles respostas e, talvez, a chave que permita compreender melhor a prática didático-gramatical em contexto de sala de aula.

**Palavras-chave:** infinitivo flexionado, infinitivo espanhol, português língua estrangeira (PLE), ensino e aprendizagem.

## **Abstract**

The aim of this thesis is to try to understand the reasons behind the difficulties encountered by Spanish students of Portuguese (B1 level, according to the EFRL) in an Official School of Languages, within the legal and pedagogical Spanish public system of foreign language teaching, and as such, regulated by law, when students face the use of the inflected infinitive; attention will be paid to strategies used for its acquisition and assimilation, if there were such strategies, and consequences derived from them, if this were the case.

In order to carry out this research, data about the use of the inflected infinitive was collected from twelve volunteer students in different contexts to demonstrate their performance, with the aim of obtaining some results, systematizing them and evaluating them, and based on their analysis, show the difficulties encountered, and solve them from a didactic point of view.

A double path of theoretical analysis will be followed: on the one hand, a comparative linguistic study between the inflected infinitive in Portuguese and the Spanish infinitive, with the aim of finding similarities between the inflected nature of the former and the possible linguistic personality of the latter. The purpose is to find a meeting point which will be a starting point to help Spanish students to better understand the peculiarities of the Portuguese infinitive.

On the other hand, attention will be drawn to the methodological approaches of language teaching, which, in one way or another, tried to devise practical models in order to improve the teaching and learning of languages during the second part of the 20th century, with the goal of finding answers and perhaps the key to better understand the didactic-grammatical practice within the classroom.

**Keywords:** inflected infinitive, Spanish infinitive, Portuguese as a foreign language (PFL), teaching and learning.

## **Resumen**

El objetivo del presente trabajo es intentar comprender el porqué de las dificultades que sienten los estudiantes españoles de Portugués del nivel B1, según el MECR en una escuela oficial de idiomas – enmarcado legal y pedagógicamente en el sistema público de enseñanza de idiomas y, como tal, regulado por ley – cuando se tienen que enfrentar al uso del infinitivo flexionado y qué estrategias utilizan para su adquisición y asimilación, caso existan esas estrategias, y qué consecuencias se derivan de ellas, si las hubiera.

Para ello, se hizo un trabajo de recogida de datos que sirviera para verificar cuál fue el desempeño de una muestra de doce alumnos voluntarios de un grupo del nivel referido sobre el uso que hicieron del infinitivo flexionado en diferentes contextos con la intención de obtener unos resultados, sistematizar estos y evaluarlos y, a partir de su análisis, concluir qué dificultades se dieron y cómo solucionarlas desde un punto de vista didáctico.

Relacionado con ello se seguirá una doble vía de análisis teórico: por un lado, un estudio lingüístico comparado entre el infinitivo flexionado portugués y el infinitivo español, con la idea de encontrar semejanzas entre la capacidad flexiva del primero y la posible personalidad del segundo. Con esta comparación se intentará encontrar un punto de unión y de partida que pueda ayudar a la comprensión de la peculiaridad del infinitivo portugués por parte del alumnado hispano-hablante.

Por otro lado, nos aproximaremos a los enfoques metodológicos de la didáctica de las lenguas que, de una manera o de otra, reflexionaron e intentaron concluir modelos de acción para la mejora del proceso de enseñanza-aprendizaje de idiomas durante la segunda mitad del siglo XX con la intención de encontrar en ellos respuestas y, tal vez, la llave que permita comprender mejor la práctica didáctico-gramatical contextualizada en la clase.

**Palabras clave:** infinitivo flexionado, infinitivo español, portugués lengua extranjera (PLE), enseñanza-aprendizaje.

## **Resum**

L'objectiu d'aquest treball és intentar comprendre el per què de les dificultats que experimenten els estudiants espanyols de Portuguès de nivell B1, segons el MECR, en una escola oficial d'idiomes -emmarcat legal i pedagògicament dins el sistema públic espanyol d'ensenyament d'idiomes i, com a tal, regulat per llei- quan s'han d'enfrontar a l'ús de l'infinitiu flexionat; i quines estratègies utilitzen per a la seva adquisició i assimilació, cas que es donin tals estratègies, i quines conseqüències se'n deriven de les mateixes, si n'hi haguessin.

Per a tal fi, es va procedir a recollir una sèrie de dades sobre l'ús que van fer de l'infinitiu flexionat en diferents contextos de dotze alumnes voluntaris que serveixin per a verificar quina va ser la seva funció i amb la intenció d'obtenir uns resultats, sistematitzar-los i avaluar-los i, a partir de l'anàlisi dels mateixos, concloure quines dificultats se'n van derivar i com solucionar-les des d'un punt de vista didàctic.

Relacionat amb allò se seguirà una doble via d'anàlisi teòric: d'una banda, es realitzarà un estudi lingüístic comparat entre l'infinitiu flexionat portuguès i l'infinitiu espanyol, amb la idea de trobar semblances entre la capacitat flexiva del primer i la possible personalitat del segon. S'intenta amb aquesta comparació trobar un punt d'unió que serveixi de partida per ajudar a una millor comprensió de la peculiaritat de l'infinitiu portuguès per part d'alumnat hispano-parlant.

D'altra banda, ens aproparem als enfocaments metodològics de la didàctica de les llengües que, d'una manera o d'una altra, van reflexionar i van intentar concloure models d'acció per a la millora del procés d'ensenyament-aprenentatge d'idiomes durant la segona meitat del segle XX amb la intenció de trobar en ells respostes i, tal vegada, la clau que permeti comprendre millor la pràctica didàctica de la gramàtica a l'aula.

**Paraules clau:** infinitiu flexionat, infinitiu espanyol, portuguès llengua estrangera (PLE), ensenyament-aprenentatge.

## **Índice de tabelas**

|                                                                                                                                                                                    |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Capítulo 4.....                                                                                                                                                                    | 43 |
| Tabela 4.1. Resultados por aluno e ficha de Infinitivos Flexionados corretos (%).....                                                                                              | 47 |
| Tabela 4.2. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Presente do Conjuntivo (%).....                                                             | 52 |
| Tabela 4.3. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Imperfeito do Conjuntivo (%).....                                                           | 55 |
| Tabela 4.4. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Presente do Indicativo (%).....                                                             | 57 |
| Tabela 4.5. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (%).....                                           | 59 |
| Tabela 4.6. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Pretérito Imperfeito do Indicativo (%).....                                                 | 61 |
| Tabela 4.7. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Futuro Imperfeito do Indicativo (%).....                                                    | 63 |
| Tabela 4.8. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por outras formas de Infinitivo Flexionado incorretas ou por Infinitivo Não Flexionado (%)..... | 64 |
| Tabela 4.9. Ocorrências sem resposta por aluno e ficha (%).....                                                                                                                    | 67 |
| Tabela 4.10. Número total de ocorrências do Conjuntivo sobre o total de erros por aluno e ficha (%).....                                                                           | 68 |
| Tabela 4.11. Número total de ocorrências do Indicativo sobre o total de erros por aluno e ficha (%).....                                                                           | 69 |
| Tabela 4.12. Número total de ocorrências de Infinitivo Flexionado incorreto, Infinitivo Não Flexionado e sem resposta sobre o total de erros por aluno e ficha (%).....            | 70 |
| Tabela 4.13. Resultados incorretos por aluno e ficha (%) e Infinitivos Flexionados na expressão escrita.....                                                                       | 72 |

|                                                                                                                                                                              |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Anexo B.....                                                                                                                                                                 | 95  |
| Tabela 1. Resultados corretos por aluno e ficha de Infinitivos Flexionados.....                                                                                              | 95  |
| Tabela 2. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Presente do Conjuntivo.....                                                             | 96  |
| Tabela 3. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.....                                                 | 97  |
| Tabela 4. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Presente do Indicativo.....                                                             | 98  |
| Tabela 5. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Pretérito Perfeito Simples do Indicativo.....                                           | 99  |
| Tabela 6. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Pretérito Imperfeito do Indicativo.....                                                 | 100 |
| Tabela 7. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Futuro Imperfeito do Indicativo.....                                                    | 101 |
| Tabela 8. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por outras formas de Infinitivo Flexionado incorretas ou por Infinitivo Não Flexionado..... | 102 |
| Tabela 9. Ocorrências sem resposta por aluno e ficha.....                                                                                                                    | 103 |
| Tabela 10. Total de ocorrências do Conjuntivo sobre o total de erros por aluno e ficha.....                                                                                  | 104 |
| Tabela 11. Total de ocorrências do Indicativo sobre o total de erros por aluno e ficha.....                                                                                  | 105 |
| Tabela 12. Total de ocorrências de Infinitivo Flexionado incorreto, Infinitivo Não Flexionado e espaços sem resposta sobre o total de erros por aluno e ficha.....           | 107 |
| Tabela 13. Total de erros por grupos de resposta sobre 230 erros possíveis (100%).....                                                                                       | 107 |
| Tabela 14. Resultados incorretos por aluno e ficha e Infinitivos Flexionados na expressão escrita.....                                                                       | 108 |

## **Índice de quadros**

|                                                            |    |
|------------------------------------------------------------|----|
| Capítulo 1.....                                            | 4  |
| Quadro 1.1. O infinitivo português segundo a GT.....       | 7  |
| Quadro 1.2. O infinitivo português segundo a GG.....       | 8  |
| Quadro 1.3. O infinitivo espanhol a partir de Fidalgo..... | 16 |

## **Índice de gráficos**

|                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Capítulo 4.....                                                                       | 43 |
| Gráfico 4.1. Ficha 1. Total de respostas corretas por aluno sobre 15.....             | 43 |
| Gráfico 4.2. Ficha 2. Total de respostas corretas por aluno sobre 7.....              | 44 |
| Gráfico 4.3. Ficha 3. Total de respostas corretas por aluno sobre 9.....              | 45 |
| Gráfico 4.4. Ficha 4. Infinitivos Flexionados por aluno.....                          | 46 |
| Gráfico 4.5. Total de respostas corretas por aluno (três primeiras fichas).....       | 49 |
| Gráfico 4.6. Total de respostas corretas por aluno nas três primeiras fichas (%)..... | 49 |
| Gráfico 4.7. Total de erros por grupos de respostas (%).....                          | 70 |

## **Lista de abreviaturas**

EOI – Escuela Oficial de Idiomas

GG – Gramática Generativa

GT – Gramática Tradicional

L1 – Língua primeira

L2 – Língua segunda

LE – Língua estrangeira

LM – Língua materna

LS – Língua segunda

PE – Português Europeu

PLE – Português Língua Estrangeira

QuaREPE – Quadro de referência para o ensino de Português no estrangeiro

QECR – Quadro europeu comum de referência para as línguas

*O uso do infinitivo flexionado por alunos hispanofalantes de português língua estrangeira de nível B1.  
Um estudo de caso*

Tem finalmente a Portuguesa hum Infinitivo  
que o uso corrompendoo fez pessoal.  
& delle carecem as linguas, de que tenho noticia.

Methodo Grammatical para todas as Linguas

Amaro de Roboredo (1619)

## **Introdução**

O infinitivo flexionado português é um tempo verbal que não existe em espanhol e, portanto, costuma dar bastantes problemas de compreensão e assimilação aos aprendentes espanhóis que decidem encarar a aprendizagem do português como língua estrangeira (PLE); problemas que se pantenteiam, num primeiro contacto, a nível linguístico e, num sentido mais alargado no tempo, a nível da comunicação, oral e escrita.

O presente trabalho tem como objeto de estudo abordar o infinitivo flexionado português com o intuito de examinar e avaliar as dificuldades apresentadas nos alunos de PLE que cursam o primeiro curso do nível B1 (segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas – QECR) na *Escuela Oficial de Idiomas* (EOI) de Castellón de la Plana em Espanha.

O estudo foca-se no início do curso primeiro do nível B1. Contudo, o problema tem a sua origem durante o segundo curso do nível A2, imediatamente anterior no tempo, em que o grupo selecionado para a realização deste estudo teve contacto e aprendeu as primeiras noções do infinitivo flexionado e, em consequência, no momento presente deste relatório, já o conhece e trabalhou naquele curso.

Por outro lado, dado que o processo de ensino-aprendizagem se deu sempre em contexto de sala de aula, daí decorre que as dificuldades que os alunos encontraram na realização do uso do infinitivo flexionado fossem sempre em contexto educativo e, como tal, convém ressaltar que as conclusões que se possam extrair deste trabalho sê-lo-ão na medida em que se inserem neste contexto. Nesta linha de ação, a vocação desta dissertação é, por um lado, circunscrever o problema a partir das conclusões obtidas com base nos dados objetivos recolhidos e, por outro lado, tentar procurar soluções que ajudem os alunos na aquisição e realização do infinitivo português.

Após uma abordagem teórica em que se faz uma aproximação do infinitivo flexionado português, em comparação com o infinitivo simples espanhol; e em que se delimitam os principais modelos teóricos que se aproximaram ao ensino de línguas e à sua aplicação em contexto de sala de aula, entrar-se-á na proposta de investigação propriamente dita. Os doze alunos voluntários que se prestaram a este projeto realizaram de maneira sucessiva ao longo de quatro semanas e quatro fichas de trabalho, uma série de exercícios propostos sobre o

infinitivo flexionado que tiveram de responder e trabalhar.

Na análise dos resultados, apresentados em tabelas e comentados oportunamente, ver-se-ão os usos que os alunos realizaram, e tentar-se-á descobrir o porquê dos desvios apresentados, sejam quais forem as razões que os levaram a responder como o fizeram.

A hipótese geral deste trabalho é tentar demonstrar que os estudantes espanhóis de PLE num nível B1 de QECR apresentam uma estratégia de evitação face ao infinitivo flexionado por causa de não saber como usá-lo na escrita, apesar de conhecerem os fundamentos gramaticais na formação do infinitivo flexionado e que os erros cometidos na escolha de formas verbais finitas em substituição de infinitivos flexionados responde à transposição de estruturas do espanhol numa clara referência à interlíngua.

### **Estrutura do relatório**

No primeiro capítulo analisa-se o infinitivo flexionado português, nomeadamente, duas questões que lhe dizem respeito: o nome e os usos, por serem estes dois aspetos fulcrais, diretamente relacionados com o infinitivo espanhol e a probabilidade de que este tenha pessoalidade, mas não flexão. Daí que neste capítulo se analise também o infinitivo espanhol, as diferenças com o português e os traços que delimitariam a tal pessoalidade.

No segundo capítulo apresenta-se brevemente o quadro teórico em que se inscreve o ensino de língua estrangeira e a didática das línguas, por entender que é a melhor forma de se aproximar à compreensão do fenómeno analisado neste relatório e, pensando que se pode tirar conclusões interessantes a partir do caso em estudo.

No terceiro capítulo vê-se como é o sistema de ensino-aprendizagem do português como língua estrangeira no contexto do ensino público de idiomas numa instituição educativa tipicamente espanhola como é a *Escuela Oficial de Idiomas*, com mais de cem anos de história e de apurado prestígio, fazendo referência aos pormenores estatais e autonómicos.

Descreve-se também como o aluno conhece e trabalha o infinitivo flexionado em contexto de sala de aula tendo por base os manuais empregues nos cursos segundo de nível A2 e primeiro de B1, para enquadrar quer o aluno, quer o fenómeno gramatical em estudo. A seguir, são descritos os alunos que formaram parte deste projeto e que atividades se lhes propuseram para o desenvolvimento do mesmo, com uma descrição de como e quando se realizou o levantamento dos dados que serviram para levar a cabo a investigação deste relatório.

Já no quarto capítulo, apresentam-se os dados recolhidos, explicitados em tabelas para uma ótima visualização daqueles, e exemplificados com itens retirados das atividades realizadas pelos alunos para maior compreensão dos resultados. Ao longo deste capítulo aparecem já algumas conclusões em jeito de explicação dos desvios aparecidos nas fichas de trabalho realizadas pelos alunos e que avançam o que será o capítulo seguinte.

No último capítulo, conclui-se com uma síntese deste trabalho e algumas orientações pedagógicas para enfrentar o problema de aquisição do infinitivo flexionado por parte de aprendentes espanhóis, com destaque para os enfoques metodológicos examinados no capítulo segundo deste relatório, na procura de soluções.

Na Bibliografia encontrar-se-ão linhas de investigação e análises certas que serviram de alicerces teóricos ao presente relatório e nos Anexos poderão ver-se as quatro fichas de trabalho que foram utilizadas para a recolha dos dados sistematizados e avaliados neste investigação, as tabelas com os dados obtidos em números inteiros e as 48 fichas de trabalho realizadas pelos 12 alunos.

## **Capítulo 1 - O infinitivo flexionado português *versus* o infinitivo espanhol**

Muito se tem escrito sobre o infinitivo flexionado nos últimos duzentos anos e de maneira crescente e exponencial nas derradeiras décadas do século XX e primeira do presente século, e não só entre os especialistas e interessados cuja língua materna é o português. Também entre especialistas de outras nacionalidades e origens cuja língua materna não o é, por causa da singularidade do infinitivo português.

Porém não é objeto de este trabalho nem deste capítulo estabelecer um estudo exaustivo da bibliografia existente sobre aquele. Em todo o caso, tentar-se-á uma aproximação do infinitivo flexionado a partir daqueles autores que considere relevantes para o meu relatório com o intuito de esclarecer as diferenças e semelhanças com o infinitivo espanhol e os problemas gerados entre os aprendentes hispanofalantes do português no contexto de ensino-aprendizagem da EOI em que se insere a aquisição do Português Língua Estrangeira (PLE).

### **1.1. O infinitivo flexionado português**

O português, língua românica, apresenta características que fazem com que se diferencie de outras línguas românicas, isto é, traços próprios que o definem e lhe dão singularidade, como também acontece com o espanhol, o catalão, o romeno ou o francês, para citar alguns exemplos. De um ponto de vista linguístico, as ditas características ou traços podem abranger, como de facto, abrangem, vários domínios da língua: fonologia, morfologia, sintaxe..., e, dentro desses domínios, encerram outros tantos níveis que lhes dizem respeito: os sons, as formas, a organização das frases... Para já, no domínio e nível que nos interessa, o da morfologia e o das formas, o verbo mostra, tal como em outros domínios e níveis da língua, especificidades que o identificam de modo distinto.

Com efeito, singular é, em português, a realidade de um infinitivo que apresenta duas formas, uma, não flexionada, comum ao resto das outras línguas românicas; e outra, flexionada, inexistente na casuística das línguas latinas, salvo no galego, e com algumas diferenças,<sup>1</sup> e que se conjuga, isto é, apresenta desinências flexivas que lhe conferem

---

<sup>1</sup> Em linhas gerais, trata-se do mesmo fenómeno. Para uma aproximação da realidade do infinitivo flexionado em galego, ver Freitas (2012). Fora do âmbito românico também se encontra no húngaro.

personalidade.

Porém, antes de continuar com a aproximação do infinitivo português, convém esclarecer os diferentes nomes que se lhe dão: pessoal e impessoal em contraste com flexionado e não flexionado.

### **1.1.1. A questão do nome**

Muitos autores usam indistintamente "pessoal" e "flexionado" para se referir ao infinitivo flexionado.<sup>2</sup> Não obstante, ambos os adjetivos denotam realidades, se bem que próximas, diferentes. De facto, esta questão tem a ver, *grosso modo*, com duas correntes historiográficas importantes, a Gramática Tradicional (GT) e a Gramática Generativa (GG), que estudaram, entre outros aspetos linguísticos do português, o fenómeno do infinitivo português, a GT, principalmente ao longo do século XX e, a GG durante as últimas décadas do século XX até ao presente.

Na novíssima *Gramática do Português* (Raposo *et al.*, 2013), publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian, Rodolfo Ilari fala em infinitivo pessoal (volume 1, capítulo 3, pág. 59). Porém, Fátima Oliveira fala em infinitivo flexionado (*ibidem*, capítulo 15, p. 547). Pilar Barbosa e Eduardo Buzaglo Paiva Raposo, (volume 2, capítulo 37, págs. 1901 e ss) dedicam um capítulo completo ao infinitivo português, usando indistintamente os dois adjetivos, pessoal e flexionado, sem que se saiba quem dos dois autores usa um ou outro, sendo o segundo adjetivo o mais empregue. Num momento do capítulo esclarecem: "Por poder ocorrer com um sujeito formado por um sintagma nominal realizado foneticamente ou por um pronome pessoal nulo, o infinitivo flexionado também é chamado **infinitivo pessoal**."<sup>3</sup> (Raposo *et al.*, 2013: 1905)

Se voltarmos o nosso olhar para o século XVI, nos primórdios dos estudos da língua portuguesa aparece já o infinitivo flexionado.<sup>4</sup> Sem entrar na gramática histórica, por não ser este o lugar nem o trabalho para isso, trazemos à colação um autor de inícios do Seiscentos: Amaro de Roboredo. O gramático de Algosó inicia, sem ele saber e *avant la lettre*, o tema do nome do infinitivo flexionado, quando assinala: "Tem finalmente a Portuguesa hum Infinitivo

<sup>2</sup> E, em menor medida, "conjugado", relacionado principalmente com "flexionado".

<sup>3</sup> Texto destacado em negrito no original.

<sup>4</sup> Para uma aproximação do infinitivo português naquele período inicial dos estudos da língua, ver a numerosa bibliografia ao respeito em Rogélio Ponce de León (2004), em que analisa o infinitivo flexionado nos tratados renascentistas.

que o uso corrompendoo fez pessoal" e "O verbo pessoal he o que tem pessoas, o Impessoal he o Infinitivo como ja se ve". (Ponce de León, 2004: 59; Assunção & Fernandes, 2007: LXIX).

O *infinitus lusitanus*, como era denominado pelos gramáticos quinhentistas,<sup>5</sup> deu lugar ao infinitivo pessoal. Falta um estudo ao pormenor sobre a evolução da denominação do infinitivo, entre outros aspetos desta realidade tão portuguesa, mas pode-se afirmar que, até ao século XX, predomina nas gramáticas e nos tratados especializados a denominação de "pessoal".

Com efeito, extensa é a casuística, nomeadamente a partir do último quartel do século XVIII. Por exemplo, António José dos Reis Lobato, na sua *Arte da grammatica da lingua portugueza*, fala em

"Os Grammaticos chamão ao modo infinito impessoal por não ter pessoas; porém deixa de ser infinito e impessoal na lingua Portugueza, quando os seus tempos se conjugão por numeros e pessoas, como adiante veremos nas conjugações dos verbos".

(Lobato, 1770: 64)

Já no século XIX, Jerónimo Soares Barbosa, na sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, divide o infinitivo em impessoal e pessoal, sendo o primeiro "terminado sempre em *r*"<sup>6</sup> e o segundo "que conjuga a fôrma primitiva dos seus verbos por números e pessoas." (Barbosa, 1822: 422-423)

Em regra, o nome de infinitivo pessoal e infinitivo impessoal ficou em relevo até ao mesmíssimo presente, como teremos ocasião de comprovar mais à frente neste relatório.

Contudo, na segunda metade do século XX, e com a chegada da GG, nascem novos estudos sobre o infinitivo flexionado que, embora inicialmente usem a mesma denominação de pessoal e impessoal, cedo se modificará para passar a ser nomeado como flexionado e não flexionado.

Todavia, a nova terminologia não fará com que desapareça a anterior, consagrada pela dignidade conferida ao longo de séculos. Antes pelo contrário, ambas as denominações vão conviver no tempo e é de ressaltar que esta convivência não se contrapõe no seu dia a dia.

O que acontece é que, num plano científico, parece que o nome de flexionado e não flexionado ficou assente; enquanto que, num plano pedagógico, chamemos-lhe assim, o nome

---

<sup>5</sup> Por eles escreverem em latim.

<sup>6</sup> Texto destacado em itálico no original.

de pessoal e impessoal tem mais sucesso nos manuais e material de apoio dos aprendentes de PLE.

Para a GT, a diferença entre a denominação de "pessoal" e "impessoal" assenta no sujeito: ao se referir de pessoal a um infinitivo, está a dar-se-lhe um sujeito próprio. Esta marca é o que o diferencia do infinitivo impessoal, cujo sujeito não tem importância ou se desconhece. Por outro lado, ao denominá-lo de flexionado ou de não flexionado, ao infinitivo dá-se-lhe uma marca gramatical, isto é, que tem pessoa e número.

E assim, um infinitivo pessoal pode ser flexionado e não flexionado, enquanto um infinitivo impessoal o é por não ter sujeito nem marca gramatical que lhe dê pessoalidade, como acontece com o pessoal, cuja natureza provém da desinência número-pessoal que lhe fornece a flexão.

Em certo sentido, o carácter de pessoal abrange o carácter de flexional, precisamente por ter o infinitivo pessoal a possibilidade de se flexionar ou não. E por se contrapor à outra forma infinitiva: a impessoal. No quadro 1.1 vê-se a hierarquia do infinitivo português segundo a Gramática Tradicional.

**Quadro 1.1.**  
**O infinitivo português segundo a GT.**

| Infinitivo |            |                |
|------------|------------|----------------|
| Impessoal  | Pessoal    |                |
|            | Flexionado | Não Flexionado |

**Elaboração própria.**

Para a GG a questão do nome é mais profunda. Para já, não se distingue entre infinitivo impessoal e infinitivo pessoal, nem a característica flexiva do infinitivo fica subsumida à pessoalidade do mesmo.

Como se pode ver no quadro 1.2, a hierarquia é totalmente diferente da da GT e as diferenças são inequívocas, começando pela mudança absoluta da terminologia, de onde impessoal passa a ser não flexionado ou simples<sup>7</sup> e pessoal passa a ser flexionado.

---

<sup>7</sup> Considerado pelos autores deste capítulo como "termo informal". (Raposo *et al.*, 2013: 1904)

**Quadro 1.2.**  
**O infinitivo português segundo a GG.**

| Infinitivo             |            |
|------------------------|------------|
| Não flexionado/Simples | Flexionado |
| Não Pessoal            | Pessoal    |

**Elaboração própria.**

Toda vez que o infinitivo flexionado é o que a GT chama de pessoal, na GG, a flexão do verbo abrange a pessoalidade. Porém, a não pessoalidade do infinitivo vem definida pela impossibilidade de ter sujeito e, portanto, de ter flexão.

Resta assinalar que neste relatório empregar-se-á o nome genérico de infinitivo flexionado, apesar de o termo pessoal ter tido maior sucesso, como se verá no capítulo 3, nos manuais utilizados pelos aprendentes de PLE na EOI, ao enquadrarem a questão da denominação na pessoalidade e não na flexão.

### **1.1.2. A questão do emprego**

Desde que, no início do século XIX, Jerónimo Soares Barbosa fez uma aproximação dos usos do infinitivo flexionado, muito se tem escrito e polemizado sobre esta questão e numerosos são os gramáticos que se debruçaram na tentativa de fixar uma série de regras sobre quando o infinitivo se deve flexionar e quais os requisitos que delimitam o seu uso.

Vale a pena citar Manuel Said Ali,<sup>8</sup> que, no primeiro quartel do século XX, explicitou as condições do seu uso:

As minhas pesquisas levaram-me a distinguir dois casos, ou se quiserem, duas séries de casos: 1.º o infinitivo liga-se a um verbo de significação completa, formando, por assim dizer, com ele, um todo predicativo; 2.º o infinitivo tem ou admite um sujeito seu, pouco importando que seja igual ou não ao de outro verbo.

(Said Ali, 2008: 64)

E daí provém a sua classificação:

- Os verbos auxiliares, sejam quais forem estes, vão acompanhados de infinitivos impessoais (cf. Págs. 64 – 68).

---

<sup>8</sup> E não só por ter rebatido a Barbosa, ao que parece, definitivamente: "A infalibilidade que alguns sem mais exame pretenderam atribuir ao autor [Soares Barbosa], só na parte relativa ao infinitivo, ficará seriamente comprometida se averiguarmos que Soares Barbosa foi não somente o primeiro a formular as regras, mas também o primeiro a violá-las." (Said Ali, 2008: 63). Ou: "Soares Barbosa é incongruente: não sabe o que faz nem o que diz." (*ibidem*: 77)

- Se não há sujeito, não há verbo flexionado: "Infinitivo sem sujeito é o mesmo que infinitivo sem flexão" (Said Ali, 2008: 68).

- O infinitivo português, por si só, é susceptível de ter sujeito, embora não necessariamente: "(...) é fora de dúvida que o infinitivo português, sem os auxiliares, tem *aptidão* para um sujeito (...) que não cumpre identificar com a noção de sujeito necessário" (Ibidem: 69).<sup>9</sup>

- Resolver a ambiguidade quando não fica claro o sujeito da ação: "Torna-se obrigatória a individuação naquelas construções onde o ato, vagamente expresso pelo infinitivo, poderia referir-se a pessoa ou coisa diversa da que temos em mente" (ibidem: 70).

- Enfatizar: "O que aí há<sup>10</sup> são casos de infinitivo flexionado, uns empregados por ênfase, outros por simples clareza de sentido" (ibidem: 73).<sup>11</sup>

Três décadas depois de Said Ali, Theodor H. Maurer Jr., autor interessante pela sua contribuição para o estudo dos usos do infinitivo, falou da possibilidade de alguns infinitivos pessoais poderem ser flexionados ou não e que a escolha respondia a critérios subjetivos, ou seja, dependendo da ênfase que se quisesse dar à frase ou de se devem clarificar qual o sujeito do infinitivo. (Maurer, 1968 *apud* Monteiro, 1996: 63)

Outros autores encaminham seus estudos precisamente na ideia da escolha ou estilística do uso ou não do infinitivo flexionado apontada por Maurer.

Por exemplo, Celso Cunha e Lindley Cintra. Clássicas são as suas palavras sobre o infinitivo português: "O emprego das formas flexionada e não flexionada do INFINITIVO é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. Numerosas têm sido as regras propostas (...) Quase todas, porém (...) revelaram-se insuficientes ou irreais" (Celso & Cunha, 1997: 482).<sup>12</sup>

De facto, para estes dois autores as regras meramente gramaticais não condicionaram a escolha da forma flexionada ou não flexionada de escritores portugueses ao longo dos tempos e sim "motivos de ordem estilística, tais como o ritmo da frase, a ênfase do enunciado, a

---

<sup>9</sup> Texto destacado em itálico no original.

<sup>10</sup> Em referência aos infinitivos pessoais que aparecem na produção literária em português nas décadas anteriores à publicação da obra do autor em 1923.

<sup>11</sup> O autor acrescenta, em relação ao infinitivo enfático: "E o que é condenável não é a ênfase em si, mas o abuso, o pôr em relevo a pessoa, tratando-se de um fato secundário, ou quando a relação entre a pessoa e o verbo, é banal e óbvia ao leitor" (*ibidem*: 73-74).

<sup>12</sup> Texto destacado em maiúscula no original.

clareza da expressão" (ibidem).<sup>13</sup>

Contudo, fazem uma sistematização segundo a tendência seguida no emprego nos autores portugueses. *Grosso modo*:

I. Usa-se o infinitivo não flexionado quando:

- a) Não se refere a nenhum sujeito.
- b) Tem valor de imperativo.
- c) Com preposição *de* + adjetivos como *fácil, possível, bom*, etc., em jeito de complemento nominal.

d) Com preposição *a* + verbos como *estar, andar, ficar, viver*, etc., pode-se transformar em gerúndio.

e) Pertence a uma perífrase verbal e não estiver muito separado do auxiliar.

f) Depende de auxiliares causativos (*deixar, mandar, fazer* e sinónimos) ou sensitivos (*ver, ouvir, sentir* e sinónimos) e não estiverem separados ou apenas separados pelo seu sujeito expresso por um pronome oblíquo.

II. Usa-se o infinitivo flexionado quando:

- a) Tem sujeito expresso.
- b) Se refere a agente não expresso, porém conhecido pela desinência flexiva.
- c) Indica sujeito indeterminado a partir da terceira pessoa do plural.
- d) Para enfatizar.
- e) Depende de auxiliares causativos (*deixar, mandar, fazer* e sinónimos) ou sensitivos (*ver, ouvir, sentir* e sinónimos) e estiverem separados pelo seu sujeito expresso por um substantivo.

Porém, desde finais do século XX parece que predomina a ideia de que não há umas regras fixas de uso que possam solucionar de vez quando usar o infinitivo flexionado e quando não.

Juan Carrasco recolhe a ideia de Celso & Cunha de tendências quando no seu manual de língua portuguesa assinala que "No hay reglas fijas para saber de antemano cuando debemos utilizar el infinitivo personal y el infinitivo impersonal (...) Más que de reglas habría que hablar de tendencias en la frecuencia de uso" (Carrasco, 1999: 148).

---

<sup>13</sup> Neste sentido, a epígrafe dedicado ao emprego do infinitivo é concluída assim: "Trata-se, pois, de um emprego selectivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática." (Celso & Cunha, 1997: 482)

Para Paul Teyssier há:

(...) tipos de enunciados em que o emprego de uma das duas formas é obrigatório e tipos de enunciados em que apenas se podem notar hábitos mais ou menos constantes. Cada um fará a sua escolha e concluirá que, nos enunciados do segundo tipo, sua escolha é muitas vezes de ordem estilística.

(Teyssier, 1989: 303)

Augusto Múrias, pela sua parte, pergunta-se se o uso do infinitivo flexionado ou não flexionado deve ser um assunto de escolha ou de estilística, porquanto, no âmbito da tradução esta questão gera muitos problemas: "A decisão de usar/não usar o infinitivo flexionado de forma coerente torna-se imperiosa" quando a inteligibilidade de um texto traduzido de português para outra língua está em jogo. (Múrias, 2008: 1)

## **1.2. O infinitivo espanhol**

Convém determo-nos na análise do infinitivo espanhol, já que muitos dos desvios observados na investigação do presente relatório têm a ver com a tentativa de os alunos transporem para o português estruturas infinitivas espanholas.

Tal como em português, a gramática espanhola define o infinitivo, o gerúndio e o particípio como formas nominais do verbo. Acontece que também têm sido denominadas como formas não pessoais por serem não flexionadas, não flexivas ou não conjugadas, entre outros nomes. Na *Nueva gramática de la lengua española* (Real Academia Española & Asociación de Academias de la Lengua Española, 2009-2011), já desde o início do capítulo 26, dedicado ao infinitivo, esclarece que<sup>14</sup>

Algunos de estos términos (en particular NO FLEXIONADAS y NO FLEXIVAS) se han criticado justificadamente con el argumento de que dan a entender que estas formas verbales carecen de estructura morfológica, lo que no es correcto. (...) las marcas formales que caracterizan al infinitivo, el gerundio y el participio son, respectivamente, *-r*, *-ndo* y *-do* (*-da*, *-dos*, *-das*), precedida por la vocal temática de cada una de las conjugaciones. Se obtienen así las segmentaciones *cant-a-r*, *cant-a-ndo* y *cant-a-do* (también *cant-a-da*, *cant-a-dos*, *cant-a-das*). Las tres formas no personales del verbo poseen AFIJOS FLEXIVOS, aunque carezcan de la flexión de persona, de tiempo y de modo propia de las restantes formas verbales.<sup>15</sup>

(Real Academia Española & Asociación de Academias de la lengua Española, 2009-2011: 1961)

---

14 Na síntese que se segue sobre o infinitivo espanhol, sou devedor do capítulo 26 da obra citada (págs. 1961 – 2035). Todos os exemplos apresentados são da minha autoria, salvo os numerados como (9) e (10).

15 Texto destacado em maiúsculas e em itálico no original.

O infinitivo espanhol pode ter natureza nominal ou natureza verbal, embora presentemente se considere que existam verbos que apresentem esta dupla natureza, nominal e verbal, ao mesmo tempo.

Os infinitivos verbais aparecem em orações dependentes de perífrases verbais, de orações subordinadas, em outras orações dependentes diferentes das duas anteriores e em orações independentes.

Os infinitivos nominais, habituais no registo literário - em contraposição ao uso no registo coloquial dos verbais -, identificam-se com substantivos, daí o seu nome. Vale a pena citar aqui a *Gramática portuguesa*, que assinala:

Assim, existem várias línguas nas quais nas orações de infinitivo não flexionado podem ter sujeito formados por sintagmas nominais foneticamente realizados quer com núcleo nominal, quer com núcleo pronominal, e, neste caso, com o pronome na forma nominativa; é o caso do castelhano (...) o infinitivo é pessoal (ou seja, tem um sujeito explícito, formado por um sintagma nominal foneticamente realizado), embora seja não flexionado.

(Raposo *et al.*, 2013: 1905)

Será o contexto sintático e semântico que nos dirá se o infinitivo é verbal ou nominal. E é precisamente este contexto o que me interessa examinar brevemente, focando a questão nos infinitivos verbais.

Um infinitivo verbal (ou nominal) vem delimitado pela natureza das palavras que acompanha, quer pelo contexto sintático, quer pelo contexto semântico da oração em que se encontra inserido.

No caso do infinitivo verbal, interpreta-se semanticamente da seguinte maneira:

- Expressa um determinado estado de coisas (ou mudança de estado) através da estrutura: verbo *Ser* + Adjetivo + Infinitivo. Assim, em (1)a, a estrutura referida pode-se enunciar também com uma oração subordinada substantiva de verbo finito, como se vê em (1)b, em que se muda para um tempo verbal do conjuntivo.

(1)

a. *Es preciso llegar a un acuerdo.*

b. *Es preciso que se llegue a un acuerdo.*<sup>16</sup>

Em ambos os casos, o significado é o mesmo.

---

<sup>16</sup> Em ambos os exemplos, o texto destacado em itálico é nosso. Procede-se assim nos exemplos que se seguem neste capítulo.

- Expressa uma determinada ação ou evento precedido de locução prepositiva, como em (2):

(2)

*Después de aclarar las cosas, se sintieron mejor.*

- Expressa atividade precedido de preposição, como em (3):

(3)

*Vengo a ayudarte.*

Quer em (2), quer em (3), o valor semântico (ação, evento ou atividade) vem definido pelo contexto sintático.

Neste sentido, o infinitivo verbal depende de outras formas verbais.

Toda a informação fornecida pelo infinitivo flexionado português, a natureza número-pessoal facilitada pela desinência da flexão, no infinitivo espanhol não existe por carecer de flexão e, portanto, não se pode expressar, se não for pela informação contida na oração principal e/ou subordinada, ou seja, pelo contexto.

Como saber qual é o sujeito do infinitivo? Que acontece quando o sujeito vem expresso? E se não vem ou é nulo? Para todos eles, o sujeito da oração principal, em relação ao infinitivo da oração subordinada, estará concertado, no primeiro caso, ou será correferente, no segundo caso. E o sujeito do infinitivo da oração subordinada estará determinado pelo argumento da oração principal.

É de salientar que muitas das orações infinitivas com sujeito expresso vêm determinadas por orações subordinadas não argumentais, precedidas por preposição ou locução prepositiva, onde não há uma relação de dependência por a construção sintática ser diferente, ao ficar o sujeito posposto, como em (4):

(4)

a. *Al comprarle yo los libros.*

b. *Sin conocernos nosotros.*

c. *Antes de llegar el fontanero.*

d. *Después de conseguir ella el trabajo.*

Vale a pena fazer uma referência ao espanhol americano, pois convém assinalar a existência de construções com sujeito expresso na área das Caraíbas (insular e continental) em que se dão exemplos com sujeito anteposto, como os que se seguem em (5):

(5)

- a. *A pesar del médico haber llegado.*
- b. *Para tú aprobar* tienes que estudiar bastante.
- c. *Al vosotros pedirle* que viniera pronto.

Chama a atenção em (5) que são exemplos muito parecidos com as orações de infinitivo flexionado em português.

Estes sujeitos antepostos "no son enfáticos ni tienen una función contrastiva (...) pero proporcionan rasgos de persona que el infinitivo no puede expresar." (Real Academia Española & Asociación de Academias de la Lengua Española, 2009-2011: 1994). Se tirarmos o sujeito em (5)a, é-nos impossível saber qual é o sujeito do infinitivo: *A pesar de haber llegado.*

Por outro lado, há alguns casos no espanhol europeu em que se dá este tipo de estrutura, embora se possa substituir por conjuntivo, como de facto costuma fazer-se, como se pode ver em (6):

(6)

- a. Raro: Me dijeron que había llegado *después de yo irme.*
- b. Habitual: Me dijeron que había llegado *después de que me fuera.*

Mais comum em espanhol europeu são as construções nominais que precedem os infinitivos com sujeito posposto, como em (7):

(7)

- a. *La posibilidad de encontrar vosotros* trabajo.
- b. *El hecho de tener tu* mucho tiempo libre.
- c. *La obligación de saber nosotros* lo que estaba pasando.<sup>17</sup>

No caso de sujeitos omissos, a correferência entre estes e o infinitivo vem dada por uma relação de dependência com pronomes de complemento direto, como em (8)a, indireto, como em (8)b, reflexos, como em (8)c ou informação temática do contexto da oração, como em (8)d:

---

<sup>17</sup> Observe-se a semelhança com orações de infinitivo flexionado português, apesar de o sujeito estar posposto ao infinitivo.

(8)

- a. *Antes de empezar el partido, se sometió al jugador a una revisión médica.*
- b. *A pesar de estar contento por el resultado, le dijeron que no se habían clasificado.*
- c. *De olvidarme, no te preocupes que la llamo.*
- d. *El director nos informó de la expulsión antes de llegar al instituto.*

Todavia, em (8)d, saber quem é o sujeito do infinitivo não nos vem dado por informação pronominal, mas antes, ter-se-ia de esperar pelo contexto: a oração estaria incluída num contexto mais alargado, de onde se interpretaria se *llegar* faz referência ao diretor, a nós ou a alguém que não aparece neste exemplo.

Desta breve apresentação do infinitivo espanhol podemos interpretar uma possível existência de infinitivo flexionado em espanhol? Acabamos de ver que para a gramática não existe e, em regra, todos os especialistas concordam. Porém, Francisco Fidalgo, aceitando a não flexão gramatical em pessoa e número dos infinitivos espanhóis, considera que pode haver pessoalidade neles.<sup>18</sup>

En español, el infinitivo flexionado o conjugado no existe (...). Sin embargo, este hecho no conlleva necesariamente la inexistencia de un 'infinitivo personal'. Es decir, la inexistencia de desinencias propias en el infinitivo del español no supone que este infinitivo no tenga un sujeto propio y, por tanto, se pueda calificar de *personal*.<sup>19</sup>

(Fidalgo, 2012: 63)

O infinitivo pessoal espanhol vem marcado, não pela flexão número-pessoal, mas pela presença de um sujeito expresse ou omissa. De um ponto de vista morfo-sintático, Fidalgo compara o infinitivo flexionado português a partir de pressupostos como o contexto, a dependência e a correferencialidade em infinitivos verbais e nominais (já explicados em parágrafos anteriores deste mesmo capítulo), seguindo o determinado pela gramática espanhola citada.<sup>20</sup>

Se olharmos para o quadro 1.3., podemos ver como seria o infinitivo pessoal espanhol, deduzido dos pressupostos de Fidalgo:

---

18 "Nos atrevemos a sugerir que existen pruebas que sostienen [a existência de um *infinitivo personal* espanhol]" (Fidalgo, 2012: 61). Neste sentido, o autor vai tentar demonstrar a dita existência através da comparação entre o infinitivo flexionado português com o infinitivo espanhol.

19 Texto destacado em itálico nosso.

20 É à qual o autor se deve ao ser citado na bibliografia do artigo.

**Quadro 1.3.**  
**O infinitivo espanhol a partir de Fidalgo.**

| Infinitivo     |         |
|----------------|---------|
| Não flexionado |         |
| Impessoal      | Pessoal |

**Elaboração própria.**

Em que se baseia Fidalgo para assinalar a pessoalidade do infinitivo espanhol? Mudando de paradigma ao modificar o enfoque da análise do fenómeno não flexivo do infinitivo. Tradicionalmente tem-se estudado o infinitivo flexionado de um ponto de vista morfo-sintático. Porém, para o autor espanhol, esta perspetiva deve mudar-se em favor de novas vias relacionadas especificamente com a comunicação: "El infinitivo flexionado ha sido estudiado desde un enfoque morfosintáctico casi en exclusividad, cuando, en realidad, es un hecho semántico y, sobre todo, pragmático." (Fidalgo, 2012: 68)

Com efeito, a gramática é uma ferramenta que auxilia o ato comunicacional e este realiza-se num contexto. Isto significa que o infinitivo, português ou espanhol, efetua-se pelo contexto. Daí que o estudo do infinitivo "se debe centrar en la necesidad de dotar de marcas concretas o no de sujeto al infinitivo a fin de facilitar el éxito comunicativo y mediante qué marcas se intenta garantizar la eficiencia comunicativa" (Fidalgo, 2012: 68).

Outros autores vão pelo mesmo caminho: "hay que partir de un marco sintáctico para, en un segundo momento, llegar a nociones semánticas y, por último, aterrizar en los valores pragmáticos del infinitivo personal" (Carrera de la Red & Rodrigues, 2006: 98).

Ou Pérez Vázquez & San Vicente (2006) debruçam-se sobre esta questão sem chegar a pôr-lhe nome e intuindo a pessoalidade do infinitivo espanhol em contexto:

Otra de las tradicionales caracterizaciones del infinitivo lo define como una forma verbal carente de morfemas de tiempo, número y persona por lo que debe asociarse a un verbo flexionado, pues "a priori" no puede determinarse una función sintáctica, una valencia temporal o un referente personal, sino que se establece al proyectarse en sintaxis y tras una contextualización pragmática.

(Pérez Vázquez & San Vicente, 2006: 1)

### **1.3. O infinitivo flexionado português *versus* o infinitivo "pessoal" espanhol**

Pode-se inferir de tudo o que foi dito anteriormente que os problemas que os aprendentes hispano-falantes de PLE têm para entender e assimilar o infinitivo flexionado português apresentam diversas dificuldades a serem tidas em conta para a sua confrontação e possível solução.

Para começar, o infinitivo flexionado, como tal, não existe na língua espanhola. E isto que parece evidente, não é um aspeto menor da questão, porque à partida os alunos devem entender que existe uma forma gramatical desconhecida no seu imaginário mental e assimilá-la para poderem usá-la na comunicação – escrita e oral.

Não se deve esquecer que o infinitivo simples espanhol e o infinitivo não flexionado português possuem as mesmas características: são formas infinitas, daí o seu nome; não apresentam *per se* valor temporal nem pessoal e, portanto, têm dependência de outros elementos morfológicos da oração em que se inserem e outros parâmetros além dos morfológicos, isto é sintáticos, como a subordinação e semânticos, como o valor interpretativo da oração, para terem natureza temporal e pessoal.

O que acontece com o infinitivo flexionado é que, em contexto, se comporta como as orações de verbos finitos, apresentando sujeito em concordância com a desinência do infinitivo flexionado, tal como com os verbos finitos, independentemente de que este sujeito seja um nome, um pronome ou esteja omissa. O infinitivo flexionado vem a preencher, em certo sentido, o vazio que deixaria no caso de ser um infinitivo não flexionado.

A semelhança ou proximidade de ambos os infinitivos simples espanhol e não flexionado português obriga o aluno a refletir sobre a formação da oração e os usos do infinitivo em contexto e a adotar uma peculiaridade flexiva de um infinitivo que, no melhor dos casos, aproxima-se do seu do ponto de vista pessoal, isto é, sintática e semântica, mas não morfológica.

Por um lado, se o infinitivo flexionado português pode estar precedido de preposições e locuções prepositivas;<sup>21</sup> em espanhol porém os infinitivos precedidos de preposição mudam em complementos nominais ou em simples adjetivos. Ou também em orações adverbiais, em geral, denotando temporalidade e em que o infinitivo espanhol estabelece o seu valor a partir

---

21 Embora nem sempre seja assim, como acontece com exemplos do tipo "Convém teres cuidado". Porém, poder-se-ia substituir por construções do tipo *Ser* + Adj + Inf. Flexionado: "É conveniente teres cuidado".

da interpretação do contexto.

Por outro lado, a possibilidade de as estruturas de infinitivo flexionado em português poderem ser traduzidas para espanhol como orações subordinadas de verbo finito, ora em modo indicativo, ora em modo conjuntivo, segundo o caso, faz com que muitos alunos acabem por confundir ambas as estruturas, as de infinitivo flexionado ou não em português e as subordinadas em espanhol, no seguimento da aquisição daquele, misturando-as e fazendo com que apareçam aportuguesados os desvios de infinitivo flexionado numa tentativa de construir com perfeição os infinitivos flexionados.

Pode ver-se em (9) para o modo indicativo e em (10) para o modo conjuntivo, em que a. é o desvio do aluno, b., a resposta correta e c., a frase em espanhol e de onde provém a resposta de a:

(9)

- a. \*Apesar de [que] *estávamos* (nós / estar) doentes, fomos trabalhar.<sup>22</sup>
- b. Apesar de *estarmos* (nós / estar) doentes, fomos trabalhar.
- c. (A pesar de *que estábamos* enfermos, fuimos a trabajar.)

(10)

- a. \*Acho interessante que eles pratiquem (eles / praticar) judo.<sup>23</sup>
- b. Acho interessante eles praticarem judo.
- c. (Encuentro interesante que ellos practiquen judo.)

No caso das subordinadas, o problema é mais profundo, porque entram condicionantes que ultrapassam a escolha correta da flexão dos infinitivos para entrar na esfera da sintaxe e, por isso, do contexto, o que nos leva a falar de semântica, pelo significado que se queira dar ao argumento das orações finitas, e sempre segundo o ponto de vista do falante ou falantes e da situação comunicacional.

Todavia, o facto de o infinitivo português ter um componente de subjetividade na sua escolha também não ajuda os alunos a fixar os possíveis usos, pelo que a sua compreensão complica ainda mais a aquisição. Como ficou dito na epígrafe anterior, o ato comunicacional é quem vai marcar a necessidade ou, melhor dito, a oportunidade, no sentido de conveniência ou inconveniência, de usar ou não o infinitivo flexionado e, aqui, entra-se já na questão

---

<sup>22</sup> Anexo C. Ficha 1. Aluno G. Item m).

<sup>23</sup> Anexo C. Ficha 1. Aluno C. Item e).

psicológica, o que excede, a um nível concreto, este trabalho e, a um nível geral, o meramente linguístico, em que o ensino e a aprendizagem do infinitivo flexionado na EOI assenta em bases morfológicas e não na psicolinguística.

\*\*\*

No capítulo segundo vamos ver diversos enfoques metodológicos que poderiam enquadrar o porquê da problemática gerada pelo infinitivo flexionado português em aprendentes espanhóis de PLE de uma perspetiva teórico-prática da didática das línguas.

## **Capítulo 2 - Enfoques metodológicos no ensino de línguas e a gramática como problema**

Se no capítulo anterior foi introduzido o infinitivo flexionado português, em paralelo ao infinitivo espanhol, numa exposição comparada entre a capacidade flexiva do primeiro e a possível pessoalidade do segundo, no capítulo que aqui começa faz-se necessária uma referência a diversos enfoques metodológicos que enquadrariam teoricamente a problemática gerada pelo infinitivo flexionado português em alunos hispanofalantes de PLE.

Nesta linha de ação, far-se-á uma breve apresentação das metodologias que, na segunda metade do século XX, marcaram a evolução da compreensão do fenómeno linguístico em relação ao ensino de idiomas, nomeadamente a hipótese do *input* de Krashen, a interlíngua de Selinker, a análise de erros de Corder e a transferência e interferência da Análise Contrastiva, concluindo-se com uma apresentação da Gramática Pedagógica, enfoque que parece ser o predominante no que à didática das línguas diz respeito. por entender que os seus conceitos e explicações se adaptam ao objeto de estudo deste relatório.

Contudo, e dado que, para os alunos de PLE, num estágio inicial, o infinitivo flexionado não deixa de ser uma questão gramatical que, com o transcorrer do tempo, se torna num problema de uso por competências, convém antes de mais esclarecer qual é o papel da gramática e que lugar ocupa no contexto atual do ensino de uma língua estrangeira.

### **2.1. O papel da gramática no ensino de línguas**

Tradicionalmente, a gramática tem sido, junto da semântica e da fonética, um dos níveis descritor e explicador do sistema da língua.<sup>24</sup> Este papel mudou no século XX, em que novos enfoques sobre o conhecimento da linguística em geral e da língua em particular, vieram modificar em grande medida o cerne da questão, nomeadamente a relação existente entre a gramática e o seu papel no sistema de ensino de línguas estrangeiras.

Será que a gramática tem resistido os embates dos novos enfoques que têm mudado a didática das línguas? Para Maria José Grosso (2008):

---

<sup>24</sup> No sentido tradicional do termo, a gramática trata da morfologia e da sintaxe e das leis que as regem; a semântica trata do léxico e do significado; e a fonética, dos sons. A estes três níveis da linguística acrescenta-se, nas últimas décadas do século XX, a pragmática, que trata do uso da língua (cf. Martín Peris, 1998).

"No ensino aprendizagem de uma língua (materna ou estrangeira), *gramática* é um termo frequentemente referido, nas mais diversas situações do domínio educativo, quer por ensinantes, quer por aprendentes, sendo independente dos contextos, resistindo a concepções metodológicas e consequentemente a modelos de atividade pedagógica."<sup>25</sup>

(Grosso, 2008: 109)

Contudo, a questão pertinente para entender o papel da gramática é saber em que contexto se insere atualmente. E, neste sentido, devemos ter em atenção o *Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas* (QECR), documento orientador, mas incontornável para os docentes de idiomas, em que se tenta enquadrar o ensino de línguas na União Europeia. Das múltiplas referências à gramática que existem ao longo do QECR interessa frisar a seguinte: "A competência gramatical pode ser definida como o conhecimento dos recursos gramaticais da língua e a capacidade para os utilizar" (Conselho da Europa, 2001: 161).

Eis que, para os autores do documento orientador de aplicação do QECR para Portugal, o *Quadro de Referência para o Ensino de Português no Estrangeiro* (QuaREPE),

"Os recursos gramaticais da língua, designadamente da língua portuguesa, são fundamentais não só para a sua utilização, mas também para a consciencialização do seu funcionamento e eventual comparação com as línguas do contexto em que se encontra."

(Grosso, Soares, Sousa e Pascoal, 2011: 15)

Do anterior deduz-se que a gramática, presentemente, não se põe em dúvida, porque é uma competência a ter em conta dentro do processo de ensino-aprendizagem de uma língua.

Porém, cabe perguntar-se se a consciencialização do funcionamento da língua assinalada pelo QuaREPE provém exclusivamente da gramática. Uma reflexão consciente do uso de tais recursos gramaticais só pode ser utilizada quando há tempo para refletir, como é o caso de quando escrevemos, por exemplo, processo que permite pensar sobre o quê, de que forma e como estamos a escrever. Mas quando falamos com uma pessoa ou ouvimos falar alguém, não refletimos gramaticalmente, porque o ato comunicacional não exige nem permite, pela sua rapidez, uma ação desta característica.

No fundo, do que se trata é de dar à gramática um uso ao serviço da competência que atinja o objetivo da comunicação. Conhecer uma língua estrangeira implica dois processos: aprender e adquirir. No primeiro caso, aprendê-la é saber as regras explicitamente; e no

---

25 Texto destacado em itálico no original.

segundo caso, adquiri-la significa que se pode usar realmente, seja porque se aprendeu conscientemente, seja porque se adquiriu espontaneamente, sem esforço nem intencionalidade. O objetivo, focando a gramática no ensino de línguas estrangeiras, é óbvio: a sua aquisição.

Com efeito, há pessoas que aprendem uma língua, mas não podem comunicar fluentemente ou fazem-no com dificuldade ou, simplesmente são capazes de entender o que leem ou o que ouvem. Os docentes veem esta mesma situação no contexto de sala de aula, em que os alunos se equivocam quando comunicam na língua-alvo. O professor está aí para os ajudar e aconselhar, e em certas ocasiões, os alunos conseguirão identificar o erro antes de o professor os esclarecer. Isto mostra que o aluno aprendeu, mas não adquiriu.

Mas, que se entende por aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras? Os enfoques metodológicos da segunda metade do século XX tentaram encontrar soluções para esta pergunta e outras relacionadas com o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

## **2.2. Aquisição e aprendizagem**

Segundo Stephen Krashen (1985 *apud* Muñoz Licerias, 1992), o conhecimento linguístico é o resultado de dois processos: o da aquisição e o da aprendizagem. O seu enfoque, que tenta explicitar como se adquire uma língua segunda (L2), denominado “Hipótese do *Input*”, resume-se em cinco hipóteses (cf. Lebrón Fuentes, 2009):

1.<sup>a</sup> Hipótese da aquisição/aprendizagem. A aquisição é um processo inconsciente (inerente à pessoa) e natural (não requer tempo para ser ativada na comunicação real), como o que utilizam as crianças quando adquirem a língua materna (LM); enquanto a aprendizagem é um facto consciente e dá-se em contexto formal, sendo ativada mais lentamente na comunicação oral. O que se adquire não se pode aprender porque já forma parte da pessoa. E o que se aprende não se pode adquirir, não é uma habilidade definitiva.<sup>26</sup>

2.<sup>a</sup> Hipótese da ordem natural. Há uma ordem natural de aquisição, isto é, uma série de elementos linguísticos colocados em ordem cronológica. Por exemplo, se tomarmos um ponto aleatório de uma sequência, todos os elementos que são anteriores a esse ponto são uma condição necessária para adquirir o próximo.

---

<sup>26</sup> Porém, com Lebrón: “De acuerdo con estas ideas la enseñanza implícita de una lengua estaría reñida con la adquisición de la misma” (Lebrón Fuentes, 2009: 3).

3.<sup>a</sup> Hipótese do monitor. A aprendizagem consciente, ao contrário da aquisição, precisa de uma edição da produção linguística, que funciona como um editor ou monitor, corrigindo-a ou modificando-a na fala ou na escrita.

4.<sup>a</sup> Hipótese do *Input*. Segundo Martín Peris (1998), esta hipótese poderia definir-se como a forma de: “facilitar al alumno un *input* o caudal lingüístico un poco por encima de su capacidad de comprenderlo, de modo que pueda interiorizar nuevos rasgos de la gramática, que en el estadio actual no domina” (Martín Peris, 1998: 6).

Lebrón Fuentes (2009), pelo contrário, afirma que:

“(…) se parte de un conocimiento previo o inicial (...), en el que es posible engarzar nuevos conocimientos con la ayuda de un mediador (contexto o profesor), siempre que dichos conocimientos no se hallen por encima ni por debajo de un nivel de desarrollo cognitivo adecuado para cada aprendiz (...), ya que si éste se sobrepasa o, por el contrario, situamos el nuevo conocimiento por debajo del mismo, el proceso de aprendizaje se vería salpicado de problemas e inconvenientes (aburrimiento, ansiedad, desmotivación, etc.) y, en muchos casos, estaría abocado al fracaso.

(Lebrón Fuentes, 2009: 7)

5.<sup>a</sup> Hipótese do filtro afetivo. O aluno seleciona através deste filtro e segundo as suas motivações e necessidades, os dados linguísticos que lhe serão necessários para a produção linguística segundo o idioma de entrada. “De aquí se deduce que la motivación y la seguridad de nuestros alumnos en sí mismos es muy importante” (Lebrón Fuentes, 2009: 4). Neste sentido: “Los factores emotivos y actitudinales (en especial, la ansiedad y la tensión) suponen un filtro que obstaculiza la entrada de datos presentes en el caudal comprensible” (Martín Peris, 1998: 6).

Em relação à didática das línguas, a teoria de Krashen pode ser reformulada na ideia de que o docente deve trabalhar a aquisição, mais do que a aprendizagem: ao aprender pode ter-se a sensação temporária de obtenção de um resultado positivo, mas pode não ser permanente. A primeira das condições para a aquisição que tem lugar é a de que ao aprender, o novo *input* é colocado imediatamente ao lado de outro já adquirido. Porém, não fica claro se a aquisição de outros idiomas é levada a cabo nos mesmos padrões de aquisição do primeiro idioma.

A teoria de Krashen foi contestada precisamente por fazer “(...) uma separação tão radical entre aquisição e aprendizagem.” (Madeira, 2008: 196)

Enquanto a maioria dos sistemas de ensino assumem que os adultos aprendem melhor uma

língua estrangeira através da aprendizagem, contudo, existem indícios que sugerem que, até certo ponto, os adultos são capazes de adquirir uma língua. Embora, segundo Krashen, a aquisição seja típica de crianças e a aprendizagem de adultos, eles podem fazer uso de ambos os processos de aquisição de L2.

### **2.3. A interlíngua<sup>27</sup>**

A noção de “interlíngua” foi introduzida por Larry Selinker.<sup>28</sup> Este enfoque decorre do conceito de aprendizagem como uma construção gradual de um sistema linguístico, identificado por regras gerais, cada vez mais parecido com a língua-alvo no processo de aprendizagem da língua em estudo. Tratar-se-ia de uma etapa intermédia, mas sucessiva, entre a LM e a LE.

Selinker foca a atenção na produção oral e escrita feita pelos alunos na língua-alvo, precisamente porque são os únicos dados empiricamente observáveis. A constatação de que esta produção é diferente da produção de um falante nativo se quisesse expressar o mesmo significado, levou Selinker à hipótese da existência de um sistema linguístico separado. Chamar-se-á a este sistema linguístico de “interlíngua”.

Interlíngua é, portanto, a língua utilizada pelos alunos durante a aprendizagem de interação comunicativa entre si e com o professor, um código caracterizado pela presença de elementos da LM e da LE em estudo. Dito de outro modo, a interlíngua: “Designa un conjunto de estructuras psicológicas latentes en la mente del estudiante, que se activa cuando se aprende una L2” (Selinker, 1972 *apud* Martín Peris, 1998: 69).

O mais importante da interlíngua é que se trata de um sistema linguístico que: i) é próprio e pessoal de cada aluno; ii) serve de mediador entre a LM e a LE; iii) tem as suas próprias regras; iv) é coerente (na formulação das suas próprias regras) e variável (as ditas regras não são constantes); v) é maleável, na tentativa de chegar à produção o mais próxima possível na língua-alvo; e vi) está em constante evolução, marcado por diferentes etapas na aproximação da língua-alvo. (cf. em “Interlengua”. Diccionario de términos clave de ELE. Centro Virtual Cervantes, s.d.)

---

27 Seguir-se-á nesta epígrafe a Martín Peris (1996; 1998).

28 Larry Selinker (1969). «Language transfer». *General Linguistics* 9, 67-92. E (1972). «Interlanguage». *IRAL*, X (2), 209-231. Existe tradução para o espanhol em J. Muñoz Liceras (Ed.) (1992). *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid: Visor. 79-101. Porém, a ideia inerente à noção de interlíngua não é da autoria de Selinker, mas de Corder e outros, que falaram anteriormente e com distintas denominações, de dito processo linguístico. (Cf. Percegon, 2011: 11; Martín Peris, 1998: 5)

É a partir da análise de estruturas produzidas na interlíngua que se teoriza sobre a aprendizagem de uma segunda língua. Desta perspectiva teórica são assumidos cinco processos existentes para a aprendizagem de uma L2.

Estes processos são:<sup>29</sup>

- 1.º Transferência linguística: estruturas de interferência fonomorfo sintática da L1.
- 2.º Transferência de ensino: estruturas de interferência fossilizadas resultado de procedimentos de ensino sofridas pelo aluno.
- 3.º Estratégias de aprendizagem: simplificação da L2 ou criação de estruturas simples de interferência fossilizadas resultado da forma como o aluno enfrenta o material a ser aprendido e que não impeça a comunicação.
- 4.º Estratégias de comunicação: evitação de estruturas complexas da L2 ou criação de estruturas simples fossilizadas identificáveis com a forma como o aluno que comunicar na língua-alvo.
- 5.º Generalização linguística da L2: generalização das regras e características gramaticais da língua-alvo.

Segundo Selinker, os fenómenos mais interessantes nas produções de interlíngua são constituídos pelos elementos, regras e subsistemas que têm fossilizações em relação a estes cinco processos. Por meio da fossilização, em teoria, os falantes tendem a manter qualquer elemento ou regra da sua LM na sua interlíngua em relação a uma determinada LE, independentemente da idade do aluno e da qualidade das explicações que lhes são oferecidos na língua-alvo.

## **2.4. O tratamento do erro<sup>30</sup>**

Foi Stephen P. Corder quem, em 1967, propôs em "The significance of learner's errors" o estudo e análise de erros feitos pelos alunos de L2 com o intuito de conhecer as causas e as estratégias que os aprendentes usam no processo de aprendizagem de uma LE.

O aluno tenta usar corretamente tanto quanto possível a língua-alvo. O aprendente não gosta de cometer erros, especialmente se ao cometê-los dá uma imagem negativa de si próprio. Para ultrapassar estas deficiências o aluno vai usar estratégias, consideradas como estratégias universais: recorre à gramática da LM que funcione da mesma maneira ou parecida

---

29 Cf. Fernández Jódar, 2006: 20-21.

30 Seguir-se-á neste capítulo a Ferrán Salvador (1990).

com a LE; tende a simplificar a morfossintaxe da LE; consegue generalizar regras a partir da formulação de um número limitado de casos; ou tenta evitar o uso de certas estruturas desconhecidas por meio de circunlóquios ou perífrases.

A atitude perante o erro tem variado ao longo dos anos. Se até à segunda metade do século XX se considerava o erro como um produto negativo de aprendizagem, passível de se punir e corrigir; quase em simultâneo a teoria da análise do erro veio contradizer aquela ao considerar o erro como um sintoma de progresso: a aprendizagem só é possível devido a erros de produção.

Inicialmente, a análise de erros considerou que a maioria dos erros cometidos eram produto de uma interferência negativa da LM. Estudos posteriores mostraram que os erros que cometem os alunos são independentes da sua língua materna. Eis aqui a novidade deste enfoque: que não se parte da LM para compará-la com a língua-alvo em estudo, mas da própria produção real do aprendente na língua-alvo.

A análise de erros cometidos pelos alunos permite olhar para as possíveis causas da incorreção. Como esclarece M<sup>a</sup> Luisa Coronado (2005):

"(...) Corder (1967) postula que los errores de los estudiantes son útiles porque nos proporcionan tres tipos de información: al profesor le informan sobre el sistema de la lengua que están utilizando en esos momentos sus alumnos y, por tanto, le ayudan a evaluar y planificar; al investigador le informan sobre los procesos y la aplicación de estrategias que se están produciendo en la adquisición, y al propio alumno le sirven para probar sus hipótesis sobre la lengua que está aprendiendo."

(Coronado, 2005: 10)

Com efeito, o erro deve ajudar a determinar o tipo de retificação ou reforço do trabalho a realizar, porque é em contexto de sala de aula que o aluno recebe mais informação sobre o uso adequado da língua.

Porém, a questão é delicada: um abuso na correção pode ter efeitos negativos, como a fossilização: o aluno considera-se incapaz de falar com um nível aceitável de precisão usando as formas que, embora incorretas, lhe permitem comunicar, abandonando o esforço por aprender. Por outro lado, se o professor não corrigir, criará insegurança em alguns alunos por falta de informação que lhes dê a certeza de que estão a produzir corretamente.

No tratamento de erro deve distinguir-se três momentos: localização, descrição e retificação do erro. No primeiro deles, o aluno reflete sobre o que foi dito ou escrito,

permitindo a auto-correção. O professor não deve usar expressões negativas, para não o desencorajar. A seguir, no segundo momento, e depois de localizar o erro, o professor tem de identificar e explicar a regra que foi transgredida. Contudo, o docente deveria tranquilizar os alunos identificando o que o aluno queria comunicar para que a correção tenha efeito.

Estas duas primeiras fases têm como objetivo fundamental a substituição das formas incorretas. E a dita substituição pode vir do professor, de outros colegas de turma ou do próprio aluno que cometeu o erro, já no terceiro momento. Em primeiro lugar, deve tentar-se a auto-correção. E só nos casos em que a competência linguística do aluno não lhe permita corrigir o erro, deve ser o professor quem encoraje outros alunos a encontrarem a incorreção.

Somente quando o grupo é incapaz de encontrar a forma correta, o professor deve agir. Em todo o caso, seria conveniente que o professor preparasse um registo com os erros mais frequentes cometidos por um grupo, com o objetivo de realizar um trabalho de reforço e a fim de preparar as atividades ou projetos para os alunos superarem a etapa da interlíngua.

## **2.5. A transferência e a interferência**

Como ficou dito, a novidade do enfoque da análise de erro deveu-se ao princípio de que a incorreção provinha, não da intervenção da LM para compará-la com a LE em estudo, mas da própria produção real do aprendente na língua-alvo.

Porém, desde que em 1945 Charles C. Fries falou pela primeira vez na importância que tem a língua materna na aprendizagem de uma língua segunda, popularizou-se, através da Análise Contrastiva, até ao presente, a ideia de uma transferência de elementos originários na LM na produção de uma LE. Assim:

“En el aprendizaje de una LE, el individuo intenta relacionar la nueva información con sus conocimientos previos y, así, facilitarse la tarea de adquisición. Al recurrir a los conocimientos de la L1 (y de otras lenguas) en la formulación de hipótesis sobre la LE en cuestión, pueden producirse procesos de transferencia. Este aprovechamiento de su propio conocimiento del mundo y lingüístico, en particular, constituye una estrategia de aprendizaje y de comunicación, mediante la que se compensan algunas limitaciones en la LE.”

(“Transferencia”. Diccionario de Términos Clave de ELE. Centro Virtual Cervantes, s.d.)

Porém, à transferência, que deve ser entendida como a utilização de estruturas da LM na produção da LE, deve acrescentar-se outro fenómeno em que um sistema linguístico adquirido

condiciona a aprendizagem de um novo sistema linguístico como é uma LE. Para Miletic (2004) trata-se da interferência, “o efeito que a LM produz na LS” (Miletic, 2004: 2). Para este autor, o aluno de LE usará, consciente ou inconscientemente, estruturas da sua LM na sua produção em LE: neste caso está a produzir-se uma transferência. Porém se utilizar regras gramaticais da língua materna de maneira consciente para produzir estruturas em língua estrangeira, então deverá falar-se em interferência (Miletic, 2004: 2-3).

Apesar de ter sido uma metodologia contestada, não há dúvida de que existe uma transferência da L1 para a L2, o que é “(...) inevitável, pois um aprendiz adulto, involuntariamente, traz consigo o conhecimento da sua L1, diferente de uma criança que, ao aprender sua língua materna, parte de um estágio "zero" (Percegon, 2005: 42).

No seguimento desta autora, vale a pena assinalar que num estágio inicial de aprendizagem de uma L2, a transferência costuma ser interlinguística: “antes que o sistema da L2 se torne familiar, a língua nativa é o único sistema linguístico na experiência prévia do aprendiz” (Corder, 1981 *apud* Percegon, 2005: 42). Quando se produz a familiarização com a língua-alvo, a transferência será intralinguística ou também denominada como interferência intralinguística, ou transferência negativa, que é quando “a construção dum segmento linguístico causa alguma estranheza ou incompreensão, teremos, então, a interferência negativa da LM sobre a LS” (Miletic, 2004: 3).

O problema vem quando no aluno se produz o fenómeno linguístico da fossilização

"(...) que hace que el aprendiente mantenga en su interlengua, de manera inconsciente y permanente, rasgos ajenos a la lengua meta relacionados con la gramática, la pronunciación, el léxico, el discurso u otros aspectos comunicativos. Está ampliamente aceptado que este proceso es precisamente la causa de que los aprendientes, en general, no consigan alcanzar el mismo nivel de competencia que un hablante nativo."

("Fossilización". Diccionario de términos clave de ELE. Centro Virtual Cervantes, s.d.)

## **2.6. A didática das línguas**

Até aqui têm-se descrito alguns enfoques teóricos que tentaram ao longo da segunda metade do século XX compreender os processos de aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras. Porém, estes processos devem ir unidos, de um ponto de vista prático, ao ensino de idiomas, cujo objetivo primeiro será que o aprendente atinja o maior domínio possível da LE, que seja capaz de interiorizar inconscientemente os itens da língua-alvo aprendidos de

maneira consciente.

Efetivamente, nesse período houve uma transformação na maneira de focar o problema da passagem do campo teórico para o campo prático da didática das línguas estrangeiras. Nesta linha de ação Rod Ellis (2005) propôs uma teoria da aprendizagem de LE em sala de aula em que distingue o conhecimento explícito do implícito: "Al uso de la lengua por parte de toda persona subyace un conocimiento implícito de la totalidad de reglas que esa persona sigue; el conocimiento explícito que de ellas tiene es, sin embargo, mucho más restringido." ("Conocimiento lingüístico". Dicionario de términos clave de ELE. Centro Virtual Cervantes, s.d.).

Dito de outro modo, deve conferir-se importância ao significado mais do que à correção formal. O aluno deve, não só produzir *inputs* gramaticalmente corretos. Todavia estes *inputs* devem funcionar pragmaticamente, o que envolve outro tipo de ações, como o registo a utilizar, o contexto em que se dá a comunicação, o tipo de intercâmbio comunicativo, etc.

Se tomarmos como exemplo a aquisição de aspetos gramaticais próprios de uma língua estrangeira, para Ellis (2005), a distinção entre explícito e implícito e o tipo de intervenção a realizar no campo da didática, direta ou indireta, é o que vai levar a uma melhor efetivação da aprendizagem de uma LE. No conhecimento explícito, a produção resulta da realização de atividades de ensino formais, por exemplo, de teor gramatical, focando-as na forma; no conhecimento implícito, para que exista aquisição, o aluno deve ter em conta os traços linguísticos concretos fornecidos e estar pronto para a incorporação na sua interlíngua, por exemplo, numa atividade oral, tentando a produção o mais correta possível dos recursos linguísticos aprendidos.

Porém, será o conhecimento explícito que leva o aluno a detetar a presença na sua interlíngua de formas não corretas. Ao primeiro corresponder-lhe-ia uma intervenção direta, ao realizar atividades focadas na forma linguística e, ao segundo, indireta, ao realizar atividades focadas na competência comunicacional em que se procura um uso da LE com um maior e melhor uso dos recursos gramaticais trabalhados.

Que consequências tem o método de Ellis? É na sala de aula onde o aluno vai encontrar, à partida, os meios para desenvolver a sua aprendizagem de LE. O processo de ensino vai fazer com que o aprendente consiga atingir um nível mais ou menos desejado de aprendizagem, contando com a sua interlíngua e apesar da impossibilidade de comunicação

em contexto real, pois o que vai fazer o processo de ensino-aprendizagem de LE em sala de aula é assentar as bases da língua-alvo para uma futura comunicação real. (Cf. Martín Peris, 1998: 7 *apud* Ellis 1985: 15)

## **2.7. Conclusão: a Gramática Pedagógica**

A evolução dos distintos modelos teóricos relacionados com a aquisição e aprendizagem de uma língua estrangeira e a sua *infiltração* na didática das línguas, tem tido como consequência a reformulação, nas últimas décadas do século passado até hoje, do sistema de ensino de línguas, em que, tal como ficou dito no início deste capítulo, o QECR é o melhor exemplo da adaptação da teoria a uma tentativa de pôr em prática a ação comunicacional do aprendente enquadrada na dimensão social do uso da língua.

E neste ponto deve voltar-se à pergunta inicial deste capítulo: que papel cabe à gramática no contexto atual de didática das línguas em que prima o enfoque por competências? Se, por um lado, de um ponto de vista concreto ou se se quiser, individual, "a abrangência dos diferentes conceitos de gramática reflecte-se numa diversidade de práticas pedagógicas a que não é alheia a concepção particular de língua que cada ensinante tem" (Grosso, 2008: 109); não é menos certo que, de um ponto de vista geral ou se se quiser, coletivo, o ensino de línguas tem-se visto determinado pelos diferentes métodos e modelos teóricos que têm dominado nalgum momento a forma de entender a didática das línguas ao longo do período analisado, dependendo contudo das circunstâncias sociais e educativas prevalentes em cada momento.

Hoje em dia, o constructo predominante em relação à aprendizagem de uma LE é a Gramática Pedagógica, convenção que abrange o resultado da união dos meios (recursos) e do modo de agir (procedimentos) perante o processo de ensino-aprendizagem de LE, provindos dos diferentes modelos teorizadores (alguns deles analisados neste capítulo) com o intuito de promover no aluno um melhor desenvolvimento da interlíngua no sentido expressado em 2.6, no último parágrafo.

Deve-se entender tal conceito como uma gramática que abrange uma descrição das questões gramaticais e que seleciona e apresenta os conteúdos gramaticais a serem tratados segundo o perfil do aluno-alvo e da língua-alvo e os recursos e procedimentos com os que atingir os objetivos.

A intenção é clara: compreender e dominar a LE de um ponto de vista tanto formal - o sistema da língua - como comunicacional - o uso da língua -. Para isso, os conteúdos deverão estar em consonância com o uso do idioma no momento de ser aprendidos (atualidade e pertinência) e validados pela frequência dos mesmos (relevância), focando a atenção nos interesses do aluno (necessidades do aprendente), entre outros aspetos, como por exemplo, o facto de o professor ter em conta o conhecimento implícito da gramática que tem o aluno da sua LM. (Cf. Grosso, 2008; Martín Peris, 1998)

\*\*\*

No capítulo seguinte será enquadrado o ensino de línguas estrangeiras em Espanha e na Comunidade Valenciana. Contextualizado o ensino de Português Língua Estrangeira, analisar-se-ão os métodos de idiomas empregues na *Escuela Oficial de Idiomas* de Castellón de la Plana, e a maneira em que apresentam ao aluno o infinitivo flexionado nos cursos segundo de nível A2 e primeiro de nível B1. Finalmente, será descrita a turma-alvo que serviu para a recolha de dados e a análise dos resultados.

## **Capítulo 3 - O ensino-aprendizagem de português na *escuela oficial de idiomas*: o infinitivo flexionado**

Neste capítulo contextualiza-se o ensino de português no sistema educativo público, espanhol e valenciano, fazendo referência à legislação em vigor e explicando as peculiaridades do ensino de idiomas nas escolas de línguas.

A seguir, faz-se uma análise dos manuais de ensino que utilizam os alunos para aprenderem português, focando a dita análise no tratamento que se faz do infinitivo flexionado.

Na continuação, caracteriza-se a turma escolhida para a realização da investigação propriamente dita e finaliza-se o capítulo com a descrição do quando e o como se realizou o levantamento dos dados que servirão para tirar as conclusões deste relatório.

Antes de começar, parece-me oportuno esclarecer que, em regra, usa-se indistintamente, como sinónimos, o adjetivo "pessoal" e "flexionado", pois nos manuais de ensino de português que veremos em 3.2 é assim que apresentam e descrevem o infinitivo flexionado aos alunos, evidenciando uma situação que mostra incoerência com o que, de facto, já é aceite pela comunidade científica, como se viu no capítulo primeiro.

### **3.1. Enquadramento do ensino de português na *Escuela Oficial de Idiomas***

Antes do mais, torna-se necessário enquadrar o ensino de PLE em Espanha. É na *Ley 2/2006* de Educação,<sup>31</sup> de âmbito estatal que se especifica como é o ensino de idiomas. No "Preâmbulo" da lei diz-se que o ensino de idiomas será organizado em "las escuelas oficiales de idiomas" e que os idiomas "se adecuarán a los niveles recomendados por el Consejo de Europa".<sup>32</sup> Neste sentido é importante assinalar que o sistema educativo espanhol, através da mencionada lei, sanciona o ensino de idiomas como ensino de "régimen especial".<sup>33</sup> Este conceito consagra a singularidade do ensino de idiomas no Estado espanhol: "Las escuelas oficiales de idiomas fomentarán especialmente el estudio de las lenguas oficiales de los

31 "Ley Orgánica 2/2006, de 3 de mayo, de Educación." Em *BOE n° 106, de 4 de maio de 2006*, (págs. 17158 – 17207). Em 2013, foi aprovada uma nova lei, a "Ley Orgánica 8/2013, de 9 de diciembre, para la mejora de la calidad educativa" em que se faz referência ao ensino de línguas. Porém, até ao momento ainda não se traduziu, em efeitos práticos, em nenhuma norma que tenha modificado a situação jurídico-legal referida neste capítulo.

32 Ibidem, pág. 17163.

33 Ibidem, art. 3. *Las enseñanzas*, parágrafo 6. Capítulo II: "La organización de las enseñanzas y el aprendizaje a lo largo de la vida" (pág. 17165).

Estados miembros de la Unión Europea (...)"<sup>34</sup> com possibilidade de obtenção de uma certidão que certifica a obtenção de um nível determinado de conhecimento de um idioma após exame oficial, independentemente de ter cursado presencialmente o curso em causa ou candidatando-se livremente à prova oficial com prévio pagamento das taxas previstas pela legislação.

É importante indicar que o ensino de idiomas tem por objetivo "capacitar al alumnado para el uso adecuado de los diferentes idiomas, fuera de las etapas ordinarias del sistema educativo" e que se dividirá em três níveis: básico, intermédio e avançado,<sup>35</sup> com dois cursos letivos de 120 horas cada um por nível.

Por outro lado, o acesso ao ensino das escolas de línguas por parte dos interessados, faz-se a partir dos 14 / 16 anos, dependendo do caso e sem que exista limite de idade para se inscrever nos cursos.<sup>36</sup> Do que se deduz que o tipo de aprendentes de idiomas terá diferença etária e, derivada desta, distintas caracterizações pessoais e profissionais, o que faz com que o docente de idiomas deva ter em conta a diversidade na sala de aula.

Convém esclarecer que a dita lei educativa, de âmbito estatal, porém, deixa liberdade às comunidades autónomas para legislar sobre o ensino de idiomas em geral, e à EOI em particular, sempre que não contradiga o estabelecido por ela e pelo *Real Decreto 1629/2006*,<sup>37</sup> que regula os aspetos básicos do currículo do ensino de idiomas, a partir dos quais os diferentes governos autonómicos terão maior ou menor margem de ação na legislação e regulamentação do ensino de idiomas nas respetivas comunidades autónomas.

No caso da Comunidade Valenciana, diversas são as disposições legais que se vêm sancionando desde 2007 para ir apurando e aperfeiçoando tudo o que abrange o ensino de idiomas nesta comunidade. Efetivamente, entre os diversos decretos que têm aparecido ao longo dos últimos anos, o mais importante do ponto de vista curricular e o que mais nos interessa citar, é o *Decreto 155/2007*,<sup>38</sup> em que se regula o ensino de idiomas e se estabelece o

34 Ibidem, art. 60. *Escuelas Oficiales de Idiomas*, parágrafo 2. Capítulo VII: "Enseñanza de Idiomas" (pág. 17177).

35 Ibidem, art. 59. *Organización*, parágrafo 1. Capítulo VII: "Enseñanza de Idiomas" (pág. 17177). Convém esclarecer neste ponto que, com a "Orden 87/2013, de 20 de septiembre, de la Conselleria d'Educació, Cultura i Esport" e a "Resolución de 10 de junio de 2014, de la Dirección General de Formación Profesional y Enseñanzas de Régimen Especial", que estabelecem a organização e funcionamento das *Escuelas Oficiales de Idiomas* na Comunidade Valenciana, os níveis Básico, Intermédio e Avançado passaram a ser denominados A2, B1 e B2.

36 Ibidem, art. 59, parágrafo 2.

37 "Real Decreto 1629/2006, de 29 de diciembre, por el que se fijan los aspectos básicos del currículo de las enseñanzas de idiomas de régimen especial reguladas por la Ley Orgánica 2/2006, de 3 de mayo, de Educación." Em *Boletín Oficial del Estado (BOE)* nº 4, de 4 de janeiro de 2007, (págs. 465 - 473).

38 "Decreto 155/2007, de 21 de septiembre, del Consell, por el que se regulan las enseñanzas de idiomas de

currículo dos três níveis de ensino que se podem estudar, no nosso caso, em Castellón de la Plana.<sup>39</sup>

Em relação ao currículo do Português Europeu (PE), no anexo dedicado a regulamentar os conteúdos do idioma português,<sup>40</sup> é no curso segundo do nível A2 que aparece pela primeira vez o infinitivo flexionado como objeto de estudo. E já no nível que nos ocupa, o nível B1, aparece o desenvolvimento do uso do infinitivo flexionado em casos concretos e, de modo geral para todo o nível, sem especificar os cursos, primeiro ou segundo, à espera de uma maior concretude nas disposições legais ulteriores e segundo o estabelecido nas programações didáticas dos diversos departamentos de Português,<sup>41</sup> salvo no caso da oração composta de modo, em que se especifica que é para o curso segundo do nível Intermédio:

- Na oração composta para exprimir relações lógicas (concessão, condição, causa, finalidade, modo).
- Em construções nominais simples e compostas.
- Em construções preposicionais (preposições e locuções prepositivas que regem verbos infinitivo flexionado).

### **3.2. O infinitivo flexionado no manual *Português XXI***

O estudo do infinitivo flexionado, como foi visto no capítulo 1, tem percorrido um longo caminho até chegar ao presente. Todavia, nos últimos trinta anos, a bibliografia tem aumentado consideravelmente. São várias as vias de investigação e análise que a dita bibliografia tem aberto aos estudiosos e interessados no infinitivo flexionado: do ponto de vista morfológico, do ponto de vista sintático, de uma perspetiva estilística, o infinitivo flexionado no ato comunicacional, etc.

---

régimen especial en la Comunitat Valenciana y se establece el currículo del nivel básico y del nivel intermedio." Em *Diari Oficial de la Comunitat Valenciana (DOCV)* nº 5605, de 24 de setembro de 2007, (págs. 36479 – 36847).

39 Alemão, Árabe, Chinês, Espanhol para Estrangeiros, Francês, Grego, Inglês, Italiano, Russo, Português e Valenciano. Para o curso 2016-2017 incluem-se novos idiomas, como sejam Japonês, Romeno ou Euskera. Porém, nem todas as escolas oferecem a possibilidade de aprender todos os idiomas listados. Por exemplo, o Romeno fica para Castellón, enquanto o Japonês fica para Valência. Os critérios que baseiam a oferta educativa derivam de muitos fatores, geralmente relacionados com o meio sócio-económico em que se situa a EOI de uma determinada cidade ou vila.

40 Em págs. 36567 – 36573 para o nível Básico e págs. 36652 – 36656 para o nível Intermédio. Em *Diari Oficial de la Comunitat Valenciana (DOCV)* nº 5605, de 24 de setembro de 2007.

41 Há três departamentos didáticos de Português na Comunidade Valenciana: Alicante, Castellón de la Plana e Valência.

A que mais nos interessa para este trabalho de investigação é a primeira delas, a caracterização morfológica e sintática do infinitivo, e isso porque nos manuais utilizados pelos alunos para aprenderem português o infinitivo flexionado é tratado do ponto de vista da forma e das regras que regem o seu uso, isto é, como se conjuga e que palavras ou estruturas o regem na sua organização; e que valor têm nos dois casos, flexionado e não flexionado.

Se numa primeira explicação do infinitivo do ponto de vista formal, os alunos percebem a construção do infinitivo flexionado, o primeiro contacto dos alunos com ele, uma vez que se ultrapassa a primeira impressão, costuma ser desconcertante e, em regra, problemático. E os métodos de ensino, num estágio inicial de aprendizagem de um nível A2, pouco podem fazer mais além do que apresentar a construção do mesmo. O facto de o infinitivo flexionado não existir em espanhol, acresce a dificuldade de assimilação por parte dos alunos de PLE ao não terem possibilidade de o comparar com outra forma igual em espanhol, mas sim próxima (infinitivo simples).

O manual que o departamento de português da EOI de Castellón utiliza para os três primeiros cursos (A2.1, A2.2 e B1) é o *Português XXI* (volumes 1, 2 e 3, respetivamente) e o primeiro contacto a sério dos alunos com a realidade do infinitivo flexionado é na segunda unidade do volume 2 do dito manual, ou seja, quase ao início do segundo curso do nível A2. Vejamos como, nos volumes 2 e 3 da série, são tratados o infinitivo pessoal e impessoal,<sup>42</sup> fundamentando a observação com maior atenção no volume 2, por ser este o primeiro a tratar esta forma verbal, para depois ver que tratamento recebe no volume 3.

Assim, no apêndice gramatical correspondente à dita unidade aparecem duas epígrafes, sendo a primeira dedicada ao "Infinitivo Pessoal" e a segunda ao "Infinitivo Impessoal". E numa única página expõe-se, em primeiro lugar, as desinências da sua flexão: Ø, *-es*, Ø, *-mos* e *-em* (observe-se que não se inclui a segunda pessoa do plural, como aliás acontece neste manual e, em geral, em todos os manuais de ensino de PLE, em que se obvia para todas as formas verbais a segunda pessoa do plural, por considerar-se que a dita forma não existe na norma do português europeu).

A seguir, define-se o seu uso: "usa-se quando o verbo se refere a um sujeito determinado e depois de" expressões impessoais e preposições e locuções prepositivas, enunciando-se alguns casos e alguns exemplos.

---

<sup>42</sup> Por aparecerem estas duas denominações tal qual nos manuais de Português XXI seguir-se-á neste capítulo.

Já no caso do infinitivo impessoal, é caracterizado pela sua impessoalidade ("quando o verbo não se refere a nenhum sujeito determinado") e é relacionado com a função imperativa ("pode ter o valor de **Imperativo**")<sup>43</sup> e substantiva ("pode ainda ser equivalente a um nome").

No caso do infinitivo impessoal, os aprendentes espanhóis não costumam ter problemas de compreensão no que lhe diz respeito, por ser o seu uso praticamente igual em ambos os dois idiomas.

Na secção A da unidade, além do diálogo introdutório ao tema, em que já aparecem em contexto vários infinitivos pessoais, há dois exercícios para os alunos trabalharem o infinitivo pessoal e impessoal: o número 2 inclui uma explicação da construção e usos dos dois infinitivos quase iguais ao apêndice gramatical com uma prática de conjugação do verbo *ver*; um exercício de completar espaços com infinitivo flexionado e uma atividade de expressão oral onde os alunos devem tentar usar o infinitivo flexionado com expressões impessoais e locuções prepositivas.

No exercício número 3 os alunos trabalham, em primeiro lugar, com o infinitivo impessoal num exercício de completar espaços. A seguir, e continuando com o infinitivo impessoal, devem passar a imperativo (de *você*) uma série de instruções a infinitivo impessoal. Finalmente há uma atividade de expressão oral onde os alunos devem usar o infinitivo impessoal segundo a atividade anterior, usando infinitivo impessoal *versus* imperativo.

Por outro lado, no Caderno de Exercícios que acompanha o Livro do Aluno, na unidade 2 encontra-se um exercício relacionado diretamente com o infinitivo flexionado (o primeiro) e depois há outros dois em que se trabalha o infinitivo flexionado de forma indireta: o número 5, de carácter misto, de vocabulário e construção de frases, o número 6, em que umas frases devem ser completadas com os verbos no tempo adequado, entre eles, o infinitivo flexionado. Finalmente, no último exercício da unidade, o nono, há uma expressão escrita onde se devem dar conselhos a um amigo português que vem viver para Espanha.

Ao longo do Livro do Aluno volta a aparecer algum exercício de infinitivo flexionado (na Unidade de Revisão 1, o primeiro dos exercícios, de maneira direta, a completar espaços com o infinitivo flexionado adequado; e na unidade de revisão 3, no exercício 3, de maneira indireta, para completar espaços com a forma verbal adequada, entre elas o infinitivo

---

<sup>43</sup> Texto destacado em negro no original.

flexionado.

E ao longo do Caderno de Exercícios já não volta a aparecer o infinitivo pessoal e impessoal de maneira direta para serem trabalhados como tais, embora apareçam de maneira pontual, como por exemplo, no exercício 5 da unidade 10, prática de completar com a forma verbal adequada.

Merece atenção o que a autora do manual, Ana Tavares, diz acerca do infinitivo pessoal e os conselhos que dá ao professor/-a de português no Livro do Professor deste segundo volume. Num primeiro parágrafo, a autora considera que os alunos já estão prontos para refletirem sobre a língua portuguesa e aconselha ao docente reescrever no quadro, por um lado, os infinitivos pessoais e, por outro, as estruturas que o acompanham, retirados do diálogo, para entre todos os alunos junto do professor tentarem "chegar a uma conclusão sobre o [seu] uso.... que se devem habituar a pensar sobre a língua que estão a estudar".

Num segundo parágrafo, aconselha o professor, após os alunos terem feito o exercício do verbo *ver*, a sublinhar que não existem verbos irregulares na conjugação dos infinitivos pessoais, e faz notar que "será, sem dúvida, uma boa notícia para os seus alunos".

No terceiro parágrafo avisa o professor de que no exercício seguinte vai trabalhar-se a 2ª pessoa da flexão do infinitivo pessoal.

No quarto parágrafo, e já na prática oral, assinala que "o objetivo principal deste exercício é levar os alunos a usarem o ***Infinitivo Pessoal***".<sup>44</sup>

Já nos parágrafos seguintes foca a atenção no infinitivo impessoal: "Com este exercício, pretende-se que o aluno (...) tenha a noção de que em situações em que o verbo não se dirige a uma pessoa em particular, estamos em presença do ***Infinitivo Impessoal***".<sup>45</sup> Além de recordar o imperativo, aproveitando o facto de que o infinitivo se usa também em avisos e instruções, como a forma imperativa.

E este é o primeiro contacto a sério com o infinitivo flexionado dos alunos matriculados no segundo curso do nível A2.

O que se faz no terceiro volume do *Português XXI* que possa apoiar o aluno na sua assimilação do infinitivo flexionado, já num nível superior?

No Livro do Aluno, na unidade 1, há um exercício (o número 3) em que se deve

---

<sup>44</sup> Texto destacado em itálico e negro no original.

<sup>45</sup> Idem.

completar um quadro com os verbos no tempo adequado. Estes são o presente do indicativo, o pretérito perfeito simples e composto do indicativo, o pretérito imperfeito do indicativo e o infinitivo pessoal.

Já na unidade 2, que dá entrada ao presente do conjuntivo, há um exercício, o 3, em que se pratica a construção dessa forma de conjuntivo com diversas estruturas que a acompanham. No final do mesmo há cinco frases introduzidas com conjunções e cujos verbos devem ser conjugados no presente do conjuntivo e, uma vez feito, devem ser reescritas usando o infinitivo pessoal "fazendo as alterações necessárias".

Já na primeira unidade de revisão encontram-se vários exercícios onde o infinitivo flexionado está presente. No primeiro deles os alunos devem fazer frases com palavras dadas e, de maneira indireta, aparecem duas a serem feitas com infinitivo pessoal (de dez possíveis). No segundo exercício devem unir duas frases com uma palavra predeterminada. De oito ocorrências, três são para serem feitas com infinitivo pessoal. Já no terceiro exercício se convida o aluno a conjugar no presente do conjuntivo dez frases com infinitivo flexionado.

Curiosamente, na unidade 5, em que se vê a construção do futuro do conjuntivo, não se indica que as desinências do futuro do conjuntivo são as mesmas que as do infinitivo flexionado e que para os verbos regulares, a forma é a mesma em ambos os casos, deixando ao professor a explicação deste facto, como se indica na página 18 do Livro do Professor.<sup>46</sup>

Se assinalo esta circunstância é porque na unidade de revisão 2 do manual, o primeiro exercício começa assim: "Infinitivo Pessoal ou Futuro do Conjuntivo?", devendo o aluno escolher entre uma forma ou outra, segundo lhe parecer a correta, ao longo de 20 frases. A autora do manual aconselha, no Livro do Professor (pág. 19), que se faça o tal exercício "para que se verifique se compreenderam bem" as diferenças entre o infinitivo flexionado e o futuro do conjuntivo.

Já no exercício três da unidade de revisão 2, os alunos devem fazer frases com expressões determinadas, ora introduzem conjuntivo, ora infinitivo (6 frases). Já de maneira pontual, e nas seguintes duas unidades de revisão, aparece até em três ocasiões, o infinitivo pessoal a ser usado em exercícios mistos de escolha de forma verbal adequada.

No Caderno de Exercícios a ocorrência de exercícios em que a forma infinitiva pessoal

---

<sup>46</sup> "Em princípio, haverá sempre um ou mais alunos que cheguem à conclusão que este tempo tem uma forma igual à do Infinitivo Pessoal. Ajude-os a compreender que tal só acontece com os verbos regulares no Pretérito Perfeito; todos os que são irregulares terão, portanto, uma forma diferente."

aparece é maior, já desde a primeira unidade (com o exercício primeiro de escolha verbal adequada); na segunda unidade (com o número 6 a passar frases de infinitivo pessoal para o presente do conjuntivo; na unidade cinco (no exercício 6, a completar um diálogo com infinitivo pessoal ou futuro do conjuntivo); na unidade 6 (no primeiro exercício, a completar frases com indicativo, conjuntivo ou infinitivo pessoal); na unidade 7 (no exercício 9 em que ao mudar de conjunção, passa-se de uma construção de infinitivo pessoal para outra conjuntiva); na unidade 9 (exercício 4, selecionando a construção adequada, entre elas uma locução prepositiva, para completar as frases; e exercício 5, onde se devem corrigir os tempos verbais incorretos).

Não se deve perder de vista que todas as atividades, quer do Livro do Aluno, quer do Caderno de Exercícios, deste terceiro volume são para serem desenvolvidas ao longo de um ano letivo e decorrem paralelas às atividades relacionadas diretamente com o modo conjuntivo, salvo as da primeira unidade, que servem para relembrar o infinitivo flexionado visto no curso anterior. Por outro lado, convém esclarecer que as atividades da unidade 1 precederam os exercícios preparados para avaliar o desempenho da turma escolhida para este relatório.

Com efeito, o que é que acontece com os alunos que continuam a estudar português no curso seguinte, já no nível B1 e em que o infinitivo flexionado é já uma realidade que começa a ser onnipresente, quer através do terceiro volume do *Português XXI*, quer através das leituras obrigatórias, quer nos áudios e vídeos e material complementar em geral que domina já o uso da língua? Esta pergunta será respondida em parte nos capítulos 4 e 5 deste relatório, em que se comprovará o desempenho que teve o público-alvo desta investigação ao começar o primeiro curso de B1.

### **3.3. Caracterização do público-alvo**

A turma escolhida para realizar o estudo objeto deste relatório é a correspondente ao ano letivo 2014 – 2015 e ao nível B1, um curso integrado em que estavam matriculados 20 alunos, 16 deles no primeiro curso e 4 no segundo.

Todos eles espanhóis<sup>47</sup> e de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 18 e

---

<sup>47</sup> Um dos alunos era de origem colombiana.

os 60 anos. Convém fazer uma ressalva: apesar de falarem alguns deles valenciano<sup>48</sup> como língua materna, outros como L2, bilíngues em todo o caso, usaram em maior grau o castelhano como língua de comunicação naquelas ocasiões em que se tornou necessário comunicar em outra língua que não fosse a portuguesa em contexto de sala de aula, língua veicular da docência, sem que isso representasse problema para a realização deste trabalho.

Sobre esse universo humano, pediu-se à turma, previamente à realização dos exercícios preparados e com uma semana de antecedência à execução do primeiro deles, voluntários/as para participarem como público-alvo a ser analisado nesta investigação, convite que aceitaram 12 elementos do grupo.

Na análise dos resultados no capítulo seguinte os alunos aparecem ordenados alfabeticamente, representados pela letra do alfabeto correspondente, para garantir o seu anonimato.

### **3.4. Levantamento dos resultados**

A participação dos alunos consistiu na realização de quatro exercícios efetuados semanalmente entre outubro e novembro de 2014 (Anexo A). Nos três primeiros exercícios, os alunos tiveram de completar uma série de frases com o infinitivo flexionado adequado e um texto determinado com um tempo verbal ou uma forma infinitiva que lhe correspondesse, segundo o caso. No quarto exercício tiveram de redigir uma composição.

Para o primeiro exercício,<sup>49</sup> realizado a 22 de outubro de 2014, pediu-se-lhes que o fizessem sem solicitarem ajuda ao professor ou aos companheiros de turma e sem utilizarem o manual ou qualquer outro tipo de material que pudessem ter à mão. A intenção era a de comprovarem (e comprovar eu) qual o conhecimento que tinham e do que se lembravam em relação ao uso do infinitivo flexionado.

Numa aula entre a realização do primeiro exercício e o segundo, propôs-se-lhes a primeira tarefa corrigida, com uma explicação para relembrar os usos do infinitivo flexionado e não flexionado em português e resolver as dúvidas que pudessem ter.

Seguiu-se o mesmo esquema para o segundo e terceiro exercícios, realizados a 29 de

---

<sup>48</sup> Na Comunidade Valenciana, e segundo a legislação em vigor, o catalão é denominado valenciano.

<sup>49</sup> Ficha 1. Consistiu em preencher 15 frases com infinitivo flexionado. O total de infinitivos era de 15, um por frase. Ver Anexo A. I. Ficha 1.

outubro e 5 de novembro respetivamente, sendo o segundo exercício<sup>50</sup> também composto por frases com espaços a completar, mas, nesta ocasião, com variações em relação ao primeiro exercício, pois misturavam-se frases com infinitivo flexionado e frases com perífrases verbais que não requeriam infinitivo flexionado.

No terceiro exercício<sup>51</sup> tiveram de completar um texto adaptado em que os espaços a preencher abrangiam outros tempos verbais finitos já conhecidos pelos alunos, além do próprio infinitivo, de tal maneira que, uma vez completado, tivesse sentido.

Finalmente, no último exercício,<sup>52</sup> realizado a 12 de novembro, os alunos tiveram de redigir uma composição escrita, em que se lhes indicava um enunciado determinado, com o intuito de terem maior liberdade criativa e escreverem mais à vontade.

Procurava-se com os três primeiros exercícios lembrar os usos do infinitivo flexionado e não flexionado que os alunos já conheciam do curso anterior, A2.2, e com o último comprovar se, numa expressão mais livre e menos dirigida, aparecia na escrita o infinitivo flexionado, depois de ter estado a relembrar o uso daquele nas três semanas anteriores, quer através dos três primeiros exercícios, quer através de explicações no decorrer das aulas.

Todos os exercícios, incluída a expressão escrita, foram obtidos de dois livros, um manual, *Aprender Português 2*, e um livro de atividades *Vamos lá continuar!*, de modo que, salvo no último exercício, de escrita livre, os infinitivos pessoais que se deram, eram de natureza obrigatória.<sup>53</sup>

A seleção e distribuição dos exercícios dos dois livros entre as quatro fichas de trabalho foi a que se segue:

- Para a ficha 1,<sup>54</sup> utilizou-se o exercício 3 de *Aprender Português 2*.<sup>55</sup>

- Para a ficha 2,<sup>56</sup> o exercício "Infinitivo Pessoal ou Impessoal I" de *Vamos Lá Continuar!*<sup>57</sup>

---

50 Ficha 2. Consistiu em preencher 15 frases com o infinitivo flexionado, se for o caso. O total de infinitivos era de 7, um por frase. Ver Anexo A. II. Ficha 2.

51 Ficha 3. Consistiu em completar um texto com o tempo verbal adequado. O total de espaços a preencher era de 35, dos quais apenas 9 correspondiam a infinitivos. Ver Anexo A. III. Ficha 3.

52 Ficha 4. Consistiu numa composição, que serviu também como teste. Ver Anexo A. IV. Ficha 4.

53 Embora algumas respostas fossem suscetíveis de serem infinitivos pessoais compostos ou inclusive não necessariamente flexionados. Mas isto é já uma opinião pessoal e preferi, no momento de preparação das quatro fichas, obviar este ponto.

54 Ver Anexo A. I. Ficha 1.

55 Página 122. Exercício 3. Unidade 10 (referência completa do manual em Bibliografia).

56 Ver Anexo A. II. Ficha 2.

57 Páginas 49 – 50. Nesta ocasião, o exercício foi adaptado (referência completa do livro em Bibliografia).

- Para a ficha 3,<sup>58</sup> foram utilizados os exercícios 4 a 7 de *Aprender Português 2*.<sup>59</sup>
- Para a ficha 4,<sup>60</sup> o enunciado escolhido foi o número 1 dos apresentados da unidade 10 de *Aprender Português 2*.<sup>61</sup>

A escolha dos dois manuais citados para preparar as quatro fichas deveu-se, fundamentalmente, à ideia de familiaridade que têm estes livros com os que são utilizados comumente pelos alunos no que à realização de atividades sobre o infinitivo flexionado diz respeito.

Com isto tratava-se, por um lado, de procurar exercícios próximos dos que os alunos estavam acostumados a realizar em cursos anteriores à investigação em curso e, por outro lado, facilitava de passagem o trabalho de seleção de itens para a preparação das duas primeiras fichas, por serem frases avulsas e, portanto, descontextualizadas, em que se trabalhava a forma do infinitivo.

Por outro lado, no caso das outras duas fichas, resultava mais fácil adaptar um texto em que houvesse uma história que contar que redigir eu próprio uma história fictícia (ficha 3); e, no caso da última ficha, porque contava já com uma prova utilizada em cursos anteriores, o que vinha a propósito do que se pretendia com a realização da ficha 4, isto é, saber se com um enunciado determinado numa composição dada, os alunos iam usar espontaneamente o infinitivo flexionado.

No Anexo C incluem-se as 48 fichas de exercícios respondidas pelos alunos.

\*\*\*

No capítulo seguinte entra-se na fase de investigação propriamente dita, em que são sistematizados e analisados os resultados dos exercícios comentados neste capítulo. A seguir, serão interpretados os dados recolhidos e avaliados segundo o quadro teórico apresentado no primeiro capítulo deste relatório.

---

58 Ver Anexo A. III. Ficha 3.

59 Páginas 123 – 124. Exercício 4 e ss. Unidade 10. Para esta ficha, o exercício foi adaptado (referência completa do manual em Bibliografia).

60 Ver Anexo A. IV. Ficha 4.

61 Página 126. Tema 1. Unidade 10 (referência completa do manual em Bibliografia).

## **Capítulo 4 – Apresentação e interpretação dos resultados**

Nas páginas que se seguem são sistematizados e analisados os dados recolhidos dos resultados das quatro fichas realizadas pelos doze alunos, de maneira global e por exercício. Ao longo desta análise, serão interpretados os desvios, à luz do quadro teórico apresentado no primeiro capítulo desta dissertação.

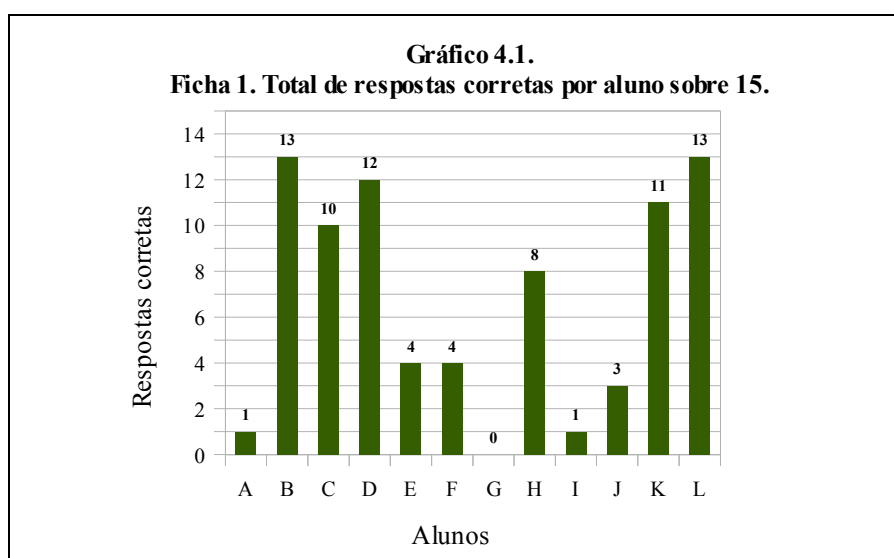
### **4.1. Os resultados por exercício**

#### **4.1.1. O primeiro exercício (ficha 1)**

Com este exercício pretendia-se diagnosticar qual o estado do conhecimento e uso do infinitivo flexionado, após tê-lo estudado no curso anterior.

A peculiaridade do exercício residia no facto de as 15 respostas serem todas infinitivos flexionados, não cabendo, de maneira nenhuma, outra resposta que não fosse o tal infinitivo – com ou sem desinência número-pessoal.

No gráfico 4.1 apresenta-se o total de respostas corretas por aluno sobre um total de 15 respostas corretas possíveis.<sup>62</sup>



<sup>62</sup> Quer este gráfico, quer todos os gráficos apresentados neste capítulo, são de elaboração própria a partir dos dados recolhidos. Para ver os resultados numéricos, ver Anexo B. I. Tabela 1 para este gráfico e os restantes apresentados nas páginas a seguir (gráficos 4.1 a 4.6).

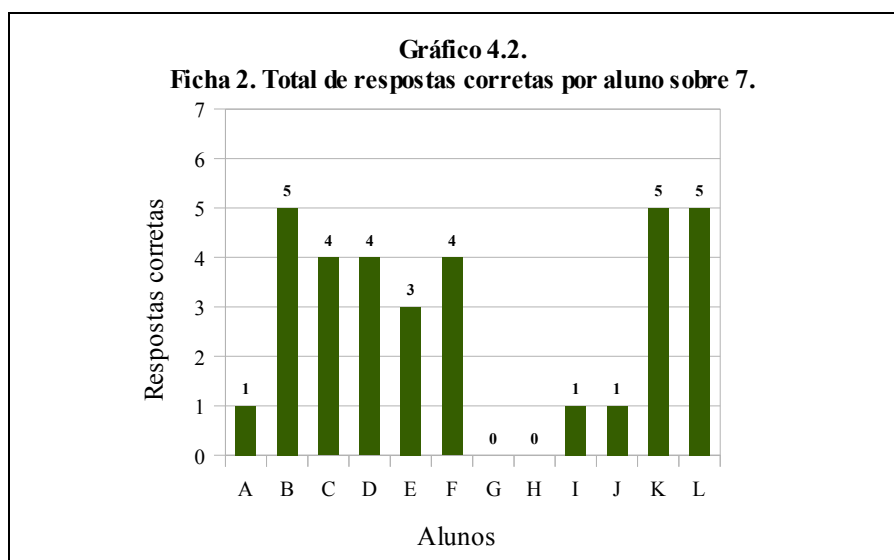
Observa-se que cinco dos doze alunos, B e L, com 13, D com 12, K com 11 e C com 10, obtiveram dez ou mais acertos. O aluno H conseguiu 8 acertos. Um grupo de cinco alunos, A, E, F, I e J, obtiveram menos de cinco acertos (1, 4, 4, 1 e 3 respetivamente). Finalmente, o aluno G não conseguiu fazer corretamente nenhum infinitivo. Em todos os casos, nenhum dos alunos conseguiu acertar os 15 infinitivos flexionados.

#### **4.1.2. O segundo exercício (ficha 2)**

Com o segundo exercício, depois de terem visto os resultados do primeiro e termos analisado o porquê dos erros e qual a resposta certa, e ter-se lembrado os usos do infinitivo flexionado, pretendia-se ver qual o desempenho dos alunos para realizarem um novo grupo de frases.

A peculiaridade deste exercício residia no facto de as 15 respostas possíveis não serem todas infinitivos flexionados, pois o exercício era uma combinatória de frases onde se misturavam respostas com infinitivos flexionados e não flexionados (em forma de perífrases verbais).

No gráfico 4.2 apresenta-se o total de respostas corretas por aluno sobre um total de 7 respostas corretas possíveis:



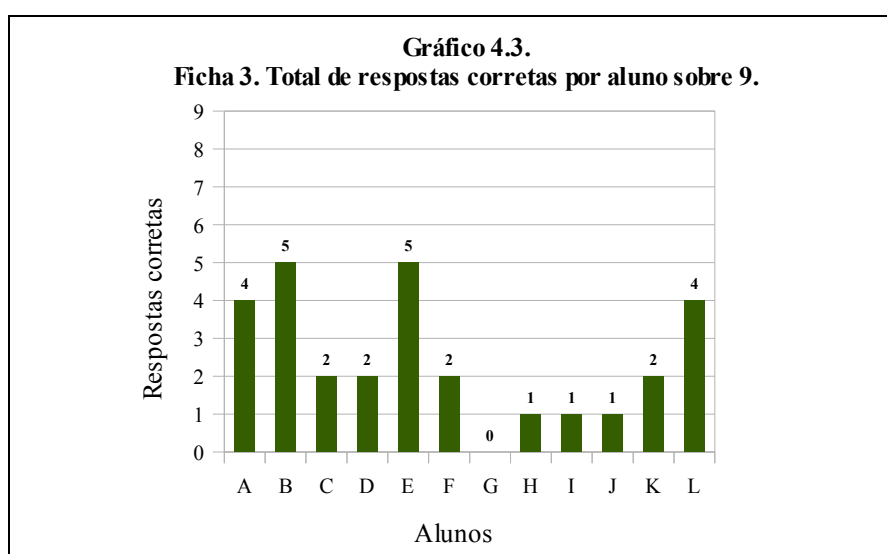
Neste gráfico comprovamos que o número de acertos é maior do que no caso da ficha 1. Com efeito, dos doze alunos, seis alunos conseguiram acertar mais de 4 respostas corretas: os alunos B, K e L, com 5 acertos e os alunos C, D e F, com 4 acertos, ficando próximos dos sete acertos possíveis. Já o resto dos alunos ficaram por abaixo da metade de acertos possíveis, sendo o aluno E, com 3 acertos quem ficou em melhor lugar. Os alunos A, I e J acertaram apenas 1 infinitivo flexionado. E os alunos G e H não acertaram nenhum. Mais uma vez, ninguém conseguiu conjugar os 7 infinitivos flexionados.

#### **4.1.3. O terceiro exercício (ficha 3)**

Com o terceiro exercício, elevou-se o nível de dificuldade. Por um lado, e do ponto de vista formal, escolheu-se um texto em que se narrava uma história, para tornar mais complexo o exercício. Por outro lado, e de um ponto de vista gramatical, abria-se o leque de possibilidades na escolha de mais tempos verbais, além do infinitivo.

Aqui já não havia nenhuma dúvida no que diz respeito à caracterização do infinitivo flexionado, depois de dois exercícios e duas semanas em que já se tinha lembrado tudo o que os alunos já tinham estudado anteriormente, além de ter comentado e tentado resolver todas as dúvidas apresentadas nas aulas anteriores.

No gráfico 4.3 apresenta-se o total de respostas corretas por aluno sobre um total de 9 respostas corretas possíveis:

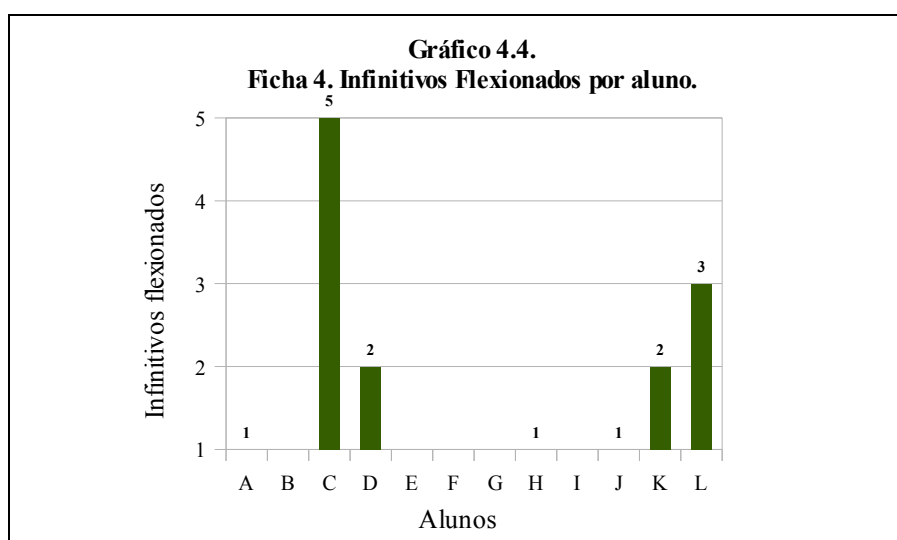


Na ficha 3 o número de acertos volta a diminuir. Apenas dois alunos, B e E, com 5 acertos, conseguiram ultrapassar a metade das 9 respostas corretas possíveis. Já os alunos A e L, com 4 acertos cada um, ficaram próximos dos dois primeiros. O resto dos alunos, C, D, F e K, com 2 acertos cada um, e H, I e J, com 1 acerto cada um, ficaram longe de ter tido um bom resultado. Mais uma vez, o aluno G não acertou nenhum infinitivo flexionado. E nenhum dos doze alunos atingiu os 9 resultados corretos.

#### **4.1.4. O quarto exercício (ficha 4)**

Com a composição houve liberdade de criação, sempre segundo o enunciado da tarefa. Tratava-se de saber qual era o uso do infinitivo flexionado que os alunos faziam num contexto pseudo-real, ao escreverem um texto de opinião onde se tem de argumentar. Nesta ocasião, com o álibi de ser uma prova de expressão escrita a ser avaliada, não se lhes disse que este texto ia fazer parte da investigação em curso com a ideia de não condicionar a escrita, já que se tivessem sabido que era um exercício para fazer parte deste relatório, ter-se-iam fixado mais na realização de infinitivos flexionados no texto e o resultado teria sido diferente.<sup>63</sup>

No gráfico 4.4 apresenta-se o total de infinitivos flexionados por aluno:<sup>64</sup>



<sup>63</sup> Foi depois que lhes foi revelado e pedido para ser incluído no presente relatório, ao que anuíram.

<sup>64</sup> No eixo das ordenadas aparece 5 como valor máximo absoluto de infinitivos flexionados a ser atingido, utilizando como referente os cinco infinitivos que fez o aluno C, ao não existir um número máximo de infinitivos flexionados possíveis de serem realizados. Sirva, pois, como índice de valor relativo.

Se observarmos os resultados do gráfico 4.4. veremos que apenas o aluno C fez uso de 5 infinitivos flexionados, seguido do aluno L, com 3. Já os alunos D e K utilizaram 2. Os alunos A, H e J usaram 1 infinitivo flexionado. Não escreveram nenhum infinitivo flexionado o resto dos alunos: B, E, F, G e I.

## **4.2. Os resultados por aluno**

A seguir, na tabela 4.1, apresentam-se os resultados, expressados em percentagens (x/100%), dos infinitivos flexionados corretos por aluno e ficha de exercício:

**Tabela 4.1.**  
**Resultados por aluno e ficha de Infinitivos Flexionados corretos (%).**<sup>65</sup>

|                | <b>Ficha 1</b> | <b>Ficha 2</b> | <b>Ficha 3</b> |
|----------------|----------------|----------------|----------------|
| <b>Aluno A</b> | 7              | 14             | 44             |
| <b>Aluno B</b> | 87             | 71             | 56             |
| <b>Aluno C</b> | 67             | 57             | 22             |
| <b>Aluno D</b> | 80             | 57             | 22             |
| <b>Aluno E</b> | 27             | 43             | 56             |
| <b>Aluno F</b> | 27             | 57             | 22             |
| <b>Aluno G</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno H</b> | 53             | 0              | 11             |
| <b>Aluno I</b> | 7              | 14             | 11             |
| <b>Aluno J</b> | 20             | 14             | 11             |
| <b>Aluno K</b> | 73             | 71             | 22             |
| <b>Aluno L</b> | 87             | 71             | 44             |

**Elaboração própria.**

Em primeiro lugar, ao vermos os resultados da ficha 1, observa-se que seis alunos ultrapassaram 50% de respostas corretas, enquanto os outros seis alunos ficaram por abaixo da média: por um lado, os alunos B, D e L conseguiram uma alta percentagem de acertos, com 87%, 80% e 87%, seguidos dos alunos C e K com 67% e 73% de respostas corretas. Já o aluno H conseguiu 53%. Por outro lado, os alunos F, com 27%, e J, com 20% foram os melhor posicionados; enquanto os alunos A e I, com 7% cada um, não atingiram 10% de acertos. O aluno G ficou com 0%.

---

<sup>65</sup> Não se incluem os dados da ficha 4. Ver Anexo B. I. Tabela 1.

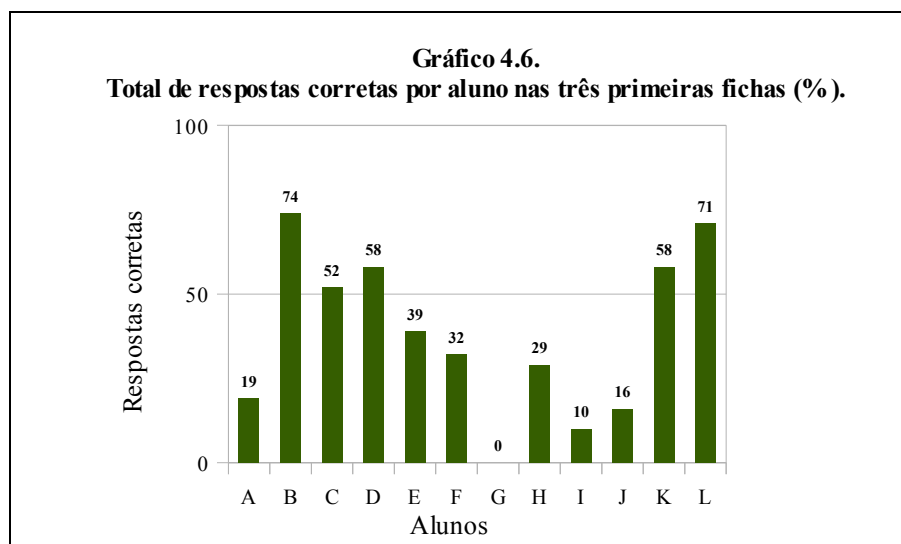
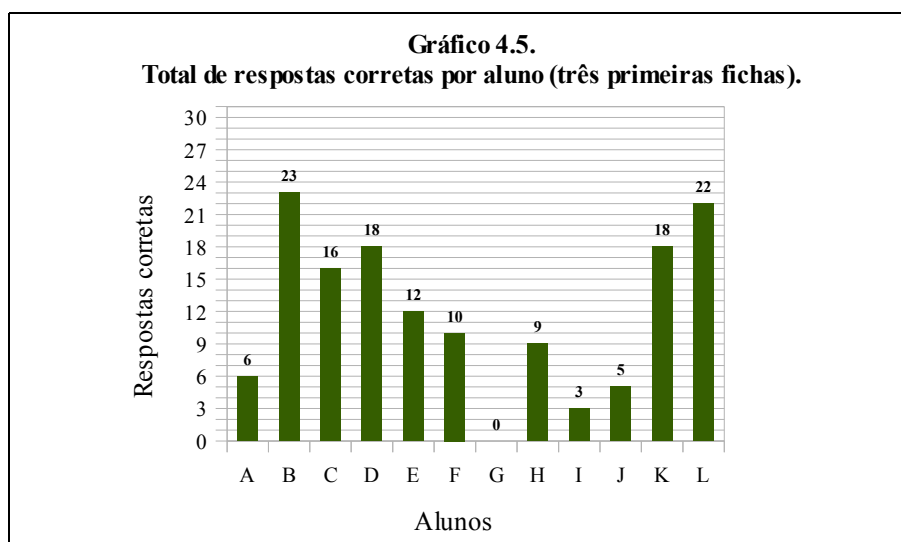
Em segundo lugar, se analisarmos os resultados da ficha 2, observamos que a média de alunos por cima de 50% de acertos se mantém: seis alunos em total, os alunos B, K e L com 71% cada um, e C, D e F com 57%, respetivamente. Embora estes dados devam ser tomados com precaução ao estarem três dos alunos muito próximos de 50%. O aluno E conseguiu 43% de acertos. E o resto ficou muito por debaixo: os alunos A, I e J, com 14% de acertos respetivamente, e os alunos G e H, com 0%.

Convém analisar os resultados das duas primeiras fichas, dado que se observa, em linhas gerais, que o índice de respostas corretas tende a descer da primeira para a segunda coluna. Assim, há quatro alunos que tiveram uma maior percentagem de acertos na segunda coluna em relação à primeira (A, E, F, e I). Porém, os restantes alunos tiveram uma maior percentagem de acertos na ficha 1, salvo o aluno G, que não obteve nenhum resultado correto, e apesar de que resulte difícil entender porque o aluno H passou de 54% de acertos na primeira ficha a 0% de acertos na segunda. Talvez tenha a ver o facto de na ficha 1 todas as repostas serem infinitivos flexionados e, na ficha 2, as respostas misturavam flexionados e não flexionados (em forma de perífrase verbal), o que talvez levasse os alunos a uma maior confusão na escolha do infinitivo.

Em terceiro lugar, ao vermos os resultados da ficha 3 descobre-se que a quantidade de alunos com acertos por cima de 50% é bastante menor do que nas fichas anteriores. Com efeito, apenas os alunos B e E conseguem atingir 56% de respostas corretas, seguidos dos alunos A e L, com 44% cada um, mas já situados por debaixo da média. Longe desta, os alunos C, D, F e K atingiram 22% de acertos; e os alunos H, I e J apenas conseguiram um 11% de respostas corretas. Mais uma vez, o aluno G ficou com 0%.

O caso desta ficha merece atenção diferenciada, porquanto do que se tratava era de completar um texto em que se narrava uma história. É certo que a mistura de formas verbais era maior e a escolha da forma verbal correta vinha determinada em certo sentido pelo contexto do que se narrava, o que à partida deveria ter ajudado os alunos a realizarem de melhor maneira o exercício. O que, em linhas gerais, não foi o caso. Talvez estivessem condicionados pelo facto de saberem que tinham ante si um exercício de infinitivo flexionado e a possibilidade de ter de escolher uma forma verbal que não fosse o tal infinitivo provocou-lhes a confusão.

Neste ponto de situação, pode ser interessante comparar a soma das respostas corretas das três primeiras fichas por cada aluno sobre o total de 31 infinitivos flexionados possíveis (gráfico 4.5) e transpô-los para valores percentuais (gráfico 4.6) com o intuito de fazer uma primeira avaliação dos resultados.<sup>66</sup>



<sup>66</sup> As percentagens foram arredondadas quer para baixo, quer para cima, até ao número inteiro mais próximo, dependendo de se o valor decimal ficava por debaixo ou por cima de 0'5. Todos os dados percentuais que aparecerem nas páginas que se seguem seguirão o mesmo critério de arredondamento para uma melhor leitura e compreensão dos dados apresentados.

Segundo os resultados do gráfico 4.5, vemos um primeiro grupo formado por quatro alunos, B, C, D, K e L, que ultrapassam 50% de acertos, estando mais próximos de 100% os alunos B e L, com 74% e 71% de acertos, cada um; enquanto os alunos C, D e K ficam no limite de 50% de respostas corretas (52%, 58% e 58% respetivamente).

O resto de alunos não chegam à metade de acertos: um segundo grupo, os alunos E e F, fica relativamente perto de 50% de acertos, com 39% e 32% de acertos cada um. Já um terceiro grupo formado pelo aluno H teve 29% de acertos. Porém, os alunos A, L e J, formando um quarto grupo, ficariam por debaixo de 20% de acertos, com 19%, 10% e 16% respetivamente. Em último lugar, com 0% de acertos, fica o aluno G.

Em resumo, após ter visto os resultados apresentados nas páginas anteriores e de um ponto de vista qualitativo, pode-se deduzir de forma geral duas conclusões:

- A maior grau de dificuldade do exercício, correspondem menos acertos na escolha do infinitivo flexionado correto.
- Quanto maior possibilidade de escolha e de criação, mais difícil resulta para os alunos utilizarem o infinitivo flexionado.

No primeiro caso, a quantidade de acertos deve-se ao facto de serem exercícios dirigidos e um tanto mecânicos, enquanto, no segundo caso, a liberdade de ação condicionou a realização de infinitivos flexionados.

Vamos vê-lo através da análise dos desvios em 4.3.

### **4.3. Análise das ocorrências incorretas**

#### **4.3.1. Substituição do infinitivo flexionado por formas verbais do conjuntivo**

Uma primeira observação que chama a atenção ao analisar as fichas dos alunos é que muitas respostas passíveis de ser infinitivo flexionado foram substituídas por formas verbais do conjuntivo. Ora bem, não se trata do conjuntivo português. Convém esclarecer este aspeto:

- Poderia tratar-se do presente do conjuntivo português, conhecido através do modo imperativo e que já estudaram em A2.1. Mas também do presente do conjuntivo espanhol, dado que a construção é a mesma que a de português.

- Nada tem a ver com o futuro do conjuntivo, que ainda não conhecem e que, ainda por cima, não existe em espanhol, para além de estruturas fixas<sup>67</sup> ou de gírias profissionais (como

---

<sup>67</sup> Por exemplo: "Sea como fuere" (*seja como for*). Porém esta estrutura também se pode dizer da seguinte

é o caso da linguagem jurídica)<sup>68</sup> e, portanto, os alunos não vão saber substituir o infinitivo flexionado por um futuro do conjuntivo que ainda não conhecem.

- O imperfeito do conjuntivo espanhol, aportuguesado, fará a função de infinitivo flexionado.

A seguir vamos ver a casuística a este respeito:

**a) Substituição de infinitivo flexionado por presente do conjuntivo**

Seja qual for a forma que precede o infinitivo flexionado, uma expressão impessoal, uma preposição ou uma locução prepositiva, uma das ocorrências de mais presença, ao terem os alunos de completar os espaços, foi a de um presente do conjuntivo.

Podemos vê-lo em (11), para o presente do conjuntivo; e em (12), para o imperfeito do conjuntivo - sendo a., o desvio do aluno, b., a resposta correta e c., a frase em espanhol e de onde provém a resposta de a.<sup>69</sup>

(11)

a. \*É importante [que] *acreditemos* (nós / acreditar) no futuro.<sup>70</sup>

b. É importante *acreditarmos* (nós / acreditar) no futuro.

c. (Es importante *que creamos* en el futuro.)

(12)

a. \*Eles disseram que não iam trabalhar *sem* [que] o médico *passasse* (passar) o atestado médico.<sup>71</sup>

b. Eles disseram que não iam trabalhar *sem* o médico *passar* (passar) o atestado médico.

c. (Ellos dijeron que no irían a trabajar *sin* que el médico *pasase* el certificado médico.)

A seguir, na tabela 4.2, apresentam-se as ocorrências de substituição de infinitivo flexionado por presente do conjuntivo por aluno e ficha de exercício, expressadas em percentagens (x/100%):<sup>72</sup>

---

maneira: "Sea como sea" que, de facto, é a mais usada na linguagem coloquial.

68 Por exemplo: "Si el reo incurriere en delito...": Se o réu incorrer em crime... Tradução minha.

69 Seguir-se-á esta forma de citação nos exemplos deste capítulo. Indicar-se-á oportunamente quando não for assim.

70 Anexo C. Ficha 1. Aluno A. Item a).

71 Anexo C. Ficha 1. Aluno H. Item h).

72 Ver Anexo B. II. Tabela 2.

**Tabela 4.2.**  
**Ocorrências por aluno e ficha de substituição de**  
**Infinitivo Flexionado por Presente do Conjuntivo (%).**

|                | <b>Ficha 1</b> | <b>Ficha 2</b> | <b>Ficha 3</b> |
|----------------|----------------|----------------|----------------|
| <b>Aluno A</b> | 20             | 43             | 0              |
| <b>Aluno B</b> | 0              | 14             | 22             |
| <b>Aluno C</b> | 13             | 29             | 0              |
| <b>Aluno D</b> | 0              | 14             | 33             |
| <b>Aluno E</b> | 40             | 14             | 11             |
| <b>Aluno F</b> | 20             | 14             | 11             |
| <b>Aluno G</b> | 27             | 43             | 56             |
| <b>Aluno H</b> | 13             | 57             | 22             |
| <b>Aluno I</b> | 33             | 29             | 22             |
| <b>Aluno J</b> | 47             | 57             | 33             |
| <b>Aluno K</b> | 7              | 14             | 22             |
| <b>Aluno L</b> | 7              | 0              | 22             |

**Elaboração própria.**

Se observarmos os resultados da ficha 1, os alunos E e J, com 40% e 47% respetivamente, ficam próximos de 50% de conjuntivos, seguidos do aluno I, com 33%, e o aluno G, com 27% de presentes do conjuntivo. Os alunos A e F ficaram no limite dos 20%. Já os alunos C e H tiveram 13% de ocorrências cada um, enquanto os alunos K e L atingiram 7% de ocorrências. Finalmente, os alunos B e C não substituíram nenhum infinitivo flexionado por presente do conjuntivo.

Ao analisarmos os dados obtidos da ficha 2, os alunos H e J ultrapassam a média, com 57% de presentes do conjuntivo. Seguem-se-lhes os alunos A e G com 43% de ocorrências. Já os outros alunos ficam por abaixo dos valores de 30%: os alunos C e I com 29% de ocorrências, os alunos B, D, E, F e K, com 14%, e, finalmente, o aluno L, que não teve nenhuma ocorrência.

Vamos já com os resultados da ficha 3. O aluno G teve 56% de incidências de presente do conjuntivo, sendo o único que ultrapassou a fasquia dos 50%. Os alunos D e J atingiram 33% de ocorrências, seguidos dos alunos B, H, I, K e L, com 22%. A e F apenas chegaram aos 11%. Finalmente, os alunos A e C não tiveram nenhum desvio.

Salvo os alunos E, F e I, que tiveram uma descida de percentagem significativa ao longo dos três exercícios, nos outros casos, houve dois grandes grupos: o dos alunos que tiveram um acréscimo nos desvios de presente do conjuntivo (alunos D, G e K) e o dos alunos que tiveram um índice de erro variável, com uma casuística mais desigual em que predomina uma maior incidência de erro na segunda ficha (alunos A, B, C, H, J e L).

Vejamos alguns exemplos de ocorrências:

I. Presente do conjuntivo introduzido por expressão impessoal. Tal como ocorre em português, em espanhol também se introduz com essa mesma estrutura. Assim, quando os alunos responderam com um presente do conjuntivo, fizeram-no transpondo a partícula *que* de forma imaginária de maneira que viesse a completar a frase em questão e dar-lhe coerência à construção,<sup>73</sup> tal como vimos em (11).

Podemos comprová-lo também em (13) e em (14):

(13)

- a. \*É muito importante [que] não *deixes* (vocês / deixar) passar o prazo.<sup>74</sup>
- b. É muito importante não *deixarem* (vocês / deixar) passar o prazo.
- c. (Es muy importante *que* no *dejes* pasar el plazo).

(14)

- a. \*É importante [que] *tragamos* (trazer) um mapa.<sup>75</sup>
- b. É importante *trazermos* (trazer) um mapa.
- c. (Es importante *que* *traigamos* um mapa).

II. Presente do conjuntivo introduzido por preposição ou locução prepositiva. Em espanhol, como em português, determinadas preposições e locuções prepositivas introduzem presente do conjuntivo.

No caso em estudo também houve desvios relacionados com esta estrutura. E, como acontece com as expressões impessoais, o aluno que errou fez uma transposição do espanhol para o português introduzindo imaginariamente a partícula *que* para completar e dar sentido às frases em questão, como em (15), (16) e (17):

---

<sup>73</sup> Aparece algum caso em que se coloca diretamente o *que*.

<sup>74</sup> Anexo C. Ficha 2. Aluno E. Item b). Neste caso, o aluno também errou na pessoa.

<sup>75</sup> Anexo C. Ficha 3. Aluno G. Terceiro espaço. O sujeito *nós* vem determinado pelo contexto do exercício.

(15)

- a. \*Até [que] *digam* (vocês / dizer) a verdade, não saem de aqui.<sup>76</sup>
- b. Até *dizerem* (vocês / dizer) a verdade, não saem de aqui.
- c. (Hasta *que digan* la verdad, no salen de aquí.)

(16)

- a. \*Depois de [que] *tomemos* (nós / tomar) uma decisão, avisamos-te.<sup>77</sup>
- b. Depois de *tomarmos* (nós / tomar) uma decisão, avisamos-te.
- c. (Despues de *que tomemos* una decisión, te avisamos).

(17)

- a. \*Antes de [que] nós *acabemos* (acabar) o curso de Português.<sup>78</sup>
- b. Antes de nós *acabarmos* (acabar) o curso de Português.
- c. (Antes de *que acabemos* el curso de Português.)

### **b) Substituição de infinitivo flexionado por imperfeito do conjuntivo**

Embora em menor medida, também encontramos o imperfeito do conjuntivo em substituição do infinitivo flexionado.

Convém ressaltar que o imperfeito do conjuntivo espanhol se conjuga de maneira dupla. Por exemplo, em verbos regulares como *cantar*, conjugar-se-ia assim: *cantara* ou *cantase*; já *comer*: *comiera* ou *comiese*; e, finalmente, *abrir*: *abriera* ou *abriese*. Com verbos irregulares, citaremos a modo de exemplo, os verbos auxiliares, como *ser*: *fuera* ou *fuese*; *estar*: *estuviera* ou *estuviese*; *tener*: *tuviera* ou *tuviese*. Outros exemplos com verbos irregulares: *hacer*: *hiciera* ou *hiciese*; *pedir*: *pidiera* ou *pidiese*; *traer*: *trajera* ou *trajese*. E assim por diante.

É importante saber que as duas formas são empregues indistintamente. O aprendente hispanofalante de PLE vai usar uma dessas duas formas em lugar do infinitivo flexionado, traduzindo do imperfeito do conjuntivo espanhol para o português.

A seguir, na tabela 4.3, apresentam-se as ocorrências de substituição de infinitivo flexionado por imperfeito do conjuntivo por aluno e ficha, expressadas em percentagens

---

<sup>76</sup> Anexo C. Ficha 1. Aluno I. Item b).

<sup>77</sup> Anexo C. Ficha 2. Aluno J. Item d).

<sup>78</sup> Anexo C. Ficha 3. Aluno K. Primeiro espaço.

(x/100%):<sup>79</sup>

**Tabela 4.3.**  
**Ocorrências por aluno e ficha de substituição de**  
**Infinitivo Flexionado por Imperfeito do Conjuntivo (%).**

|                | <b>Ficha 1</b> | <b>Ficha 2</b> | <b>Ficha 3</b> |
|----------------|----------------|----------------|----------------|
| <b>Aluno A</b> | 20             | 14             | 11             |
| <b>Aluno B</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno C</b> | 0              | 0              | 44             |
| <b>Aluno D</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno E</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno F</b> | 7              | 0              | 0              |
| <b>Aluno G</b> | 7              | 14             | 0              |
| <b>Aluno H</b> | 13             | 0              | 0              |
| <b>Aluno I</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno J</b> | 0              | 14             | 0              |
| <b>Aluno K</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno L</b> | 0              | 14             | 0              |

**Elaboração própria.**

Observa-se que as ocorrências de imperfeito do conjuntivo são bastante menores em relação ao que acontece com o presente do conjuntivo. O aluno A é, com diferença, quem mais valores percentuais apresenta nas três fichas, 20% na ficha 1, 14% na ficha 2 e 11% na ficha 3, e o único que tem desvios nos três exercícios. É seguido pelo aluno G, com 7% e 14% nas duas primeira fichas, respetivamente. Seguem-se-lhe o aluno C, com 44% de incidências na ficha 3; os alunos J e L, com 14% de desvios; e os alunos F e H, com 7% e 13% de imperfeitos do conjuntivo cada um. Os alunos B, D, E, I e K não incorreram neste desvio.

Neste caso, chama a atenção, além da menor incidência de imperfeitos do conjuntivo em relação aos dados analisados referentes ao presente do conjuntivo, o facto de as duas primeiras fichas serem os dois exercícios em que maior número de alunos escolheram esta forma de conjuntivo, em comparação com os dois alunos que o fizeram na terceira ficha. Por outro lado, se virmos a evolução dos desvios, no caso do aluno A, a tendência é para baixar, com um menor índice percentual ao longo das três fichas. Apenas o aluno G apresenta um acréscimo entre a primeira e a segunda ficha.

<sup>79</sup> Ver Anexo B. III. Tabela 3.

Os alunos que substituíram o infinitivo flexionado por imperfeito do conjuntivo fizeram-no em frases em que o tempo remetia para o passado, nomeadamente naquelas frases introduzidas por preposição e locução prepositiva.

Vejamos alguns exemplos:

I. Imperfeito do conjuntivo introduzido por expressão impessoal. Com uma casuística reduzida, os alunos, para completarem a estrutura espanhola, colocaram a partícula *que* na frase para dar-lhe sentido, como podemos comprovar em (18):

(18)

- a. \*Será bom [que] nos *fizéramos* (nós / fazer) alguma coisa pelo meio ambiente.<sup>80</sup>
- b. Será bom nós *fazermos* (nós / fazer) alguma coisa pelo meio ambiente.
- c. (Sería bueno *que hiciéramos* alguna cosa por el medio ambiente).

II. Imperfeito do conjuntivo introduzido por preposição e locução prepositiva. Neste caso, ao contrário do anterior, a casuística foi bastante numerosa. O esquema é o mesmo: completar a estrutura espanhola com um *que* imaginário na frase para que faça sentido, como vimos no exemplo (18) e como podemos comprovar nos seguintes (19), (20) e (21):

(19)

- a. \*Para os colegas mais facilmente compreenderem (compreender) o que nós estivemos (estar) a dizer e [que] *se puderam* (poder) orientar melhor.<sup>81</sup>
- b. Para os colegas mais facilmente compreenderem (compreender) o que nós estávamos (estar) a dizer e *se poderem* (poder) orientar melhor.
- c. (Para *que* nuestros compañeros comprendieran más fácilmente lo que les estábamos diciendo e *se pudieran* orientar mejor.)

(20)

- a. \*Antes de [que] nós *acabáramos* (acabar) o curso de Português.<sup>82</sup>
- b. Antes de nós *acabarmos* (acabar) o curso de Português.
- c. (Antes de *que acabáramos* el curso de Portugués.)

(21)

- a. \*Depois de [que] nós *fizéramos* (fazer) as apresentações.<sup>83</sup>

80 Anexo C. Ficha 1. Aluno F. Item c).

81 Anexo C. Ficha 3. Aluno A. Sexto espaço.

82 Anexo C. Ficha 3. Aluno C. Primeiro espaço.

83 Anexo C. Ficha 3. Aluno F. Nono espaço.

b. Depois de nós *fazermos* (fazer) as apresentações.

c. (Después de *que hiciéramos* las presentaciones.)

#### **4.3.2. Substituição de infinitivo flexionado por formas verbais do indicativo**

Porém o modo conjuntivo não é o único que serve os alunos para substituírem os infinitivos pessoais. Do modo indicativo também apareceram diversas formas verbais, nomeadamente, presente, pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito e futuro imperfeito. Resulta difícil compreender o porquê da substituição do infinitivo por uma forma verbal do indicativo, fazendo-se necessário tentar uma explicação caso por caso dos exemplos escolhidos.

##### **a) Substituição de infinitivo flexionado por presente do indicativo**

Na tabela 4.4 apresentam-se os resultados por aluno e ficha de substituição dos infinitivos flexionados por presentes do indicativo, expressados em percentagens (x/100%):<sup>84</sup>

**Tabela 4.4.**  
**Ocorrências por aluno e ficha de substituição de**  
**Infinitivo Flexionado por Presente do Indicativo (%).**

|                | <b>Ficha 1</b> | <b>Ficha 2</b> | <b>Ficha 3</b> |
|----------------|----------------|----------------|----------------|
| <b>Aluno A</b> | 7              | 0              | 11             |
| <b>Aluno B</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno C</b> | 0              | 14             | 0              |
| <b>Aluno D</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno E</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno F</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno G</b> | 13             | 0              | 0              |
| <b>Aluno H</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno I</b> | 0              | 0              | 0              |
| <b>Aluno J</b> | 7              | 0              | 0              |
| <b>Aluno K</b> | 7              | 0              | 0              |
| <b>Aluno L</b> | 0              | 0              | 0              |

**Elaboração própria.**

Basta ver a tabela para perceber que apenas há seis casos de substituição de infinitivo flexionado por presentes do indicativo. E, salvo em dois casos, os alunos A (na ficha 3, com 11% dos desvios) e C (na ficha 2, com 14% dos desvios), houve cinco alunos que tiveram o

<sup>84</sup> Ver Anexo B. IV. Tabela 4.

resto das ocorrências na ficha 1: os alunos A (7%), G (13%), J e K (7% cada um). Foi o aluno A quem teve maior incidência de erros ao aparecerem presentes do indicativo nas primeira e terceira ficha e de maneira crescente. O resto dos alunos, além dos citados, não teve nenhuma ocorrência de presentes do indicativo.

Vejamos alguns exemplos:

Em (22) e (23), os alunos tentaram uma oração condicional introduzindo a conjunção *se* de maneira imaginária para completar a estrutura e dar sentido à frase.<sup>85</sup>

(22)

- a. \*Será bom [se] *facemos* (nós / fazer) alguma coisa pelo meio ambiente.<sup>86</sup>
- b. Será bom *fazemos* (nós / fazer) alguma coisa pelo meio ambiente.
- c. (Será bueno *si hacemos* alguna cosa por el medio ambiente.)

(23)

- a. \*É útil [se] *aprendemos* (nós / aprender) artes marciais.<sup>87</sup>
- b. É útil *aprendermos* (nós / aprender) artes marciais.
- c. (Será útil *si aprendemos* artes marciales.)

Em (24) e (25), os alunos, simplesmente, colocaram o verbo no presente do indicativo, sem nenhum motivo aparente. Talvez se tivessem esquecido de colocar a consoante /r/ entre as vogais?<sup>88</sup>

(24)

- a. \*Depois de *veem* (eles / ver) o filme, regressaram a casa deles.<sup>89</sup>
- b. Depois de *verem* (eles / ver) o filme, regressaram a casa deles.
- c. (Después de *ver* la película, volvieron a casa de ellos.)

(25)

- a. \*Depois de nós *fazemos* (fazer) as apresentações.<sup>90</sup>
- b. Depois de nós *fazemos* (fazer) as apresentações.

85 O futuro do conjuntivo existe no sistema verbal espanhol, porém não se utiliza. Por isso, nas frases condicionais introduzidas pela conjunção "si" (*se*), quando têm valor de presente ou futuro, usa-se o presente do indicativo na oração subordinada, seja qual for o valor: ação possível no futuro ou quase possível. E quando tem valor de passado ou de ação irrealizável, o imperfeito do conjuntivo, neste caso, como em português.

86 Anexo C. Ficha 1. Aluno G. Item c).

87 Ibidem. Item g).

88 O que deixaria de ser um presente do indicativo para passar a ser um infinitivo flexionado errado na sua construção. Optou-se porém por considerá-los como presente do indicativo.

89 Anexo C. Ficha 1. Aluno K. Item l).

90 Anexo C. Ficha 3. Aluno A. Nono espaço.

c. (Despues de *hacer* las presentaciones.)

Em (26), o aluno errou na escolha do verbo, usando *ver* por *ir*, pelo que neste caso apenas cabe uma única explicação, a de não saber bem os verbos e a conjugação deles, ao confundir o verbo *ir* pelo verbo *vir* e daí passar para *ver*, erro comum entre os aprendentes hispano-falantes de PLE.

(26)

a. \*O Pedro pediu para o Paulo *vê* (ir) a casa dele esta noite.<sup>91</sup>

b. O Pedro pediu para o Paulo *ir* (ir) a casa dele esta noite.

c. (Pedro le dijo a Pablo *que fuese* a su casa esta noche.)

### **b) Substituição de infinitivo flexionado por pretérito perfeito simples**

Na tabela 4.5 apresentam-se os resultados por aluno e ficha de substituição dos infinitivos flexionados por pretérito perfeito simples do indicativo, expressados em percentagens (x/100%):<sup>92</sup>

**Tabela 4.5.**  
**Ocorrências por aluno e ficha de substituição de**  
**Infinitivo Flexionado por Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (%).**

|                | Ficha 1 | Ficha 2 | Ficha 3 |
|----------------|---------|---------|---------|
| <b>Aluno A</b> | 13      | 14      | 11      |
| <b>Aluno B</b> | 0       | 0       | 0       |
| <b>Aluno C</b> | 0       | 0       | 11      |
| <b>Aluno D</b> | 0       | 0       | 11      |
| <b>Aluno E</b> | 0       | 0       | 0       |
| <b>Aluno F</b> | 7       | 0       | 11      |
| <b>Aluno G</b> | 7       | 0       | 11      |
| <b>Aluno H</b> | 0       | 0       | 11      |
| <b>Aluno I</b> | 7       | 0       | 11      |
| <b>Aluno J</b> | 0       | 0       | 11      |
| <b>Aluno K</b> | 0       | 0       | 11      |
| <b>Aluno L</b> | 0       | 0       | 0       |

**Elaboração própria.**

91 Anexo C. Ficha 2. Aluno C. Item i).

92 Ver Anexo B. V. Tabela 5.

Os casos de pretérito perfeito simples são mais numerosos do que os casos de presente do indicativo, nomeadamente na ficha 3, onde até nove alunos incorreram em erro (11% de ocorrências em todos eles). Só os alunos B, E e L não tiveram desvios (em nenhuma das três fichas). Os alunos C, D, H, J, K e L, além da ficha 3, não fizeram nenhum pretérito perfeito simples do indicativo nas duas primeiras fichas. O aluno A, mais uma vez, teve maior índice de erros nas três fichas: 13%, 14% e 11% em cada uma das fichas, respetivamente. Já os alunos F, G e I tiveram 7% de ocorrências na ficha 1. Na ficha 2, salvo o caso do aluno A, nenhum aluno teve ocorrências.

Vejamos alguns exemplos:

Em (27), o aluno fez uma transferência de oração infinitiva para uma oração causal, acrescentando um *que* imaginário à preposição *por*, convertendo-a na conjunção *porque*.

(27)

- a. \*Chegaste mais tarde por[que] *foiste* (tu / ir) a pé.<sup>93</sup>
- b. Chegaste mais tarde por *ires* (tu / ir) a pé.
- c. (Llegaste más tarde *porque fuiste* andando.)

No exemplo (28) o aluno conjugou o verbo *ver* em pretérito perfeito simples em português e completou a estrutura para dar-lhe sentido com a partícula *que*, transformando-a numa oração espanhola.

(28)

- a. \*Depois de [que] *viram* (eles / ver) o filme, regressaram à casa deles.<sup>94</sup>
- b. Depois de *verem* (eles / ver) o filme, regressaram à casa deles.
- c. (Después de *que vieron* la película, volvieron a casa de ellos.)

Em (29), o aluno colocou o verbo em pretérito perfeito simples, ao entender a oração principal com valor de passado:

(29)

- a. \*Depois de [que] *tomámos* (nós / tomar) uma decisão, avisamos-te.<sup>95</sup>
- b. Depois de *tomarmos* (nós / tomar) uma decisão, avisamos-te.
- c. (Después de *que tomamos* una decisión, te avisamos.)

---

93 Anexo C. Ficha 1. Aluno A. Item j).

94 Anexo C. Ficha 1. Aluno I. Item l).

95 Anexo C. Ficha 2. Aluno A. Item d). Observe-se como coloca o acento, o que demonstra que entendeu a frase em passado.

Em (30) aconteceu o mesmo que em (29), mas nesta ocasião o aluno percebeu sem dúvida nenhuma toda a oração com valor de ação acabada, ao conjugar o verbo *acalmar* da oração principal também em pretérito perfeito simples. Mais uma vez, aparece a partícula *que* para completar a estrutura e dar sentido à frase.

(30)

- a. \*Depois de [que] todos *beberam* (beber), *acalmaram-se* (acalmar-se).<sup>96</sup>
- b. Depois de todos *beberem* (beber), *acalmaram-se* (acalmar-se).
- c. (Después de *que* todos *bebieron*, se calmaron.)

### c) Substituição de infinitivo flexionado por pretérito imperfeito do indicativo

Na tabela 4.6 apresentam-se os resultados por aluno e ficha de substituição dos infinitivos flexionados por pretérito imperfeito do indicativo, expressados em percentagens (x/100%):<sup>97</sup>

**Tabela 4.6.**  
**Ocorrências por aluno e ficha de substituição de**  
**Infinitivo Flexionado por Pretérito Imperfeito do Indicativo (%).**

|                | Ficha 1 | Ficha 2 | Ficha 3 |
|----------------|---------|---------|---------|
| <b>Aluno A</b> | 13      | 0       | 0       |
| <b>Aluno B</b> | 0       | 0       | 0       |
| <b>Aluno C</b> | 0       | 0       | 0       |
| <b>Aluno D</b> | 0       | 0       | 0       |
| <b>Aluno E</b> | 0       | 14      | 0       |
| <b>Aluno F</b> | 0       | 0       | 0       |
| <b>Aluno G</b> | 13      | 0       | 0       |
| <b>Aluno H</b> | 0       | 0       | 0       |
| <b>Aluno I</b> | 0       | 0       | 0       |
| <b>Aluno J</b> | 0       | 0       | 0       |
| <b>Aluno K</b> | 0       | 0       | 0       |
| <b>Aluno L</b> | 0       | 0       | 0       |

**Elaboração própria.**

<sup>96</sup> Anexo C. Ficha 3. Aluno K. Trigésimo terceiro espaço.

<sup>97</sup> Ver Anexo B. VI. Tabela 6.

Na ficha 3 não houve nenhuma ocorrência de pretérito imperfeito do indicativo. Apenas três alunos incorreram nesta forma para substituírem o infinitivo flexionado: na ficha 1 os alunos A e G, com 13% dos desvios cada um, e na ficha 2, o aluno E, com 14% dos desvios.

Vejamos os três casos: em (31) e (32), aparentemente, não há explicação que determine à partida o porquê dos desvios. E em (33) é óbvia a correspondência entre o uso do imperfeito na oração subordinada e o perfeito simples na oração principal, introduzindo de maneira imaginária a partícula *que* para completar a estrutura e dar-lhe sentido.

(31)

- a. \*Ana, é preciso *ia* (ir) ao supermercado comprar pão.<sup>98</sup>
- b. Ana, é preciso *ires* (ir) ao supermercado comprar pão.
- c. (Ana, es necesario *que* *vayas* al supermercado a comprar pan.)

(32)

- a. \*O Pedro pediu para o Paulo *ia* (ir) a casa dele esta noite.<sup>99</sup>
- b. O Pedro pediu para o Paulo *ir* (ir) a casa dele esta noite.
- c. (Pedro le pidió a Pablo *que* *fuera* a su casa esa noche.)

(33)

- a. \*Apesar de [que] *estávamos* (nós / estar) doentes, fomos trabalhar.<sup>100</sup>
- b. Apesar de *estarmos* (nós / estar) doentes, fomos trabalhar.
- c. (A pesar de *que* *estábamos* enfermos, fuimos a trabajar.)

#### **d) Substituição de infinitivo flexionado por futuro imperfeito do indicativo**

Na tabela 4.7 apresentam-se os resultados por aluno e ficha de substituição dos infinitivos flexionados por futuro imperfeito do indicativo, expressados em percentagens (x/100%):<sup>101</sup>

Neste caso, encontram-se apenas dois alunos: em A, com 7% na ficha 1 (1 desvio); e em J, com 33% na ficha 3 (3 desvios). Para ambos os alunos não existe nenhuma explicação da projeção do contexto das frases face ao futuro, porque não fazem sentido ao traduzirem-se para o espanhol. De facto, na tradução verifica-se um uso do conjuntivo.

<sup>98</sup> Anexo C. Ficha 1. Aluno A. Item i).

<sup>99</sup> Anexo C. Ficha 2. Aluno E. Item i).

<sup>100</sup> Anexo C. Ficha 1. Aluno A. Item m).

<sup>101</sup> Ver Anexo B. VII. Tabela 7.

**Tabela 4.7.**  
**Ocorrências por aluno e ficha de substituição de**  
**Infinitivo Flexionado por Futuro Imperfeito do Indicativo (%).**

|         | Ficha 1 | Ficha 2 | Ficha 3 |
|---------|---------|---------|---------|
| Aluno A | 7       | 0       | 0       |
| Aluno B | 0       | 0       | 0       |
| Aluno C | 0       | 0       | 0       |
| Aluno D | 0       | 0       | 0       |
| Aluno E | 0       | 0       | 0       |
| Aluno F | 0       | 0       | 0       |
| Aluno G | 0       | 0       | 0       |
| Aluno H | 0       | 0       | 0       |
| Aluno I | 0       | 0       | 0       |
| Aluno J | 0       | 0       | 33      |
| Aluno K | 0       | 0       | 0       |
| Aluno L | 0       | 0       | 0       |

Elaboração própria.

Vejamos os quatros casos, (34), do aluno A, e (35), (36) e (37), do aluno J:

(34)

a. \*Eles disseram que não iam trabalhar sem o médico *passarei* (passar) o atestado médico.<sup>102</sup>

b. Eles disseram que não iam trabalhar sem o médico *passar* (passar) o atestado médico.

c. (Ellos dijeron que no irían a trabajar sin *que* el médico *pasara* el certificado médico.)

(35)

a. \*Antes de nós *acabaremos* (acabar) o curso de Português.<sup>103</sup>

b. Antes de nós *acabarmos* (acabar) o curso de Português.

c. (Antes de *que* nosotros *acabemos* el curso de Portugués.)

(36)

a. \*É importante *trazeremos* (trazer) um mapa.<sup>104</sup>

b. É importante *trazermos* (trazer) um mapa.

c. (Es importante *que* *traigamos* um mapa.)

102 Anexo C. Ficha 1. Aluno A. Item h).

103 Anexo C. Ficha 3. Aluno J. Primeiro espaço.

104 Ibidem. Terceiro espaço.

(37)

- a. \*Depois de nós *fazeremos* (fazer) as apresentações.<sup>105</sup>
- b. Depois de *fazermos* (fazer) as apresentações.
- c. (Después de *que hagamos* las presentaciones.)

#### **4.3.3. Substituição de infinitivo flexionado por infinitivo flexionado incorreto ou infinitivo não flexionado**

Apareceram também casos em que o infinitivo flexionado foi substituído por formas incorretas de infinitivo flexionado ou por infinitivo não flexionado. Decidiu-se neste apartado incluí-los numa mesma tabela por se entender que a escolha de um infinitivo flexionado como resposta estaria relacionado em certa forma com a escolha de um infinitivo não flexionado e, portanto, serem em ambos os casos, resposta incorreta na eleição do infinitivo correto.

Na tabela 4.8 apresentam-se os resultados por aluno e ficha de substituição dos infinitivos flexionados por outras formas de infinitivo flexionado que não correspondem à resposta certa ou por um infinitivo não flexionado, expressados em percentagens (x/100%):<sup>106</sup>

**Tabela 4.8.**  
**Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por outras formas de Infinitivo Flexionado incorretas ou por Infinitivo Não Flexionado (%).**

|                | <b>Ficha 1</b> | <b>Ficha 2</b> | <b>Ficha 3</b> |
|----------------|----------------|----------------|----------------|
| <b>Aluno A</b> | 13             | 14             | 22             |
| <b>Aluno B</b> | 13             | 14             | 22             |
| <b>Aluno C</b> | 20             | 0              | 22             |
| <b>Aluno D</b> | 20             | 29             | 33             |
| <b>Aluno E</b> | 33             | 29             | 33             |
| <b>Aluno F</b> | 40             | 29             | 44             |
| <b>Aluno G</b> | 27             | 14             | 0              |
| <b>Aluno H</b> | 20             | 43             | 56             |
| <b>Aluno I</b> | 53             | 57             | 56             |
| <b>Aluno J</b> | 7              | 0              | 11             |
| <b>Aluno K</b> | 13             | 14             | 44             |
| <b>Aluno L</b> | 7              | 14             | 33             |

**Elaboração própria.**

<sup>105</sup> Anexo C. Ficha 3. Aluno J. Nono espaço.

<sup>106</sup> Ver Anexo B. VIII. Tabela 8.

Se fizermos uma análise dos dados por evolução dos erros nas três fichas, vê-se que, em geral, houve um aumento de desvios ao longo dos exercícios. Salvo no caso do aluno G, em que a leitura pareceria indicar que teve uma descida no uso de infinitivos flexionados, segundo o teor das percentagens (27%, 14%, 0%).<sup>107</sup> O resto dos alunos tiveram quer um índice de desvios maior a cada ficha, quer uns dados equilibrados.

Assim, os alunos A e B (com 13%, 14% e 22% de ocorrências), o aluno K, com dados parecidos (13%, 14% e 44% de desvios), o aluno L, com 7%, 14% e 33% de erros por ficha, respetivamente, o aluno D, com uma progressão de 20% na primeira ficha até 33% na terceira, passando por 29% na ficha 2, e o aluno H (20%, 43% e 56%), foram os que tiveram uma linha ascendente e progressiva de ocorrências.

Já os cinco alunos restantes tiveram um comportamento em certo sentido equilibrado segundo os valores percentuais: os alunos C, com 20%, 0% e 22%; E, com 33%, 29% e 33%; F, com 40%, 29% e 44%; I, com 53%, 57% e 56%; e J, com 7%, 0% e 11% de tal maneira que, exceto no aluno I, os outros alunos deste grupo tiveram um índice menor de erros na ficha 2. Para todos os alunos, o maior índice de infinitivos (mal) flexionados deram-se na ficha 3.

Por outro lado, de um ponto de vista global, onde mais ocorrências houve foi na ficha 3, com 38% de desvios. A seguir, a ficha 1, com 27%, e a ficha 2, com 26%.<sup>108</sup> Neste ponto de situação vale a pena perguntar-se o porquê de a ficha 3 ser a que mais erros apresenta, quando se poderia pressupor que um texto a completar seria mais fácil, por ter um contexto que não existe nas duas primeiras fichas por serem frases avulsas e, portanto, descontextualizadas. Além disso, na ficha 2, as frases com infinitivo flexionado estavam misturadas com frases onde se tinha de colocar no tempo correto perífrases verbais, isto é, com infinitivos não flexionados. Se olhássemos para os infinitivos que acompanham as ditas perífrases, os erros poderiam aumentar consideravelmente. Contudo, a soma dos índices das duas primeiras fichas ultrapassa a terceira. Faço esta distinção por serem, aquelas duas, o mesmo tipo de exercício: frases avulsas e, portanto, os resultados serem suscetíveis de formar um só grupo.

O porquê dos erros encontra-se numa só explicação: para a ficha 1 os alunos responderam segundo se lembravam dos usos do infinitivo flexionado. Porém, para as fichas 2

---

<sup>107</sup> Não nos devemos enganar com os resultados deste aluno: estes dados devem ser tidos em conta no contexto dos dados coligidos nas anteriores tabelas e que nos indicam uma problemática muito individualizada.

<sup>108</sup> Dados arredondados: 26'6, 25'7 e 37'6 por cada uma das três fichas.

e 3 a questão é mais difícil de responder, já que entre a realização da primeira ficha e da segunda houve uma aula dedicada aos usos do infinitivo. Já na ficha 3, o grau de dificuldade fez com que as respostas fossem do mais diverso.

Para as três fichas, em geral, pode-se dizer que os desvios provêm de o aluno não se fixar ao escrever a resposta ou não perceber qual o sujeito a ter em conta, a partir da forma flexionada do outro verbo presente nos exemplos.

Podemos ver alguns exemplos em (38), (39), (40), (41), (42) e (43) (sendo a., o desvio do aluno, b., a resposta correta):<sup>109</sup>

(38)

a. \*Até *dizeres* (vocês / dizer) a verdade, não saem daqui.<sup>110</sup>

b. Até *dizerem* (vocês / dizer) a verdade, não saem daqui.

(39)

a. \*Em vez de *se lamentar* (lamentar-se), porque é que não fazes alguma coisa?<sup>111</sup>

b. Em vez de *te lamentares* (lamentar-se), porque é que não fazes alguma coisa?

(40)

a. \*Pode ser útil *conservar* (tu / conservar) o recibo das compras.<sup>112</sup>

b. Pode ser útil *conservares* (tu / conservar) o recibo das compras.

(41)

a. \*Acho bom *deixares* (você / deixar) de fumar rapidamente.<sup>113</sup>

b. Acho bom *deixar* (você / deixar) de fumar rapidamente.

(42)

a. \*É impotante *nos trazer* (trazer) um mapa.<sup>114</sup>

b. É importante *trazermos* (trazer) um mapa.

(43)

a. \*Antes de nós *acabarem* (acabar) o curso de Português.<sup>115</sup>

b. Antes de nós *acabarmos* (acabar) o curso de Português.

---

109 Para a epígrafe seguinte segue-se este mesmo esquema.

110 Ficha 1. Aluno B. Item b).

111 Ficha 1. Aluno C. Item o).

112 Ficha 2. Aluno H. Item a).

113 Ficha 2. Aluno I. Item h).

114 Ficha 3. Aluno F. Terceiro espaço.

115 Anexo C. Ficha 3. Aluno I. Primeiro espaço.

#### 4.3.4. Espaços sem resposta

Finalmente, na tabela 4.9, ver-se-ão aqueles alunos que decidiram não responder (expressado em percentagens:  $x/100\%$ ):<sup>116</sup>

**Tabela 4.9.**  
**Ocorrências sem resposta por aluno e ficha (%).**

|         | Ficha 1 | Ficha 2 | Ficha 3 |
|---------|---------|---------|---------|
| Aluno A | 0       | 0       | 0       |
| Aluno B | 0       | 0       | 0       |
| Aluno C | 0       | 0       | 0       |
| Aluno D | 0       | 0       | 0       |
| Aluno E | 0       | 0       | 0       |
| Aluno F | 0       | 0       | 0       |
| Aluno G | 7       | 29      | 33      |
| Aluno H | 0       | 0       | 0       |
| Aluno I | 0       | 0       | 0       |
| Aluno J | 20      | 0       | 0       |
| Aluno K | 0       | 0       | 0       |
| Aluno L | 0       | 0       | 0       |

**Elaboração própria.**

Apenas dois alunos, o G (44), com 1, 2 e 3 ocorrências por cada ficha, isto é, 7%, 29% e 33% respetivamente, e o J (45), com uma ocorrência na ficha 1 (20%), deixaram de responder por não saberem ou não terem a certeza de qual era a resposta correta. Vejamos um exemplo por cada um deles (sendo a., o desvio do aluno, e b., a resposta correta):

(44)

- a. \*Chegaste mais tarde por \_\_\_\_ Ø \_\_\_\_ (tu / ir) a pé.<sup>117</sup>  
b. Chegaste mais tarde por *ires* (tu / ir) a pé.

(45)

- a. \*O Pedro pediu para o Paulo \_\_\_\_ Ø \_\_\_\_ (ir) a casa dele esta noite.<sup>118</sup>  
b. O Pedro pediu para o Paulo *ir* a casa dele esta noite.

<sup>116</sup> Ver Anexo B. IX. Tabela 9.

<sup>117</sup> Anexo C. Ficha 1. Aluno J. Item j).

<sup>118</sup> Anexo C. Ficha 2. Aluno G. Item i).

#### **4.4. Conclusão**

Qual é a principal consequência que se pode deduzir dos dados apresentados ao longo das tabelas?

A um nível global, a conclusão mais interessante é a de haver um peso específico de erros relacionados com o conjuntivo. De facto, para cada número  $x$  de erros nos infinitivos flexionados, há uma proporção importante de substituições por formas do conjuntivo, ora presente, ora imperfeito, ficando para trás o resto de erros ocorridos relacionados com o modo indicativo, com o infinitivo não flexionado e com a ausência de resposta, como se pode ver nas tabelas 4.10, 4.11 e 4.12, em que se individualiza cada um dos grupos: conjuntivo, indicativo e ocorrências erradas de infinitivo flexionado e espaços em branco, por aluno e ficha, acrescentado o total por aluno; e na tabela 4.13, em que se vê globalmente cada grupo sem indicação dos alunos.

Na tabela 4.10, vê-se o peso específico de formas verbais conjuntivas através da relação de usos do modo conjuntivo em substituição de infinitivo flexionado correto existente sobre o total de erros realizados por aluno, expressados em percentagens ( $x/100\%$ ):<sup>119</sup>

**Tabela 4.10.**  
**Número total de ocorrências do Conjuntivo sobre o total de erros por aluno e ficha (%).**

|                | <b>Ficha 1</b> | <b>Ficha 2</b> | <b>Ficha 3</b> | <b>Total<sup>120</sup></b> |
|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 43             | 67             | 20             | 44                         |
| <b>Aluno B</b> | 0              | 50             | 50             | 38                         |
| <b>Aluno C</b> | 40             | 67             | 57             | 54                         |
| <b>Aluno D</b> | 0              | 33             | 43             | 31                         |
| <b>Aluno E</b> | 55             | 25             | 25             | 42                         |
| <b>Aluno F</b> | 36             | 33             | 29             | 33                         |
| <b>Aluno G</b> | 33             | 57             | 56             | 45                         |
| <b>Aluno H</b> | 57             | 57             | 25             | 45                         |
| <b>Aluno I</b> | 36             | 33             | 25             | 32                         |
| <b>Aluno J</b> | 58             | 100            | 38             | 62                         |
| <b>Aluno K</b> | 25             | 50             | 29             | 31                         |
| <b>Aluno L</b> | 50             | 50             | 40             | 44                         |

**Elaboração própria.**

<sup>119</sup> Não se incluem os dados obtidos na ficha 4. Ver Anexo B. X. Tabela 10.

<sup>120</sup> Total de ocorrências do conjuntivo em substituição de infinitivo flexionado sobre o total de respostas erradas.

Na tabela 4.11, foca-se o peso específico de formas verbais do modo indicativo na totalidade de erros, através da relação de usos de modo indicativo em substituição de infinitivo flexionado correto existente sobre o total de erros realizados por aluno, expressados em percentagens (x/100%).<sup>121</sup>

**Tabela 4.11.**  
**Número total de ocorrências do Indicativo sobre o total de erros por aluno e ficha (%).**

|                | <b>Ficha 1</b> | <b>Ficha 2</b> | <b>Ficha 3</b> | <b>Total<sup>122</sup></b> |
|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 43             | 17             | 29             | 3                          |
| <b>Aluno B</b> | 0              | 0              | 0              | 0                          |
| <b>Aluno C</b> | 0              | 33             | 14             | 13                         |
| <b>Aluno D</b> | 0              | 0              | 14             | 8                          |
| <b>Aluno E</b> | 0              | 25             | 0              | 5                          |
| <b>Aluno F</b> | 9              | 0              | 14             | 10                         |
| <b>Aluno G</b> | 33             | 0              | 11             | 19                         |
| <b>Aluno H</b> | 0              | 0              | 13             | 5                          |
| <b>Aluno I</b> | 7              | 0              | 13             | 7                          |
| <b>Aluno J</b> | 8              | 0              | 50             | 19                         |
| <b>Aluno K</b> | 25             | 0              | 14             | 15                         |
| <b>Aluno L</b> | 0              | 0              | 0              | 0                          |

**Elaboração própria.**

A seguir, na tabela 4.12, vemos o peso específico de infinitivos flexionados incorretos, infinitivos não flexionados e respostas em branco realizados pelos alunos em substituição do infinitivo flexionado correto expressados em percentagens (x/100%).<sup>123</sup>

121 Não se incluem os dados obtidos na ficha 4. Ver Anexo B. XI. Tabela 11.

122 Total de ocorrências do conjuntivo em substituição de infinitivo flexionado sobre o total de respostas erradas.

123 Não se incluem os dados obtidos da ficha 4. Ver Anexo B. XII. Tabela 12.

**Tabela 4.12.**

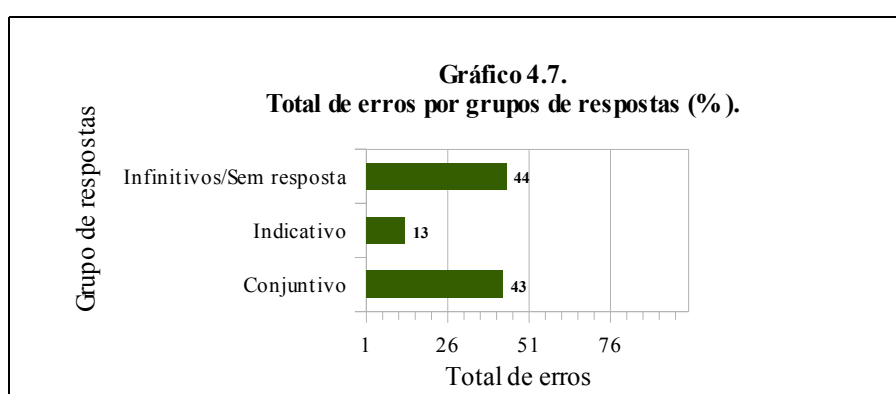
**Número total de ocorrências de Infinitivo Flexionado incorreto, Infinitivo Não Flexionado e sem resposta sobre o total de erros por aluno e ficha (%).**

|         | Ficha 1 | Ficha 2 | Ficha 3 | Total <sup>124</sup> |
|---------|---------|---------|---------|----------------------|
| Aluno A | 14      | 17      | 40      | 20                   |
| Aluno B | 100     | 50      | 50      | 63                   |
| Aluno C | 60      | 0       | 29      | 33                   |
| Aluno D | 100     | 67      | 43      | 62                   |
| Aluno E | 45      | 50      | 75      | 53                   |
| Aluno F | 55      | 67      | 57      | 57                   |
| Aluno G | 33      | 43      | 33      | 35                   |
| Aluno H | 43      | 43      | 63      | 50                   |
| Aluno I | 57      | 67      | 63      | 61                   |
| Aluno J | 33      | 0       | 13      | 19                   |
| Aluno K | 50      | 50      | 57      | 54                   |
| Aluno L | 50      | 50      | 60      | 56                   |

**Elaboração própria.**

Em definitivo, e depois de ter analisado os desvios por grupos de ocorrências e ter visto os resultados, pode-se falar de várias conclusões de um duplo ponto de vista:

**4.4.1. De um ponto de vista global**, e observando o gráfico 4.7,<sup>125</sup> em que vemos os valores totais de erros realizados pelos alunos por cada um dos grupos de casuística em que se subdividiram, modo conjuntivo, modo indicativo e infinitivo errado/sem resposta, sobre a globalidade de erros, pode-se inferir o seguinte:



<sup>124</sup> Total de ocorrências do conjuntivo em substituição de infinitivo flexionado sobre o total de respostas erradas.

<sup>125</sup> Ver Anexo B. XIII. Tabela 13.

1.º 44% dos alunos substituíram o infinitivo flexionado por formas erradas do próprio infinitivo flexionado e, de modo residual, deixaram sem responder alguns espaços.

2.º 43% dos alunos substituiu o infinitivo flexionado por uma forma verbal de presente ou imperfeito do conjuntivo.

3.º 13% dos alunos substituiu o infinitivo flexionado por formas do modo indicativo, nomeadamente, presente, pretérito perfeito simples, imperfeito e futuro imperfeito, embora esta percentagem não seja tão importante como as dos dois grupos anteriores.

4.º De uma perspetiva diferente, fazendo uma leitura mais atenta do gráfico em causa, vê-se que a soma das respostas do grupo do Conjuntivo e do grupo do Indicativo (56%) ultrapassa com diferença o grupo do Infinitivo/Sem resposta (44%).

Que quer dizer isto? Simplesmente que os alunos, segundo a pequena amostra analisada neste relatório, costumam substituir o infinitivo flexionado por formas verbais do modo Conjuntivo em maior medida e do modo Indicativo em menor medida.

Ou dito de outro modo, e do meu ponto de vista, o mais interessante a pôr em relevo: o aluno procura formas conjugadas conhecidas provindas quer do espanhol quer do português perante o facto de não perceber a possibilidade de um infinitivo ser conjugado, apesar das tentativas de o fazer, como se vê no grupo de Infinitivos, que representa quase a metade dos resultados da estatística.

**4.4.2. De um ponto de vista individual**, e observando a tabela 4.13, vemos a evolução dos desvios por aluno e ficha, além dos erros totais que obtiveram, expressados em percentagens ( $x/100\%$ ) e os infinitivos flexionados que apareceram nas suas composições, expressados em número.<sup>126</sup>

A primeira observação, assinalada em páginas anteriores, é o escasso uso do infinitivo flexionado, na ficha 4, salvo as quatro exceções dos alunos C, D, K e L. O caso não deixa de ser gritante: ao longo das três semanas anteriores à realização da composição da ficha 4, os alunos já tinham feito as três fichas anteriores, que lhes foram devolvidas corrigidas e foram acompanhadas entre uma sessão e a seguinte, por explicações sobre o infinitivo flexionado, à maneira de recordação do que já tinham estudado no curso anterior e como preparativo ou preliminar para a unidade 2 do *Português XXI-3* em que se via o presente do conjuntivo e era importante que não perdessem de vista o infinitivo flexionado.

---

<sup>126</sup> Ver Anexo B. XIV. Tabela 14.

**Tabela 4.13.**

**Resultados incorretos por aluno e ficha (%) e Infinitivos Flexionados na expressão escrita.**

|                | Ficha 1 | Ficha 2 | Ficha 3 | Total | Ficha 4 <sup>127</sup> |
|----------------|---------|---------|---------|-------|------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 93      | 86      | 56      | 81    | 1                      |
| <b>Aluno B</b> | 13      | 29      | 44      | 26    | 0                      |
| <b>Aluno C</b> | 33      | 43      | 67      | 45    | 5                      |
| <b>Aluno D</b> | 20      | 43      | 78      | 42    | 2                      |
| <b>Aluno E</b> | 73      | 57      | 44      | 61    | 0                      |
| <b>Aluno F</b> | 73      | 43      | 78      | 68    | 0                      |
| <b>Aluno G</b> | 100     | 100     | 100     | 100   | 0                      |
| <b>Aluno H</b> | 47      | 100     | 89      | 71    | 1                      |
| <b>Aluno I</b> | 73      | 86      | 89      | 90    | 0                      |
| <b>Aluno J</b> | 80      | 86      | 89      | 84    | 1                      |
| <b>Aluno K</b> | 27      | 29      | 78      | 42    | 2                      |
| <b>Aluno L</b> | 13      | 29      | 56      | 29    | 3                      |

**Elaboração própria.**

Uma segunda observação, que requer uma análise mais pormenorizada, é a da evolução individual dos alunos na incorreção dos usos do infinitivo flexionado:

Um primeiro grupo de alunos, formado por seis elementos, em que se vê quase uma constante na sequência quantitativa dos erros. Com efeito, os alunos A (93%, 86% e 56%), G (100% nas três primeiras fichas), H (47%, 100%, 89%), I (73%, 86% e 89%) e J (80%, 86% e 89%) tiveram uma alta incidência de erros, para cima dos 50% de incidências em cada um dos três exercícios (dados que se podem ler ao invês: tiveram um baixo índice de acertos). Chamo a atenção para o aluno G, que errou em todos os casos, além de não ter sido capaz de usar um único infinitivo flexionado na ficha 4. Do resto de alunos, o A, o H e o J introduziram um infinitivo flexionado cada um na ficha 4, salvo o aluno I.

Poder-se-ia incluir neste grupo o aluno F (73%, 43% e 78%), que conseguiu ficar abaixo de 50% de erros na ficha 2, mas que ultrapassou com diferença essa barreira nas outras duas fichas. Já na quarta ficha também não incluiu nenhum infinitivo flexionado na sua composição.

Segundo a percentagem total de erros, todos os alunos deste primeiro grupo ficaram por cima de 80% de incidências, salvo os alunos H (71%) e F (68%), que ficaram ao redor de

<sup>127</sup> Composição livre, determinada pelo enunciado. Total de infinitivos flexionados que aparecem nas redações, independentemente de que estejam bem usados.

70%: o aluno G, com 100%, seguido do aluno I, com 90%. Os alunos J, com 84%, e A, com 81% ficam na fasquia dos 80%.

Um segundo grupo, integrado por quatro alunos, demonstraram certo controlo sobre o uso do infinitivo flexionado e, apesar de terem em alguma das fichas um alto índice de erros, conseguiram manter-se próximos da barreira dos 50%. São os alunos C (33%, 43% e 67%), D (20%, 43% e 78%), E (73%, 57% e 44%) e K (27%, 29% e 78%). Neste grupo chama a atenção o aluno C, que introduziu até 5 infinitivos flexionados na sua composição e os alunos D e K, com 2 infinitivos. Porém o aluno E não teve nenhuma ocorrência.

Neste segundo grupo, exceto o aluno E, que ficou com 61% dos erros totais, os outros três ficaram por debaixo de 50%: os alunos D e K, com 42%, e o aluno C, com 45%.

Um terceiro grupo, formado por dois elementos, em que se observa um maior controlo no uso dos infinitivos flexionados: o aluno B (13%, 21% e 44%) e o aluno L (13%, 29% e 56%) que, apesar de, na terceira ficha, ultrapassar os 50%, o bom desempenho nas outras três fichas fizeram com que fosse incluído neste grupo. Contudo, no primeiro caso não houve nenhuma ocorrência de infinitivo flexionado na composição; houve no segundo, com três infinitivos flexionados na sua redação.

A percentagem total de desvios destes dois alunos ficou abaixo de 30% (26% o aluno B e 29% o aluno L), o que é de salientar.

Ou seja: metade da turma, seis alunos, não conseguiu obter uns bons resultados na realização das três primeiras fichas e não houve, portanto, correspondência na escrita livre da quarta ficha. E, da outra metade da turma, apenas duas pessoas conseguiram ter certo em duas terças partes dos infinitivos pessoais a completar, com uma correspondência desigual na escrita, apenas um deles transpôs infinitivos flexionados na expressão escrita. Restam-nos os quatro alunos que, com maior ou menor sucesso, ficaram no meio da tabela de resultados, com um saldo mais ou menos honroso ou modesto, dependendo do caso ou da ótica que se lhe queira aplicar, e em que destaca o aluno C e os seus cinco infinitivos flexionados.

## **Capítulo 5 - Conclusão**

No capítulo anterior foram sistematizadas e analisadas as respostas produzidas pelos doze alunos voluntários da turma de B1 do ano letivo de 2014-2015 na sequência da realização das quatro fichas que serviram para estudar o desempenho dos aprendentes espanhóis de português europeu no que diz respeito ao uso do infinitivo flexionado em contexto de sala de aula. Com efeito, estabeleceu-se uma casuística dos erros detetados e procedeu-se a uma descrição quantitativa e qualitativa das ocorrências com o intuito de obter uns resultados, sempre à luz do quadro teórico apresentado no primeiro capítulo desta dissertação.

O estudo destes resultados tinha como objetivo tirar conclusões que fossem úteis ao professor, do ponto de vista didático-gramatical, no processo de ensino e aprendizagem para enfrentar a problemática que ano após ano se apresenta, quer ao docente no processo de ensino do infinitivo flexionado, quer ao aluno no processo de aprendizagem da forma flexionada do infinitivo português.

Neste capítulo vão ser inferidas as possíveis causas dos erros estudados e propostas maneiras de tentar solucionar o problema em estudo à luz do quadro teórico apresentado no segundo capítulo e das descrições dos manuais de português e das fichas de trabalho apresentadas no terceiro capítulo deste relatório.

### **5.1. Possível explicação das causas dos erros realizados**

Nesta epígrafe tentar-se-á uma explicação das possíveis causas que poderiam ter determinado os desvios realizados pelo público-alvo. Far-se-á a partir de uma série de parâmetros que consideramos suscetíveis de participarem, em maior ou menor medida, na realização incorreta dos infinitivos flexionados - sem que estes parâmetros sejam causa única da problemática gerada nos aprendentes na aquisição de tal infinitivo.

#### **5.1.1. O manual *Português XXI***

No capítulo terceiro deste relatório examinaram-se os livros de texto utilizados pelos alunos na EOI de Castellón de la Plana nos níveis A2 e B1, editados pela editora Lidel, *Português XXI* (para o caso que nos ocupa, os volumes 2 e 3 para A2.2 e B1.1,

respetivamente), os manuais de maior sucesso no mercado editorial de ensino, não só utilizados na Comunidade Valenciana, as três escolas de línguas em que se ensina PLE têm-no como manual de referência, mas também em outras cidades espanholas.<sup>128</sup>

Lembremos que os primeiros contactos que os alunos do segundo curso de A2 e do primeiro curso de B1 têm com o infinitivo flexionado é exclusivamente de carácter formal, isto é, a partir das regras que orientam o seu uso: como se conjuga, que elementos ou estruturas regem a sua organização textual e que valor têm o infinitivo flexionado e o não flexionado.

Dado que o infinitivo flexionado é uma forma inexistente na LM dos alunos e, portanto, o docente sabe que é uma desvantagem a ter em conta (tal como ocorre com outras particularidades da língua portuguesa e, em geral, com qualquer outra língua estrangeira a ser adquirida/aprendida), tentará, num primeiro momento, incuti-lo do ponto de vista formal, no seguimento do explicitado no próprio manual. Os alunos percebem imeditamente a construção do infinitivo flexionado, porém, uma vez que se ultrapassa esta fase, passa-se para uma segunda fase que costuma ser desconcertante e, em regra, problemática para os alunos, pois não acabam de apreender o seu uso de maneira regular ou espontânea.

E para esta segunda fase, e subsequentes que possam advir, o manual já não serve para muito:

O *Português XXI-2*, num estágio inicial de aprendizagem, como é o A2.2, pouco mais pode fazer do que apresentar a construção do mesmo. O facto de o infinitivo flexionado não existir em espanhol, aumenta a dificuldade de assimilação por parte dos alunos de PLE ao não terem possibilidade de o comparar com outra forma igual em espanhol, embora próxima.

Todavia, a situação agrava-se com o facto de, no nível B1, o infinitivo flexionado ser já uma realidade omnipresente no *Português XXI-3*. Interrogávamo-nos, em 3.2, sobre como o aluno se confrontava com esta realidade, visto que, tal como o avalia o docente, quer de maneira direta, em contexto de sala de aula, quer de maneira indireta, através dos diferentes testes e provas realizados, os alunos não tiveram tempo para a sua aquisição formal, muito menos para a sua assimilação.

Já ficou dito qual é a forma e o conteúdo do infinitivo flexionado nos dois volumes do

---

128 Apenas se necessitam uns minutos para investigar nas programações didáticas das diferentes escolas espanholas onde existe ensino de Português para comprovar que é o manual mais adotado.

manual em questão e remeto para essa análise. Porém, convém fazer uma ressalva com respeito à idoneidade ou não do manual em questão, sem ter a intenção de pôr em dúvida a profissionalidade dos autores nem da editora.

O nome da editora é quase foneticamente condizente com o lugar que parece ocupar no mercado de manuais para ensino de PLE: Lidel *versus* líder.<sup>129</sup> Assim, a editora não se embaraça ao afirmar na sua web que "Através da publicação de obras de conceituados especialistas portugueses, a LIDEL responde às necessidades de profissionais e estudantes das mais variadas áreas científicas" e, provavelmente tem razão. Porém, a meu ver, dita afirmação não é certa a cem por cento, devendo o professor preencher ou remediar as carências que possam surgir nos manuais.

Esteves Rei (2008: 12) diz, sobre os materiais didáticos disponíveis no mercado (americano) em relação ao ensino de PLE no estrangeiro, que existe uma "carência de materiais pedagógico-didáticos", o que contrasta, por exemplo, com a abundante produção da Lidel a este respeito. Porém, a Europa não está tão longe da América: é desconsolador ver como ao longo dos últimos 15 anos, só na editora em questão, surgiram novos manuais e materiais diversos redigidos ou elaborados pelos mesmos autores, em que se incluem atividades "intercambiáveis" que se repetem em diferentes manuais e livros de exercícios, e que quando se procede a uma renovação, esta limita-se a aspetos visuais e formais, entrando escassamente nos conteúdos, apenas naqueles pontos que já não estão na moda, perpetuando no tempo os mesmos esquemas de trabalho, não existindo uma política de atualização profunda, condizente com o presente.<sup>130</sup> E o infinitivo flexionado não foge a esta regra.

O infinitivo flexionado, como outros aspetos gramaticais contidos no manual, é mostrado no *Português XXI-2* no apêndice correspondente da unidade 2 em que aparece pela primeira vez exposto como objeto de estudo. E são apresentados exercícios estrita e tradicionalmente gramaticais para o infinitivo ser trabalhado na forma. E o texto inicial da unidade inclui estruturas infinitivas em contexto para o aluno poder enquadrá-las.

---

129 "Atualmente, o Grupo LIDEL é uma das maiores referências na edição técnica nacional [Portugal] em termos de diversidade de oferta, qualidade dos produtos, conteúdos temáticos e inovação, apresentando em catálogo mais de 800 obras em português. (...) A extensão, diversidade e qualidade do seu catálogo editorial reflete a sua experiência de cinco décadas de dedicação ao livro técnico." Em <http://www.lidel.pt/pt/quem-somos/> [31 de agosto de 2016]

130 Por citar um exemplo, no *Português XXI-1* substituíram a fotografia do grupo "Madredeus" pela do grupo "Deolinda", deixando tal qual o diálogo inicial da unidade, modificando apenas o nome do grupo. (Unidade 4). E assim por diante neste manual e noutros.

Contudo, a situação piora uma vez que, ultrapassada esta unidade e até os alunos chegarem ao curso seguinte, B1, em que poderão trabalhar ao longo do curso o infinitivo flexionado, em comparação com as formas conjuntivas, nunca mais se faz referência direta a este fenómeno linguístico, devendo ser, repito, o professor quem avalie a possibilidade de trabalhar em maior ou menor grau e constância o infinitivo flexionado, segundo os problemas detetados na turma.

Apesar de aparecer um exercício de expressão oral (unidade 2, exercício 4), em verdade se pode afirmar que um exercício específico de competência comunicativa em todo o manual, não existe, embora se possa trabalhar de uma maneira mais controlada do ponto de vista da escrita, a partir das composições a realizar pelos alunos em datas posteriores.

Porém, e segundo o teor dos resultados apresentados neste relatório, observa-se que os alunos chegam ao nível B1 com toda uma problemática associada ao uso do infinitivo flexionado, sobretudo tendo presente que num nível A2 é muito difícil produzir uma estrutura tão complexa do ponto de vista da produção oral e escrita, pelo que manuais como o *Português XXI* acabam por não ser um referente.<sup>131</sup>

#### **5.1.2. As fichas de exercícios para a recolha de dados entendidas como *Work in Progress***

Se entendermos o trabalho de recolha de dados deste relatório como um *Work in Progress*, em que o aluno teria sido como um "trabalhador em progresso" (*mutatis mutandis*, se é que se me permite a neologia da expressão *Worker in Progress*), esperar-se-ia, em princípio, uns resultados mais otimistas ou, pelo menos, certa evolução positiva na realização correta de infinitivos flexionados, dada as intenções da metodologia empregue: a recolha de informação sistematizável e quantificável e uma planificação em que houvesse um intervalo de uma semana na realização de cada uma das fichas, com uma gradação de menos a mais no conteúdo e na dificuldade e uma execução que pretendia um trabalho concebido para assentar a forma e o uso do infinitivo flexionado corretamente a partir da explicação dos erros cometidos pelos alunos. Porém, os resultados não confirmaram a ideia inicial que este autor

---

<sup>131</sup> Neste sentido vale a pena lembrar que as quatro fichas, que os alunos tiveram de realizar para participarem neste relatório, foram adaptadas de dois manuais, como já ficou dito no capítulo 3, um da Lidel (*Vamos lá continuar!*) e o outro da Texto Editores (*Aprender Português*). Se no segundo caso, se trabalha especificamente o aspeto gramatical, é certo que não há diferenças no modo de focar a aquisição do infinitivo flexionado, tendo uma estrutura e desenvolvimento parecido com o do *Português XXI*, pelo que o problema vai mais além do que uma política de uma só editora.

tinha a esse respeito.<sup>132</sup>

Com efeito, de um ponto de vista qualitativo, deduziram-se de forma geral duas conclusões:

- A maior grau de dificuldade de cada ficha, corresponderam menos acertos na escolha do infinitivo flexionado correto.

- Quanto maior possibilidade de escolha nas fichas 2 e 3, e de criação na ficha 4, mais difícil resultou para os alunos utilizarem o infinitivo flexionado.

No primeiro caso, a quantidade de acertos deveu-se provavelmente ao facto de serem exercícios dirigidos no sentido mais amplo da gramática tradicional, enquanto no segundo caso a liberdade de ação condicionou a realização de infinitivos flexionados e não se traduziu numa maior frequência de uso ou presença, nem sequer testemunhal, de infinitivo flexionado.

Os resultados resumir-se-iam do seguinte modo:

1.º Um primeiro grupo de respostas foram desvios relacionados com infinitivo não flexionado e com a ausência de resposta, isto é, 44% dos alunos tentaram responder com um infinitivo ou decidiram não responder.

2.º Dentro do grupo de respostas em que houve uma substituição de infinitivo flexionado por outra forma verbal, tiveram um peso específico importante os desvios relacionados diretamente com o modo conjuntivo (substituição do infinitivo flexionado por formas do presente e do imperfeito do conjuntivo): 43% dos alunos, muito longe do resto de desvios de outras formas verbais, relacionados com o modo indicativo (13% dos alunos).

3.º A soma das respostas em que se substituiu o infinitivo flexionado por outra forma verbal, seja qual for esta, ultrapassa em muito o grupo de respostas em que houve algum tipo de infinitivo ou, simplesmente, não se preencheu o espaço em branco: 56% dos alunos substituíram o infinitivo flexionado por formas verbais do modo indicativo e do modo conjuntivo.

4.º No caso em que houve substituição de infinitivo flexionado por outra forma verbal, o aluno utilizou formas conjugadas conhecidas provindas quer do espanhol quer do português perante o facto de não perceber a possibilidade de um infinitivo ser conjugado.

Como se explicam estas conclusões? Tentaremos responder a partir das teorias

---

<sup>132</sup> Remeto para o capítulo 3 onde se explica pormenorizadamente como se executou o levantamento dos dados. E para o capítulo 4 onde se analisa detalhadamente os acertos e incorreções dos alunos.

apresentadas no capítulo 2 deste relatório.

### **5.1.3. Hipótese do *Input* de Krashen**

Esperava-se do aluno uma maior efetivação dos infinitivos flexionados ao longo da realização das fichas. Contudo, não houve tal, dado que, apesar de existirem aulas específicas dedicadas ao infinitivo flexionado nos intervalos entre a realização de cada uma das quatro fichas, constatou-se que, aplicando as teses de Krashen, nem o aprendido com anterioridade, nem durante a realização das fichas de trabalho, monitorizou a respostas dos exercícios dos alunos e, em consequência, parece que não houve, salvo casos isolados, um uso consciente do já aprendido sobre o infinitivo flexionado para a realização dos exercícios na língua-alvo.

Com efeito, se lembrarmos a tabela 4.1, no capítulo 4, apenas os alunos A e E tiveram uma evolução positiva na melhoria de respostas com infinitivo flexionado correto. Dos outros alunos, B, C, D, J, K e L evoluíram negativamente na realização de infinitivos flexionados corretos. Os alunos F, H e I tiveram uns resultados desiguais, ora melhores, ora piores. Finalmente, o aluno G não teve evolução nenhuma, por não ter tido nenhum infinitivo flexionado correto.

Krashen afirmava que a monitorização é uma ação de autocorreção exercida pelo aprendente para evitar o erro e que fica em movimento sob certas condições: o aluno deve ter tempo suficiente para escolher e aplicar a regra aprendida, e para corrigir a produção linguística, contando com o que o aluno já sabe das regras gramaticais (cf. Krashen 1985 *apud* Muñoz Licerias, 1992). Todas estas condições deram-se durante a realização das fichas e os resultados, como ficou dito no parágrafo anterior, não foram o esperado por apenas dois dos doze alunos terem tido um progresso positivo.

### **5.1.4. A interlíngua de Selinker**

Será que os desvios analisados têm a ver com uma aprendizagem em construção gradual do infinitivo flexionado, identificado por regras gerais, cada vez mais parecida com a língua-alvo no processo de aprendizagem da língua portuguesa? Os dados obtidos, poderíamos vê-los como uma etapa intermédia, mas sucessiva, entre o infinitivo espanhol e o infinitivo português?

Lembremos que a interlíngua é a língua utilizada pelos alunos durante a aprendizagem de interação comunicativa entre si e com o professor e, em concreto, um código caracterizado pela

presença de elementos da LM e da LE em estudo. Aplicando ao infinitivo flexionado os cinco processos necessários para a aprendizagem de uma LE, sempre segundo Selinker, deveria haver (i) estruturas de interferência morfossintática da língua materna, como acontece, por exemplo, com a aparição de substituição de estruturas de infinitivo flexionado por estruturas verbais do conjuntivo espanhol nas três primeiras fichas; (ii) regras fossilizadas resultado de procedimentos de ensino sofridas pelo aluno e (iii) fossilizações resultado da maneira como o aluno enfrenta o material a ser aprendido, por exemplo, para estes dois últimos processos, uma explicação estritamente gramatical faz com que, na composição, competência comunicacional escrita, não se traduza o aprendido, ao não aparecerem infinitivos flexionados, salvo algum aluno já descrito; (iv) regras ou elementos fossilizados identificáveis com a forma como o aluno comunica na língua-alvo (nestes três últimos processos enquadrar-se-iam as tentativas de responder com infinitivos flexionados); e (v) generalização das regras e características semânticas da língua-alvo, onde se poderiam incluir as realizações corretas de infinitivo flexionado.

Segundo Selinker, por meio da fossilização, em teoria, os falantes tendem a manter qualquer elemento ou regra da sua LM na sua interlíngua em relação a uma determinada LE, independentemente da idade do aluno e a qualidade das explicações que lhes são oferecidas na língua-alvo. Eis aqui uma perfeita explicação dos desvios observados atribuíveis à interlíngua dos alunos.

#### **5.1.5. O tratamento do erro de Corder**

Na sequência da explicação das causas dos desvios surge o tratamento do erro como forma de compreender o porquê dos mesmos. Como ficou dito no capítulo 2, o aluno vai usar corretamente, sempre que possível, a língua-alvo, e isso passa por não cometer erros, entre outras realizações, na execução linguística da mesma.

Porém, na tentativa de ultrapassar as deficiências que possa ter em relação a determinados recursos e procedimentos gramaticais, o aluno vai usar estratégias, consideradas por Corder como estratégias universais: recorre à gramática da LM que funcione da mesma maneira ou parecida com a LE (como o uso do conjuntivo para não realizar o infinitivo flexionado); tende a simplificar a morfossintaxe da LE (ao traduzir estruturas espanholas introduzidas pela partícula *que*, mas sem escrevê-la na resposta, ficando num plano mental da realização); consegue

generalizar regras a partir da formulação de um número limitado de casos; ou tenta evitar o uso de certas estruturas desconhecidas por meio de circunlóquios ou perífrases (o que se pode comprovar na ficha 4, quando os alunos, ao não compreender a construção sintática de infinitivo flexionado, a evitam com outras estruturas que substituam àquelas). De todas estas estratégias, a que chamarei de “estratégias de evitação”, encontram-se exemplos ao longo das respostas fornecidas pelas quatro fichas.

Contudo, convém distinguir entre erros e erro. Os primeiros são devidos à falta de conhecimento sobre o sistema linguístico da língua que se está a trabalhar. Mas também são causados por motivos não imputáveis à falta de conhecimento, como fadiga, falta de cuidado, falta de atenção, etc. O que, não nos devemos enganar a este respeito, costuma ser comum entre os alunos, pelo facto de não estudarem ou se preocuparem pelos aspetos que mais dificuldades lhes provocam, obviando a sua existência. Já o erro, em singular, e graças a ele e às deficiências detetadas, indica o estado em que o aluno se encontra no que diz respeito à internalização da gramática da língua em estudo.

Se o que se disse da análise do erro é válido para concluir as causas dos desvios de infinitivo flexionado e até para procurar soluções, não obstante, a ideia de que os erros cometidos pelos alunos não partem da língua materna, mas sim da própria produção real do aprendente na língua-alvo, não condiz com os resultados obtidos neste relatório. Salvo aqueles em que não há explicação possível para a sua realização, como acontece com alguns exemplos em modo indicativo, que poderiam ter certo sentido na interlíngua do aluno; pelo contrário, demonstrou-se que os desvios, nomeadamente os relacionados com as formas verbais conjuntivas, provêm da língua materna e não são produto de uma interlíngua intermédia próxima do português.

#### **5.1.6. A transferência e a interferência**

No caso que nos ocupa, concordamos mais com a ideia da transferência, entendida como a utilização de estruturas do espanhol na produção do português, em que o sistema linguístico do primeiro condiciona a aprendizagem de um novo sistema linguístico do segundo. Daí que nos desvios dos alunos possa apontar-se o uso, consciente ou inconsciente, de estruturas conjuntivas espanholas em substituição das formas infinitivas portuguesas (transferência).

De facto, vislumbra-se o uso das ditas estruturas gramaticais provindas da LM para produzir estruturas em LE, produzindo-se uma interferência. Não há dúvida de que existe uma

transferência da primeira sobre a língua-alvo o que é, lembrando as palavras de Marcélia Percegon, “(...) inevitável, pois um aprendiz adulto, involuntariamente, traz consigo o conhecimento da sua L1, diferente de uma criança que, ao aprender sua língua materna, parte de um estágio "zero". (Percegon, 2005: 42)

Para os docentes, é óbvio que, no dia a dia na sala de aula, a LM interfere na aprendizagem de uma LE e deve perceber-se como um processo natural em que o aluno tenta comunicar e produzir na língua-alvo. O problema vem quando no aluno se produz o fenómeno da fossilização linguística que faz com que na sua interlíngua fiquem, de maneira inconsciente e permanente, traços que não são os próprios da língua-alvo, por exemplo, no caso que nos ocupa, traços morfossintáticos que nada têm a ver com o infinitivo flexionado português, com o risco de que a dita fossilização negativa impeça o aluno de atingir um bom desempenho da língua estrangeira.

Se bem que em português algumas formas de infinitivo flexionado são passíveis de serem substituídas por formas do conjuntivo, convém lembrar neste ponto que o aluno, num segundo curso de A2 e, posteriormente, no início de um nível B1, ainda não está preparado para compreender esta possibilidade, circunstância que se trabalha, precisamente, ao longo do nível B1 e B2, pelo que o uso de estruturas conjuntivas deve-se, em verdade, a uma estratégia de evitação ou a um processo natural de interlíngua entre uma passagem de LM a LE.

#### **5.1.7. A didática das línguas segundo Ellis**

Vimos no capítulo 2 que, segundo Ellis, o aluno deverá atingir dois tipos de conhecimento, explícito e implícito, para uma melhor efetivação da aprendizagem de uma LE. No seguimento deste argumento, se tomarmos o infinitivo flexionado como exemplo, o aluno deverá atingir um conhecimento explícito através de atividades de ensino formal, de teor gramatical, focando-as na forma; mas para que exista aquisição e não só aprendizagem, também deverá atingir um conhecimento implícito, isto é, deverá ter em conta os traços linguísticos concretos aprendidos e estar pronto para a incorporação na sua interlíngua, por exemplo, numa atividade de expressão oral ou escrita, tentando a produção o mais correta possível do aprendido, em contexto comunicacional. Ficou demonstrado que não foi o caso, segundo o avaliado na ficha 4.

Contudo, será o conhecimento explícito que leva o aluno a detetar a presença na sua interlíngua de formas não corretas. E eis aqui que entram, segundo Ellis, dois tipos de intervenção didática: uma intervenção direta, a realizar atividades focadas na forma linguística, e uma indireta, a realizar atividades focadas na competência comunicacional em que se procura um uso do português com um maior e melhor emprego dos recursos gramaticais trabalhados.

E a sala de aula torna-se espaço físico e temporal importantíssimo para o dito processo, físico, por ser onde o aluno vai encontrar os meios para desenvolver a sua aprendizagem, apesar da improvabilidade ou impossibilidade do uso do português em contexto real; e temporal, porque vai fazer com que o aluno atinja um nível de aprendizagem da língua-alvo, contando com a sua interlíngua e alicerçando as bases do português para o seu uso comunicacional futuro.

## **5.2. Possíveis soluções**

De acordo com tudo o que foi dito neste capítulo, cabe perguntar quais as possíveis soluções que possam garantir o êxito dos aprendentes hispano-falantes na aprendizagem do infinitivo flexionado português, já no nível-objeto de análise em que se encontram inseridos, já noutras etapas do ensino da língua portuguesa. Algumas já foram apontadas, como por exemplo, que a sala de aula é o espaço idóneo para o professor detetar, avaliar e tentar remediar os erros; e para o aluno desenvolver em condições o mais ótimas possíveis o seu processo de aprendizagem.

Com efeito, os resultados avaliados neste relatório servem para mostrar qual o estado da internalização do infinitivo português e que problemática gera nos alunos no início de um primeiro curso de B1 para, a partir daí, trabalhar no sentido de solucioná-la.

Por um lado, tais desvios devem ajudar o professor a determinar o tipo de retificação a realizar, porque é em contexto de sala de aula que o aluno recebe mais informação sobre o uso adequado desta forma linguística.

Por outro lado, deve prestar-se atenção ao facto de cada aluno ter a sua própria dinâmica de aprendizagem, e pode acontecer que a correção efetuada não produza um efeito imediato sobre aquele. Na verdade, uma mesma técnica de correção não ajuda todos os alunos por igual. No processo de aprendizagem há momentos em que o aluno está melhor preparado para

compreender o erro e a sua correção, porque a sua interlíngua está mais avançada. Daí que seja importante que perceba a correção como um ato positivo.

Por isso, as técnicas de correção deverão ser diferentes dependendo da atividade de aprendizagem: se se praticar uma estrutura, como o infinitivo flexionado, a correção deverá ser feita imediatamente após o erro ocorrer na sequência de exercícios formais; no entanto, em tarefas de produção livre, onde o objetivo é o desenvolvimento da fluência, oral e escrita, não se deve parar a atividade para corrigir o aluno, antes pelo contrário, deve refletir-se sobre os erros no fim da atividade. Finalmente, é conveniente observar o tipo de erros que são cometidos para que a sua sistematização e adoção das técnicas de correção sejam as mais adequadas.

No seguimento do anterior, deveria ter-se em conta a seguinte proposta: dedicar uma aula a explicar as duas realidades em confronto: o infinitivo espanhol e o infinitivo português, isto é, uma aula de carácter contrastivo em que se marquem não tanto as semelhanças, dado serem ambos os dois infinitivos iguais na sua forma não flexionada, como as diferenças, que deverão ser bem explicitadas e esclarecidas. Derivado disto, o docente deveria deixar esclarecido quais são os erros habituais que os aprendentes espanhóis costumam cometer na realização do infinitivo flexionado. Esta listagem de erros habituais ter-se-ia sistematizado pelo docente com antecedência, após uma aprofundada investigação a respeito.

De acordo com o que foi dito, poderia sintetizar-se nalgumas dicas para um melhor êxito no trabalho linguístico, visando a sua aquisição, além da aprendizagem:

- Se o infinitivo flexionado não for imediatamente compreendido pelo aluno, será questão de tempo que o aluno atinja a sua maturidade a este respeito.

- Para o aluno será sempre mais fácil compreender o infinitivo flexionado se consegue interiorizá-lo segundo o seu próprio sistema de trabalho, porque permanecerá mais firmemente nele, e por mais tempo, que se fica apenas com a explicação do professor de maneira passiva. Neste sentido, um bom professor não é quem "pode explicar bem", mas quem ajuda o aluno a uma assimilação mais profunda.

- Oferecer textos orais e/ou escritos em que o aluno terá que encontrar e poderá comprovar na comunicação real a técnica e a realização do infinitivo flexionado. O professor irá intervir o menos possível e ajudá-lo somente quando o aluno não esteja suficientemente orientado ou fique desorientado ou atrapalhado.

- Conseguir que o aluno não pense na língua-alvo como um conjunto de regras, mas

como um meio de expressar os seus pensamentos e aprender coisas novas e interessantes. O infinitivo flexionado, apesar da dificuldade que isto implica, é um fenómeno único entre as línguas latinas, uma raridade ou excentricidade linguística, e por aqui se pode atrair a atenção e o interesse do aluno, e embora inicialmente não o perceba, de certeza vai ficar mais recetivo.

- Nesta linha, o docente deverá preparar atividades que se relacionem com temas que interessem ao aluno.

- Finalmente, inculcar no aluno a ideia de que o erro não é mau, que não tenha medo de errar: ninguém aprende uma língua sem cometer erros. De facto, se o aluno não cometer erros, significa que não está a progredir. Não é possível o professor corrigir todos os erros, simplesmente porque seria inútil, além de que o aluno vai continuar a cometê-los. A ideia-chave é corrigir uma parte dos erros no momento certo.

## **Bibliografia**

- BARBOSA, Jerónimo Soares (1822). *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem*. Lisboa: Academia Real das Sciencias. <http://purl.pt/128> [28 de julho de 2016].
- CARRASCO GONZÁLEZ, J. M. (1999). *Manual de iniciación a la lengua portuguesa*. Barcelona: Ariel.
- CARRERA DE LA RED, M. & RODRIGUES, J.M. (2006). *Las equivalencias en el español del infinitivo flexionado portugués: una perspectiva contrastiva*. Boletín de Lingüística, 26, 63-101.
- CENTRO VIRTUAL CERVANTES (CVC) (s.d.). "Conocimiento lingüístico"; "Fosilización"; "Interferencia"; "Interlengua"; "Transferencia". *Diccionario de términos clave de ELE*. [http://cvc.cervantes.es/Ensenanza/biblioteca\\_ele/diccio\\_ele/indice.htm](http://cvc.cervantes.es/Ensenanza/biblioteca_ele/diccio_ele/indice.htm) [várias datas].
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. Porto: Edições Asa.
- CORONADO GONZÁLEZ, M<sup>a</sup> Luisa (2005). *Las correcciones de los textos escritos por los estudiantes de español*. Madrid. <https://repositorio.uam.es> [27 de julho de 2016]
- CUNHA, C. & CINTRA, L. (1997). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- ELLIS, Rod (2005). *La adquisición de segundas lenguas en contexto de enseñanza. Análisis de las investigaciones existentes*. Wellington: Departamento Técnico del Ministerio de Educación de Nueva Zelanda (Tradução e versão espanhola: Gonzalo Abio; Javier Sánchez e Agustín Yagüe).
- FERNÁNDEZ JÓDAR, Raúl (2006). *Análisis de errores léxicos, morfosintácticos y gráficos en la lengua escrita de los aprendices polacos de español*. Poznan. [http://www.mecd.gob.es/dctm/redele/MaterialRedEle/Biblioteca/2007\\_BV\\_08/2007\\_BV\\_08\\_10RaulFernandez.pdf?documentId=0901e72b80e5384f](http://www.mecd.gob.es/dctm/redele/MaterialRedEle/Biblioteca/2007_BV_08/2007_BV_08_10RaulFernandez.pdf?documentId=0901e72b80e5384f) [28 de julho de 2016]
- FERRÁN SALVADOR, Jose M<sup>a</sup> (1990). "La corrección del error: fundamentos, criterios, técnicas." *Didáctica de las segundas lenguas*, Madrid: Santillana.

- FIDALGO ENRÍQUEZ, Francisco José (2012). *¿Un infinitivo personal en español?* Atas do IV Congresso sobre o ensino de espanhol em Portugal. Évora: 60-79. <http://redined.mecd.gob.es> [24 de julho de 2014].
- FREITAS, Luisa Leite Santos de. (2012). *O infinitivo flexionado no galego e no português: panorama da diacronia à sincronia*. Brasília. <http://bdm.unb.br> [7 de agosto de 2016].
- GROSSO, M<sup>a</sup> José Reis (2008). "A gramática pedagógica no ensino-aprendizagem das línguas." *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira. Da(s) Teoria(s) à(s) Prática(s)*. M<sup>a</sup> José Grosso (Dir.); Paula Osório e Rosa Marina Meyer (Coord.). LIDEL: 109-113.
- GROSSO, M<sup>a</sup> José Reis (Coord.), SOARES, António, SOUSA, Fernanda de e PASCOAL, José (2011). *QuaREPE. Quadro de Referência para o Ensino de Português no Estrangeiro. Documento Orientador*. Ministério da Educação e Ciência.
- LEBRÓN FUENTES, Antonio F. (2009). *Teorías generales sobre el aprendizaje y la adquisición de una lengua extranjera*. Temas para la educación. Revista digital para profesionales de la enseñanza, n.º 3. <https://www.feandalucia.ccoo.es/docu/p5sd5070.pdf> [2 de agosto de 2016]
- KEMMLER, Rof. (2013). *Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latinoportuguesa nos séculos XV a XIX*. Santiago de Compostela: Veredas, 145-176. <http://hdl.handle.net/10316.2/34567> [26 de julho de 2016].
- KRASHEN, Stephen (1985). "El modelo del monitor y la actuación de los adultos en L2." Em J. Muñoz Liceras (1992). *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid: Visor. Colección Lingüística y Conocimiento, n.º 14. 143-151 [http://lenguaespa.usal.es/html/es/dbfs/download.html?fileId=889&PHPSESSID=mgc3p00uorud713t8vnholgnl2&\\_key\\_=aaac1d3e05176b46851e27e9d1de0a2b](http://lenguaespa.usal.es/html/es/dbfs/download.html?fileId=889&PHPSESSID=mgc3p00uorud713t8vnholgnl2&_key_=aaac1d3e05176b46851e27e9d1de0a2b) [4 de agosto de 2016]
- LOBATO, António José dos Reis (1770). *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Na Regia Officina Typografica. <http://purl.pt/196> [10 de setembro de 2016]
- MADEIRA, Ana (2008). *Aquisição de L2*. Português Língua Segunda e Língua Estrangeira. Da(s) Teoria(s) à(s) Prática(s). M<sup>a</sup> José Grosso (Dir.); Paula Osório e Rosa Marina Meyer (Coord.). LIDEL. 189-203
- MARTÍN PERIS, Ernesto (1996). *Las actividades de aprendizaje en los manuales para la enseñanza de Español como Lengua Extranjera (ELE)*. Barcelona.

[http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/64024/1/01.%20EMP\\_1de3.pdf](http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/64024/1/01.%20EMP_1de3.pdf) [2 de agosto de 2016]

MARTÍN PERIS, Ernesto (1998). "Gramática y enseñanza de segunda lenguas." Em *La enseñanza de la gramática de español / lengua extranjera: diferentes aproximaciones. Carabela*, n.º 43, Madrid: SGEL. 5-32

MONTEIRO, J. L. (1996). "A variação do infinitivo em português." *Revista de Letras* – v. 18 – n.º 1, 62-68.

MUÑOZ LICERAS, Juana (1992). *La adquisición de las lenguas extranjeras*, Madrid: Visor.

MÚRIAS, A. (2008). "Infinitivo flexionado / não flexionado: uma questão de gosto?" Em *A Folha. Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias* n.º 28. Bruxelas: 1-7. <http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine> [24 de julho de 2014]

NAKAYAMA, M. A., & GALEMBECK, P. T. (2009). "Infinitivo flexionado: origem e uso." Em *Boletim* n.º 57. *Revista da Área de Humanas*. Londres: EDUEL, 27-54.

OLIVEIRA, Carla; COELHO, Luísa. (2007). *Aprender Português 2. Nível B1. Curso Elementar de Língua Portuguesa para Estrangeiros de Acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Direção e Coordenação: Professor Doutor João Malaca Casteleiro. Lisboa: Texto Editora.

PERCEGONA, Marcélia S. (2005). *A fossilização no processo de aquisição de segunda língua*. Curitiba. <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/2632> [28 de agosto de 2015]

PÉREZ VÁZQUEZ, Enriqueta.; SAN VICENTE, Félix (2006). "Las formas verbales no flexionadas y su estandarización: el infinitivo." *Rivista on line di studi interdisciplinari su lingue e cultura*. (1-22) [http://www.mediazionionline.it/articoli/Perez\\_print.htm](http://www.mediazionionline.it/articoli/Perez_print.htm) [24 de julho de 2015].

PONCE DE LEON, Rogelio. (2004). "El tratamiento del infinitivo flexionado en los tratados gramaticales latino-portugueses renacentistas." *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*, 4, 53-64.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA & ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. (2009-2011). *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa. [Edición en línea ([www.rae.es](http://www.rae.es))]. <http://www.rae.es/recursos/gramatica/nueva-gramatica> [05/08/2016].

REI, J. Esteve (2008). "Prefácio". *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira. Da(s) Teoria(s) à(s) Prática(s)*. Mª José Grosso (Dir.); Paula Osório e Rosa Marina Meyer (Coord.).

LIDEL: 11-13.

ROBOREDO, Amaro de. (2007). *Methodo Grammatical para todas as Línguas*. Edição facsimilada. Prefácio e Estudo Introdutório: Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Coleção Linguística 1. Centro de estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real. <http://www.utad.pt/vPT/Area2/investigar/CEL/CelCollections> [4 de agosto de 2015]

ROSA, Leonel Melo. (1997). *Vamos Lá Continuar! Explicações e Exercícios de Gramática e de Vocabulário. Níveis Intermédio e Avançado*. Lisboa: Lidel. Edições Técnicas.

TAVARES, Ana. (2011). *Português XXI-2. Nível A2*. Lisboa: Lidel. Edições Técnicas, 2011.

\_\_\_\_\_ (2011). *Português XXI-3. Nível B1*. Lisboa: Lidel. Edições Técnicas.

TEYSSIER, P. (1989). *Manual de Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.

*O uso do infinitivo flexionado por alunos hispanofalantes de português língua estrangeira de nível B1.  
Um estudo de caso*

## **Anexos**

## **Anexo A**

No Anexo A apresentam-se os quatro exercícios relacionados com o infinitivo flexionado que os alunos selecionados para este relatório fizeram em outubro-novembro de 2014, listados com os nomes de Ficha 1, Ficha 2, Ficha 3 e Ficha 4.

### **I. Ficha 1**

**Complete as frases com os verbos na forma adequada:**

- a) É importante \_\_\_\_\_ (nós/acreditar) no futuro.
- b) Até \_\_\_\_\_ (vocês / dizer) a verdade, não saem daqui.
- c) Será bom \_\_\_\_\_ (nós / fazer) alguma coisa pelo meio ambiente.
- d) Eles ficaram em casa por \_\_\_\_\_ (estar) doentes.
- e) Acho interessante \_\_\_\_\_ (eles / praticar) judo.
- f) A Ana e o João vieram para me \_\_\_\_\_ (ajudar) a arrumar tudo.
- g) É útil \_\_\_\_\_ (nós / aprender) artes marciais.
- h) Eles disseram que não iam trabalhar sem o médico \_\_\_\_\_ (passar) o atestado médico.
- i) Ana, é preciso \_\_\_\_\_ (ir) ao supermercado comprar pão.
- j) Chegaste mais tarde por \_\_\_\_\_ (tu / ir) a pé.
- k) Achamos ótimo \_\_\_\_\_ (tu / estudar) no estrangeiro.
- l) Depois de \_\_\_\_\_ (eles / ver) o filme, regressaram à casa deles.
- m) Apesar de \_\_\_\_\_ (nós / estar) doentes, fomos trabalhar.
- n) Antes de \_\_\_\_\_ (tu / sair) desliga a televisão.
- o) Em vez de \_\_\_\_\_ (lamentar-se), porque é que não fazes alguma coisa?

## **II. Ficha 2**

**Complete as frases com os verbos na forma adequada:**

- a) Pode ser útil \_\_\_\_\_ (tu / conservar) o recibo das compras.
- b) É muito importante não \_\_\_\_\_ (vocês / deixar) passar o prazo.
- c) Antes de \_\_\_\_\_ (vocês / decidir-se), pensem bem no assunto.
- d) Depois de \_\_\_\_\_ (nós / tomar) uma decisão, avisamos-te.
- e) Eles \_\_\_\_\_ (andar a estudar) há cinco anos.
- f) Eu \_\_\_\_\_ (estar a ver) televisão, quando ele chegou.
- g) Ele \_\_\_\_\_ (ficar a observar) as aves todo o dia.
- h) Acho bom \_\_\_\_\_ (você / deixar) de fumar rapidamente.
- i) O Pedro pediu para o Paulo \_\_\_\_\_ (ir) a casa dele este noite.
- j) Eles queriam \_\_\_\_\_ (trazer) o João, mas ele não quis vir.
- k) Nós gostámos muito de vos \_\_\_\_\_ (ver).
- l) Não precisas de me \_\_\_\_\_ (trazer) o livro.
- m) Foi-lhes impossível \_\_\_\_\_ (controlar) a situação.
- n) Nós procuramos \_\_\_\_\_ (melhorar) a situação.
- o) Os meninos ficaram a \_\_\_\_\_ (dormir) quando saí do quarto.

### **III. Ficha 3**

#### **Complete o texto com os verbos na forma adequada:**

Antes de nós \_\_\_\_\_ (acabar) o curso de Português, \_\_\_\_\_ (pensar) fazer uma apresentação dos nossos países. É importante \_\_\_\_\_ (trazer) um mapa, algumas fotografias ou folhetos de uma agência de viagens para os colegas mais facilmente \_\_\_\_\_ (compreender) o que nós \_\_\_\_\_ (estar) a dizer e se \_\_\_\_\_ (poder) orientar melhor. Certamente nós \_\_\_\_\_ (aprender) e \_\_\_\_\_ (ensinar) também muitas coisas interessantes. Depois de nós \_\_\_\_\_ (fazer) as apresentações, \_\_\_\_\_ (poder) pensar num programa de culinária típica de cada país para \_\_\_\_\_ (conhecer) ainda mais profundamente as outras culturas.

O meu amigo André é quem teve a ideia de o \_\_\_\_\_ (fazer). Ele gosta muito de viajar. \_\_\_\_\_ (ir) muitas vezes às agências de viagens, \_\_\_\_\_ (pedir) catálogos e informações, \_\_\_\_\_ (perguntar) preços. Ele \_\_\_\_\_ (desejar) tanto viajar, que já não \_\_\_\_\_ (saber) distinguir o sonho da realidade. Ultimamente \_\_\_\_\_ (comprar) alguns livros sobre países mais exóticos e \_\_\_\_\_ (fazer) muitos planos para uma futura viagem inesquecível.

Este ano, a namorada dele, a Sofia, e os amigos \_\_\_\_\_ (decidir) festejar a passagem de ano fora de casa. Eles \_\_\_\_\_ (querer) sair para a rua, para \_\_\_\_\_ (ver) o fogo de artifício. \_\_\_\_\_ (combinar) encontrar-se às dez da noite. A Sofia não \_\_\_\_\_ (ser) nada pontual e \_\_\_\_\_ (chegar) sempre atrasada a todo o lado, por isso quando todos \_\_\_\_\_ (encontrar-se), já \_\_\_\_\_ (ser) 11h00. Eles \_\_\_\_\_ (pensar) que \_\_\_\_\_ (ir) chegar atrasados à festa. A Sofia \_\_\_\_\_ (sentir-se) mal por \_\_\_\_\_ (ser) ela a culpada do atraso. Quem salvou a situação foi o André, que \_\_\_\_\_ (levar) duas garrafas de espumante. Depois de todos \_\_\_\_\_ (beber), \_\_\_\_\_ (acalmar-se). No fim de contas, \_\_\_\_\_ (estar) todo juntos.

#### **IV. Ficha 4**

##### **Expressão Escrita**

##### **Tarefa 1**

Quando viajamos para outros países, devemos tentar conhecer e aceitar as diferenças, os usos, as tradições e ter um espírito aberto... Mas nem sempre é assim. Fale sobre este tema. A composição deverá ter entre 120 e 150 palavras. VALOR DA TAREFA: 10 valores.

## **Anexo B**

No anexo B apresentam-se as catorze tabelas dos resultados obtidos da realização dos quatro exercícios incorporados no Anexo A por parte dos alunos. Ditos resultados estão indicados em algarismo, representando cada um o número exato de um resultado dado, e dos quais se inferiu os índices percentuais desses mesmos resultados incluídos e analisados no capítulo 4 deste relatório, quer nas tabelas, quer nos gráficos nele contidos. Todas as tabelas são da minha autoria.

### **I. Tabela 1. Resultados corretos por aluno e ficha de Infinitivos Flexionados.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>133</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 1                             | 1                            | 4                            | 1                                        |
| <b>Aluno B</b> | 13                            | 5                            | 5                            | 0                                        |
| <b>Aluno C</b> | 10                            | 4                            | 2                            | 5                                        |
| <b>Aluno D</b> | 12                            | 4                            | 2                            | 2                                        |
| <b>Aluno E</b> | 4                             | 3                            | 5                            | 0                                        |
| <b>Aluno F</b> | 4                             | 4                            | 2                            | 0                                        |
| <b>Aluno G</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        |
| <b>Aluno H</b> | 8                             | 0                            | 1                            | 1                                        |
| <b>Aluno I</b> | 1                             | 1                            | 1                            | 0                                        |
| <b>Aluno J</b> | 3                             | 1                            | 1                            | 1                                        |
| <b>Aluno K</b> | 11                            | 5                            | 2                            | 2                                        |
| <b>Aluno L</b> | 13                            | 5                            | 4                            | 3                                        |

---

<sup>133</sup> Total de infinitivos pessoais que aparecem nas composições, independentemente de que estejam bem usados.

## **II. Tabela 2. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Presente do Conjuntivo.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>134</sup></b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>135</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------------------|------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 3                             | 3                            | 0                            | 0                                        | 1                                        |
| <b>Aluno B</b> | 0                             | 1                            | 2                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno C</b> | 2                             | 2                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno D</b> | 0                             | 1                            | 3                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno E</b> | 6                             | 1                            | 1                            | 0                                        | 1                                        |
| <b>Aluno F</b> | 3                             | 1                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno G</b> | 4                             | 3                            | 5                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno H</b> | 2                             | 4                            | 2                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno I</b> | 5                             | 2                            | 2                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno J</b> | 7                             | 4                            | 3                            | 0                                        | 2                                        |
| <b>Aluno K</b> | 1                             | 1                            | 2                            | 0                                        | 2                                        |
| <b>Aluno L</b> | 1                             | 0                            | 2                            | 0                                        | 1                                        |

134 Total de presentes do conjuntivo que substituem as ocorrências dos infinitivos pessoais que aparecem nas composições por aluno.

135 Total de ocorrências de estruturas suscetíveis de serem infinitivos pessoais substituídas por presentes do conjuntivo que aparecem nas composições por aluno.

**III. Tabela 3. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>136</sup></b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>137</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------------------|------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 3                             | 1                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno B</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno C</b> | 0                             | 0                            | 4                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno D</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno E</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno F</b> | 1                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno G</b> | 1                             | 1                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno H</b> | 2                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno I</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno J</b> | 0                             | 1                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno K</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno L</b> | 0                             | 1                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |

136 Total de imperfeitos do conjuntivo que substituem as ocorrências dos infinitivos pessoais que aparecem nas composições por aluno.

137 Total de ocorrências de estruturas susceptíveis de serem infinitivos pessoais substituídas por imperfeitos do conjuntivo que aparecem nas composições por aluno.

**IV. Tabela 4. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Presente do Indicativo.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>138</sup></b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>139</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------------------|------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 1                             | 0                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno B</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno C</b> | 0                             | 1                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno D</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno E</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno F</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno G</b> | 2                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno H</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno I</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno J</b> | 1                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno K</b> | 1                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno L</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |

138 Total de presentes do conjuntivo que substituem as ocorrências dos infinitivos pessoais que aparecem nas composições por aluno.

139 Total de ocorrências de estruturas suscetíveis de serem infinitivos pessoais substituídas por presentes do conjuntivo que aparecem nas composições por aluno.

**V. Tabela 5. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Pretérito Perfeito Simples do Indicativo.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>140</sup></b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>141</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------------------|------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 2                             | 1                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno B</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno C</b> | 0                             | 0                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno D</b> | 0                             | 0                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno E</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno F</b> | 1                             | 0                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno G</b> | 1                             | 0                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno H</b> | 0                             | 0                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno I</b> | 1                             | 0                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno J</b> | 0                             | 0                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno K</b> | 0                             | 0                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno L</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |

140 Total de presentes do conjuntivo que substituem as ocorrências dos infinitivos pessoais que aparecem nas composições por aluno.

141 Total de ocorrências de estruturas susceptíveis de serem infinitivos pessoais substituídas por presentes do conjuntivo que aparecem nas composições por aluno.

**VI. Tabela 6. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Pretérito Imperfeito do Indicativo.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>142</sup></b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>143</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------------------|------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 2                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno B</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno C</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno D</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno E</b> | 0                             | 1                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno F</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno G</b> | 2                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno H</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno I</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno J</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno K</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno L</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |

142 Total de presentes do conjuntivo que substituem as ocorrências dos infinitivos pessoais que aparecem nas composições por aluno.

143 Total de ocorrências de estruturas susceptíveis de serem infinitivos pessoais substituídas por presentes do conjuntivo que aparecem nas composições por aluno.

**VII. Tabela 7. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por Futuro Imperfeito do Indicativo.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>144</sup></b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>145</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------------------|------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 1                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno B</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno C</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno D</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno E</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno F</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno G</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno H</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno I</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno J</b> | 0                             | 0                            | 3                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno K</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno L</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |

144 Total de presentes do conjuntivo que substituem as ocorrências dos infinitivos pessoais que aparecem nas composições por aluno.

145 Total de ocorrências de estruturas susceptíveis de serem infinitivos pessoais substituídas por presentes do conjuntivo que aparecem nas composições por aluno.

**VIII. Tabela 8. Ocorrências por aluno e ficha de substituição de Infinitivo Flexionado por outras formas de Infinitivo Flexionado incorretas ou por Infinitivo Não Flexionado.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>146</sup></b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>147</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------------------|------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 2                             | 1                            | 2                            | 1                                        | 1                                        |
| <b>Aluno B</b> | 2                             | 1                            | 2                            | 0                                        | 4                                        |
| <b>Aluno C</b> | 3                             | 0                            | 2                            | 2                                        | 0                                        |
| <b>Aluno D</b> | 3                             | 2                            | 3                            | 1                                        | 1                                        |
| <b>Aluno E</b> | 5                             | 2                            | 3                            | 0                                        | 3                                        |
| <b>Aluno F</b> | 6                             | 2                            | 4                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno G</b> | 4                             | 1                            | 0                            | 0                                        | 1                                        |
| <b>Aluno H</b> | 3                             | 3                            | 5                            | 1                                        | 0                                        |
| <b>Aluno I</b> | 8                             | 4                            | 5                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno J</b> | 1                             | 0                            | 1                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno K</b> | 2                             | 1                            | 4                            | 1                                        | 0                                        |
| <b>Aluno L</b> | 1                             | 1                            | 3                            | 1                                        | 2                                        |

146 Total de presentes do conjuntivo que substituem as ocorrências dos infinitivos pessoais que aparecem nas composições por aluno.

147 Total de ocorrências de estruturas suscetíveis de serem infinitivos pessoais substituídas por presentes do conjuntivo que aparecem nas composições por aluno.

**IX. Tabela 9. Ocorrências sem resposta por aluno e ficha.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>148</sup></b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>149</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------------------|------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno B</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno C</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno D</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno E</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno F</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno G</b> | 1                             | 2                            | 3                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno H</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno I</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno J</b> | 3                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno K</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |
| <b>Aluno L</b> | 0                             | 0                            | 0                            | 0                                        | 0                                        |

---

148 Total de presentes do conjuntivo que substituem as ocorrências dos infinitivos pessoais que aparecem nas composições por aluno.

149 Total de ocorrências de estruturas susceptíveis de serem infinitivos pessoais substituídas por presentes do conjuntivo que aparecem nas composições por aluno.

**X. Tabela 10. Total de ocorrências do Conjuntivo sobre o total de erros por aluno e ficha.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Total<br/>(sobre 31)<sup>150</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|-------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 6 de 14                       | 4 de 6                       | 1 de 5                       | 11 de 25                                  |
| <b>Aluno B</b> | 0 de 2                        | 1 de 2                       | 2 de 4                       | 3 de 8                                    |
| <b>Aluno C</b> | 2 de 5                        | 2 de 3                       | 4 de 7                       | 8 de 15                                   |
| <b>Aluno D</b> | 0 de 3                        | 1 de 3                       | 3 de 7                       | 4 de 13                                   |
| <b>Aluno E</b> | 6 de 11                       | 1 de 4                       | 1 de 4                       | 8 de 19                                   |
| <b>Aluno F</b> | 4 de 11                       | 1 de 3                       | 2 de 7                       | 7 de 21                                   |
| <b>Aluno G</b> | 5 de 15                       | 4 de 7                       | 5 de 9                       | 14 de 31                                  |
| <b>Aluno H</b> | 4 de 7                        | 4 de 7                       | 2 de 8                       | 10 de 22                                  |
| <b>Aluno I</b> | 5 de 14                       | 2 de 6                       | 2 de 8                       | 9 de 28                                   |
| <b>Aluno J</b> | 7 de 12                       | 6 de 6                       | 3 de 8                       | 16 de 26                                  |
| <b>Aluno K</b> | 1 de 4                        | 1 de 2                       | 2 de 7                       | 4 de 13                                   |
| <b>Aluno L</b> | 1 de 2                        | 1 de 2                       | 2 de 5                       | 4 de 9                                    |

---

150 Total de ocorrências do conjuntivo em substituição de infinitivo flexionado sobre o total de respostas erradas.

**XI. Tabela 11. Total de ocorrências do Indicativo sobre o total de erros por aluno e ficha.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Total<br/>(sobre 31)<sup>151</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|-------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 6 de 14                       | 1 de 6                       | 2 de 5                       | 9 de 25                                   |
| <b>Aluno B</b> | 0 de 2                        | 0 de 2                       | 0 de 4                       | 0 de 8                                    |
| <b>Aluno C</b> | 0 de 5                        | 1 de 3                       | 1 de 7                       | 2 de 15                                   |
| <b>Aluno D</b> | 0 de 3                        | 0 de 3                       | 1 de 7                       | 1 de 13                                   |
| <b>Aluno E</b> | 0 de 11                       | 1 de 4                       | 0 de 4                       | 1 de 19                                   |
| <b>Aluno F</b> | 1 de 11                       | 0 de 3                       | 1 de 7                       | 2 de 21                                   |
| <b>Aluno G</b> | 5 de 15                       | 0 de 7                       | 1 de 9                       | 6 de 31                                   |
| <b>Aluno H</b> | 0 de 7                        | 0 de 7                       | 1 de 8                       | 1 de 22                                   |
| <b>Aluno I</b> | 1 de 14                       | 0 de 6                       | 1 de 8                       | 2 de 28                                   |
| <b>Aluno J</b> | 1 de 12                       | 0 de 6                       | 4 de 8                       | 5 de 26                                   |
| <b>Aluno K</b> | 1 de 4                        | 0 de 2                       | 1 de 7                       | 2 de 13                                   |
| <b>Aluno L</b> | 0 de 2                        | 0 de 2                       | 0 de 5                       | 0 de 9                                    |

---

151 Total de ocorrências do conjuntivo em substituição de infinitivo flexionado sobre o total de respostas erradas.

**XII. Tabela 12. Total de ocorrências de Infinitivo Flexionado incorreto, Infinitivo Não Flexionado e espaços sem resposta sobre o total de erros por aluno e ficha.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Total<br/>(sobre 31)<sup>152</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|-------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 2 de 14                       | 1 de 6                       | 2 de 5                       | 5 de 25                                   |
| <b>Aluno B</b> | 2 de 2                        | 1 de 2                       | 2 de 4                       | 5 de 8                                    |
| <b>Aluno C</b> | 3 de 5                        | 0 de 3                       | 2 de 7                       | 5 de 15                                   |
| <b>Aluno D</b> | 3 de 3                        | 2 de 3                       | 3 de 7                       | 8 de 13                                   |
| <b>Aluno E</b> | 5 de 11                       | 2 de 4                       | 3 de 4                       | 10 de 19                                  |
| <b>Aluno F</b> | 6 de 11                       | 2 de 3                       | 4 de 7                       | 12 de 21                                  |
| <b>Aluno G</b> | 5 de 15                       | 3 de 7                       | 3 de 9                       | 11 de 31                                  |
| <b>Aluno H</b> | 3 de 7                        | 3 de 7                       | 5 de 8                       | 11 de 22                                  |
| <b>Aluno I</b> | 8 de 14                       | 4 de 6                       | 5 de 8                       | 17 de 28                                  |
| <b>Aluno J</b> | 4 de 12                       | 0 de 6                       | 1 de 8                       | 5 de 26                                   |
| <b>Aluno K</b> | 2 de 4                        | 1 de 2                       | 4 de 7                       | 7 de 13                                   |
| <b>Aluno L</b> | 1 de 2                        | 1 de 2                       | 3 de 5                       | 5 de 9                                    |

**XIII. Tabela 13. Total de erros por grupos de resposta sobre 230 erros possíveis (100%).**

| <b>Grupos de resposta</b>      | <b>Total de erros</b> |
|--------------------------------|-----------------------|
| <b>Infinitivo/Sem resposta</b> | 101 (44%)             |
| <b>Conjuntivo</b>              | 98 (43%)              |
| <b>Indicativo</b>              | 31 (13%)              |

<sup>152</sup> Total de ocorrências do conjuntivo em substituição de infinitivo flexionado sobre o total de respostas erradas.

**XIV. Tabela 14. Resultados incorretos por aluno e ficha e Infinitivos Flexionados na expressão escrita.**

|                | <b>Ficha 1<br/>(sobre 15)</b> | <b>Ficha 2<br/>(sobre 7)</b> | <b>Ficha 3<br/>(sobre 9)</b> | <b>Total<br/>(sobre 31)</b> | <b>Ficha 4<br/>(livre)<sup>153</sup></b> |
|----------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|-----------------------------|------------------------------------------|
| <b>Aluno A</b> | 14                            | 6                            | 5                            | 25                          | 1                                        |
| <b>Aluno B</b> | 2                             | 2                            | 4                            | 8                           | 0                                        |
| <b>Aluno C</b> | 5                             | 3                            | 6                            | 14                          | 5                                        |
| <b>Aluno D</b> | 3                             | 3                            | 7                            | 13                          | 2                                        |
| <b>Aluno E</b> | 11                            | 4                            | 4                            | 19                          | 0                                        |
| <b>Aluno F</b> | 11                            | 3                            | 7                            | 21                          | 0                                        |
| <b>Aluno G</b> | 15                            | 7                            | 9                            | 31                          | 0                                        |
| <b>Aluno H</b> | 7                             | 7                            | 8                            | 22                          | 1                                        |
| <b>Aluno I</b> | 14                            | 6                            | 8                            | 28                          | 0                                        |
| <b>Aluno J</b> | 12                            | 6                            | 8                            | 26                          | 1                                        |
| <b>Aluno K</b> | 4                             | 2                            | 7                            | 13                          | 2                                        |
| <b>Aluno L</b> | 2                             | 2                            | 5                            | 9                           | 3                                        |

---

153 Total de infinitivos flexionados que aparecem nas composições, independentemente de que estejam bem usados.

## **Anexo C**

Ver ficheiro anexo.

Neste anexo poder-se-ão ver os exercícios realizados pelos alunos num total de 48 fichas, quatro por cada aluno (ver Anexo A).